



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**Consolidando uma proposta de Família Linguística Boróro.  
Contribuição aos estudos histórico-comparativos do Tronco  
Macro-Jê**

**Lidiane Szerwinsk Camargos**

Brasília/2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**Consolidando uma proposta de Família Linguística Boróro.  
Contribuição aos estudos histórico-comparativos do Tronco  
Macro-Jê**

**Lidiane Szerwinsk Camargos**

**Orientador:  
Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues**

**Co-orientadora:  
Profa. Dra Ana Suely Arruda Câmara Cabral**

Brasília/2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**Consolidando uma proposta de Família Linguística Boróro.  
Contribuição aos estudos histórico-comparativos do Tronco  
Macro-Jê**

**Lidiane Szerwinsk Camargos**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Doutora em Linguística.

Brasília/2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TESE DE DOUTORADO:

**Consolidando uma proposta de Família Linguística Boróro.  
Contribuição aos estudos histórico-comparativos do Tronco Macro-Jê**

**Lidiane Szerwinsk Camargos**

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, UnB (Presidente)  
Profa. Dra. Enilde Leite de Jesus Faulstich, UnB (Membro interno)  
Profa. Dra. Rozana Reigota Naves, UnB (membro interno)  
Profa. Dr. Wilmar D'Angelis, UNICAMP (membro externo)  
Porf. Dr. Andrébio Márcio Silva Martins, UFGD (membro externo)  
Prof. Dr. Thiago Chacon, UCB (membro suplente)

Brasília/2013

*Ao grande mestre Aryon Dall'Igna Rodrigues,  
por uma vida dedicada aos povos indígenas do  
Brasil e pelos exemplos*

## AGRADECIMENTOS

Ao grande mestre professor Aryon D. Rodrigues pelos ensinamentos e discussões que dia-a-dia me instigavam mais para a pesquisa linguística. Agradeço-lhe também, pela honra de ter sido sua orientanda e pelas lições não apenas de linguística, mas também de ética e moralidade na minha formação como pesquisadora de línguas indígenas brasileiras.

À professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral por ter-me apresentado ao mundo das línguas indígenas brasileiras e pelo constante estímulo à pesquisa. Agradeço-lhe ainda, pelas sábias discussões que me fizeram (e me fazem) refletir e amadurecer. Por me ensinar que pesquisar uma língua indígena é muito mais que fazer uma ‘simples’ descrição linguística. Por fim, agradeço por seu imenso apoio e dedicação, sobretudo, dos últimos tempos. Pelas noites que lhe roubei, pelos finais de semana de estudo e árdua orientação.

Aos índios Boróro das aldeias de *Merúri* e *Nabure iau*, em especial aos caciques e pais de coração, Seu Frederico e Dona Santa, que me receberam na aldeia de braços abertos e com os quais pude aprender um pouco mais da língua e da cultura desse povo.

Aos amigos do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) Ana Maria Aguilar, Ariel Pheula, Áustria Brito, Chandra Viegas, Fernando Órfão, Joaquim Kaxinawá, Kaman Chandro, Makaulaka Mehinako, Nanblá Gakran, Paltú kamaiwrá, Sanderson Castro, Wary Kamaiura Sabino pela amizade e pela valiosa troca de saberes. Em especial, à Suseile de Souza, pela amizade, carinho, apoio e dedicação ao longo dessa etapa; ao Jorge Lopes pela preciosa ajuda nos momentos finais. Enfim, aos amigos do Programa de Pós-Graduação com os quais pude compartilhar trocas de experiências e discussões gerais sobre linguística, cultura, línguas indígenas brasileiras, dentre outros.

Aos professores Enilde Leite de Jesus Faulstich, Wilmar D’Angelis, Andérbio Márcio Silva Martins e Thiago Chacon pelas importantes contribuições e reflexões durante a defesa desta tese.

À Vera Sinha, pelo alto astral, incentivo e alegria contagiante e pela preciosa ajuda, juntamente com Chris Sinha, com a tradução e a revisão para o inglês.

À Renata e à Ângela, secretarias do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pelo apoio constante.

Ao Guilherme Paranhos, meu esposo, pelo suporte constante, carinho e compreensão durante a finalização deste trabalho.

À minha família, pelo apoio incomensurável. Sobretudo, ao meu pai, José Maria Camargos, à minha mãe, Sônia Maria Szerwinsk Camargos, aos meus irmãos Rafael Camargos, Guilherme Camargos e Marina Camargos por acreditarem em meu potencial e pelo estímulo constante aos meus estudos.

À Nara Suelly e à Rosyonne pelos incentivos e vibrações positivas.

Às amigas, Andressa Paiva, Marina Marinho e Layane Lima pela amizade e pelas palavras de carinho e de estímulo constante.

Ao amigo Paulo Henrique Ribeiro pelas conversas amigas e motivadoras.

Por fim, a todos que contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho.

Muito obrigada!

*“O homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só a terra, mas na alma do meu povo, e os rios cresceram, e o mar se tornou mais salgado porque as lágrimas da minha gente foram muitas.”*

**Cibaw Eworo (ou Lourenço Rondon), Índio Boróro**





## RESUMO

Esta tese foi desenvolvida à luz do Método Histórico-Comparativo. Consistiu na comparação de dados lexicais e gramaticais das línguas Bororó, Umutína e Otúke. A comparação lexical, que tomou como referência 176 etimologias com dados das três línguas, permitiu a identificação de correspondências sonoras e de significado que fundamentaram a hipótese de Rodrigues (1999) de uma família Boróro constituída de cinco membros. A comparação contribuiu também para o avanço da hipótese de um agrupamento genético Macro-Jê. As fontes de dados utilizados no presente estudo foram: para o Boróro, a Enciclopédia Boróro (em 3 volumes, respectivamente, 1962, 1969 e 1976), a *Grammar of Bororo* (1979) e o Pequeno Dicionário Boróro-Português (2005); para o Umutína, lançou-se mão da dissertação de mestrado da Stella Lima (1995) e dos dados coletados pelos etnólogos Max Schmidt (1928) e Harald Schultz (1952); e para a língua Otúke, foram utilizados os trabalhos de Créqui-Montfort e Rivet (1912 e 1913). Foram também consideradas as breves, mas importantes listas de palavras das línguas Kuruminaka e Kovareka coletadas por Chamberlain (1910). Foram também considerados dados gramaticais das línguas Boróro, Umutína e Otúke, os quais, somados aos dados sonoros, resultaram em provas suficientes para a hipótese de que estas línguas têm uma origem comum, o Proto-Boróro. Os dados analisados sugerem que o Otúke é mais próximo das línguas Kuruminaka e Kovareka e que estas três línguas são mais próximas do Boróro que do Umutína.

**Palavras-chave:** Família Boróro; Tronco Macro-Jê; Relações genéticas; Constituição interna; Linguística histórico-comparativa.

## ABSTRACT

This thesis reports a historical-comparative investigation of lexical and grammatical properties of the Boróro, Umutína and Otúke languages. The lexical comparison, involving 176 etymologies across the three languages, established sound and meaning correspondences supporting the hypothesis advanced by Rodrigues (1999) of a Boróro family consisting of five languages, as well as further developing the hypothesis of a Macro-Jê genetic grouping. The data sources consulted for the comparison were as follows: for Boróro, the Enciclopédia Boróro (3 volumes, 1962, 1969, 1976); the Grammar of Boróro (1979) and the Pequeno Dicionário Boróro-Português (2005). For Umutína, the Masters' dissertation by Stella Lima Pereira Lima (1995) and ethnographic data collected and reported by Max Schmidt (1928) and Harald Schultz (1952). For Otúke, Créqui-Montfort e Rivet (1912, 1913). Also consulted were the short but important word lists in the Kuruminaka and Kovareka languages collected by Chamberlain (1910). Grammatical data pertaining to the Boróro, Umutína and Otúke languages were also considered, which, together with the lexical sound data, provided additional evidence for the hypothesis that these languages have a common genetic origin in proto- Boróro. The data analysis suggest that Otúke is the most closely related of the three languages examined to the Kuruminaka and Kovareka languages, and that the Otúke, Kuruminaka and Kovareka languages are more closely related to Boróro than to Otúke.

**Keywords:** Family Boróro; Trunk Macro-Jê; Genetic relations; Internal constitution; Historical-comparative linguistics.

## LISTA DE ABREVIATURAS

---

<b>1sg</b>	Primeira pessoa singular
<b>1pl</b>	Primeira pessoa plural
<b>2 sg</b>	Segunda pessoa singular
<b>2pl</b>	Segunda pessoa plural
<b>3 sg</b>	Terceira pessoa singular
<b>3pl</b>	Terceira pessoa plural
<b>A</b>	Albisetti e Venturelli
<b>B, BO</b>	Boróro
<b>C</b>	Consoante
<b>CM</b>	Créqui-Montfort
<b>Co-ref</b>	Co-referencial
<b>HAB</b>	Habitual
<b>IMP</b>	Imperativo
<b>KO</b>	Língua Kovareka
<b>KU</b>	Língua Kuruminaka
<b>L</b>	Dados de Lima
<b>L</b>	Lima (Stella Telles)
<b>M</b>	Merrine
<b>NEG</b>	Negativo
<b>O</b>	Ochoa (Gonçalo)
<b>Ot</b>	Otúke
<b>PBO</b>	Proto-Boróro
<b>S</b>	Schmidt (Max)
<b>U, UM</b>	Umutína
<b>V</b>	Vogal

---

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: A hipótese de Tronco Macro-Jê de Rodrigues (1999)	p. 12
Quadro 2: Quadro fonológico por Crowell (1979)	p. 41
Quadro 3: Fonemas consonantais do Boróro (Nonato, 2008)	p. 44
Quadro 4: Quadro fonológico das vogais do Boróro por Janet Crowell 2013	p. 45
Quadro 5: Fonemas vocálicos do Boróro (Nonato, 2008)	p. 48
Quadro 6: Quadro consonantal da língua Boróro adotado nesta tese	p. 48
Quadro 7: Quadro vocálico da língua Boróro adotado nesta tese	p. 48
Quadro 8: Quadro “Fonemas consonantais” (Lima, 1995, p. 37)	p. 55
Quadro 9: Fonemas vocálicos (Lima, 1995, p. 49)	p. 63
Quadro 10: Quadro consonantal da língua Umutína (Rodrigues, 2007)	p. 66
Quadro 11: Quadro dos fonemas consonantais da língua Otúke	p. 68
Quadro 12: Fonemas Vocálicos da língua Otúke	p. 89
Quadro 12a: Correspondências entre Boróro e Otúke (Créqui-Montfort e Rivet, 1913)	p. 107
Quadro 13: Comparação entre Otúke, Kovareka e Kuruminaka (Créqui-Montfort e Rivet (1912))	p. 117
Quadro 14: Comparação dos marcadores de pessoa (Guérios, 1939).	p. 119
Quadro 15: Comparação entre Boróro e Merrime (Guérios, 1939)	p. 120
Quadro 16: Comparação entre Boróro e Kayapó (Guérios 1939)	p. 121
Quadro 17: Comparação entre Boróro e Umutína (Rodrigues 1962, 2007)	p. 127

Quadro 18: Prováveis cognatos entre Umutína e Boróro	p.160
Quadro 19 : Resumo das correspondências entre Boróro e Umutína identificadas por Rodrigues (1962, 2007)	p.160
Quadro 20: Comparações e reconstruções do Proto-Boróro	p. 178
Quadro 21: Das consoantes do Proto-Boróro	p. 188
Quadro 22: Das vogais do Proto-Boróro	p. 188
Quadro 23: Formas da posse pronominal (Lima, 1995, p. 134)	p. 199

## LISTA DE MAPAS E FIGURAS

MAPA 1: Línguas Macro-Jê e suas localizações aproximadas (Rodrigues, 1999, p.164).	p. 03
MAPA 2: Os Boróro na história do centro-oeste brasileiro 1716-1986. Missão Salesiana de Mato Grosso, Campo Grande, 1986.	p. 17
MAPA 3: Localização do povo Umutína (Schultz, 1943)	p. 22
MAPA 4: Carta da Baixa Bolívia indicando a posição do grupo Otúke (Créqui-Montfort e Rivet, 1913).	p. 25
FIGURA 1: Metades exogâmicas povo Boróro (Lévi-Strauss, 1936)	p. 21
FIGURA 2: Modelo arbóreo da família Boróro	p. 206

# Sumário

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>VI</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>X</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>XI</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS .....</b>	<b>XII</b>
<b>LISTA DE QUADROS .....</b>	<b>XIII</b>
<b>LISTA DE MAPAS E FIGURAS.....</b>	<b>XV</b>
<b>CAPÍTULO I INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1. INTRODUÇÃO .....	1
1.1. OBJETIVOS.....	1
1.2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	2
1.3. O TRONCO MACRO-JÊ.....	2
1.4. A HIPÓTESE DO TRONCO MACRO-JÊ, SEGUNDO RODRIGUES (1986, 1999).....	8
1.5. SOBRE A ORGANIZAÇÃO GERAL DESTE TRABALHO DE PESQUISA .....	13
<b>CAPÍTULO II SOBRE O POVO E AS PUBLICAÇÕES LINGUÍSTICAS.....</b>	<b>14</b>
2. INTRODUÇÃO .....	14
2.1. SOBRE A FAMÍLIA BORÓRO .....	14
2.2. BREVE PANORAMA ETNO-HISTÓRICO SOBRE A FAMÍLIA BORÓRO .....	15
2.2.1. O POVO BORÓRO .....	15
2.2.2. O POVO Umutína.....	21
2.2.3. O POVO OTÚKE .....	23
2.2.4. O POVO KOVAREKA.....	24
2.2.5. O POVO KURUMINAKA .....	25
2.3. DA PRODUÇÃO LINGUÍSTICA SOBRE A FAMÍLIA BORÓRO .....	25
2.4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS .....	27
<b>CAPÍTULO III METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>28</b>
3. INTRODUÇÃO .....	28
3.1. O MÉTODO HISTÓRICO-COMPARATIVO .....	30
3.2. PRINCIPAIS PROCESSOS DE MUDANÇAS SONORAS (CROWLEY, 1992).....	34
3.3. CONTATOS E EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS .....	35



<b>3.4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>37</b>
<b><u>CAPÍTULO IV SISTEMAS FONOLÓGICOS DAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA BORÓRO .....</u></b>	<b><u>38</u></b>
<b>4. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>4.1. SISTEMA FONOLÓGICO DA LÍNGUA BORÓRO .....</b>	<b>39</b>
4.1.1. O SISTEMA CONSONANTAL DO BORÓRO .....	39
4.1.1.1. Colbacchini & Albisetti (1942).....	39
4.1.1.2. Thomas Crowell (1979) e Janet Crowell (2013) .....	39
4.1.1.3. Rafael Nonato (2008) .....	43
4.1.2. SISTEMA VOCÁLICO DO BORÓRO .....	44
4.1.2.1. Crowell (1979) e Janet Crowell (2013).....	44
4.1.2.2. Rafael Nonato (2008) .....	46
4.1.3. QUADROS FONOLÓGICOS ADOTADOS NESTE TRABALHO .....	47
4.1.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ANÁLISES PRECEDENTES .....	47
<b>4.2. SISTEMA FONOLÓGICO DA LÍNGUA Umutína .....</b>	<b>53</b>
4.2.1. FONEMAS CONSONANTAIS .....	53
4.2.2. FONEMAS VOCÁLICOS .....	63
4.2.3. CONSIDERAÇÕES DE ARYON RODRIGUES (2007).....	65
4.2.4. CONSIDERAÇÃO SOBRE A LÍNGUA Umutína (1995).....	66
<b>4.3. OS FONEMAS DO Otúke .....</b>	<b>67</b>
4.3.1. FONEMAS CONSONANTAIS .....	68
4.3.1.1. /p/ - oclusivo bilabial surdo.....	68
4.3.1.2. /b/ - oclusivo bilabial sonoro .....	69
4.3.1.4. /d/ - oclusivo alveolar sonoro .....	70
4.3.1.5. /k/ - oclusivo velar surdo .....	71
4.3.1.6. /w/ - aproximante labial sonora .....	72
4.3.1.7. /j/ - fricativo alveopalatal surdo .....	73
4.3.1.8. /tʃ/ - fricativo alveopalatal surdo.....	74
4.3.1.9. /s/ - fricativo alveolar surdo.....	75
4.3.1.10. h/ - fricativo glotal surdo.....	75
4.3.1.11. hw/ - fricativo glotal labializado.....	77
4.3.1.12. /n/ - nasal alveolar sonoro .....	77
4.3.1.13. /m/ - nasal bilabial sonora .....	78
4.3.1.14. r/ - vibrante alveolar .....	79
4.3.1.15. x/ - fricativa velar surda .....	81
4.3.1.16. /y/ - aproximante palatal sonora .....	81
<b>4.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS FONEMAS .....</b>	<b>82</b>
4.4.1. CONTRASTES CONSONANTAIS.....	83
<b>4.5. CONSIDERAÇÕES SOBRE H .....</b>	<b>86</b>
<b>4.6. QUADRO VOCÁLICO DO Otúke.....</b>	<b>88</b>
4.6.1. CONTRASTES VOCÁLICOS .....	89
4.6.2. FONEMAS VOCÁLICOS .....	91
4.6.2.1. Fonema /a/.....	91
4.6.2.2. Fonema /e/.....	92
4.6.2.3. Fonema /i/.....	92
4.6.2.4. Fonema /o/ .....	93
4.6.2.5. Fonema /u/ .....	94
<b>4.7. PADRÃO SILÁBICO.....</b>	<b>95</b>
4.7.1. LÍNGUA BORÓRO .....	95
4.7.1.1. Considerações sobre a análise do padrão silábico em Boróro .....	96

4.7.2. Língua Umutína .....	97
4.7.3. LÍNGUA OTÚKE.....	99
<b>4.8. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PADRÃO SILÁBICO .....</b>	<b>101</b>
<b>4.9. ACENTO .....</b>	<b>101</b>
<b>4.10. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>101</b>

**CAPÍTULO V COMPARAÇÃO DAS LÍNGUAS BORÓRO E UmutÍNA E BORÓRO E OTÚKE –  
REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA .....** **103**

<b>5. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>103</b>
<b>5.1. COMPARAÇÃO DA LÍNGUA BORÓRO COM A LÍNGUA OTÚKE .....</b>	<b>103</b>
<b>5.2. COMPARAÇÃO PROPOSTA POR CRÉQUI-MONTFORT E RIVET .....</b>	<b>104</b>
5.2.1. CORRESPONDÊNCIAS SONORAS OBSERVADAS POR CRÉQUI-MONTFORT E RIVET .....	108
5.2.1.1. <i>f, t</i> /do Otúke correspondem frequentemente a <i>k</i> em Boróro .....	108
5.2.1.2. <i>g</i> e <i>k</i> em Boróro correspondem a <i>h</i> em Otúke.....	108
5.2.1.3. <i>ba</i> em Boróro corresponde a <i>vwa, hwa</i> em Otúke:.....	109
5.2.1.4. <i>t</i> em Boróro corresponde a <i>h</i> em Otúke em dois exemplos:.....	109
5.2.1.5. <i>u</i> em Boróro corresponde a <i>vi</i> em Otúke.....	109
5.2.2. ASPECTOS GRAMATICAIS .....	110
5.2.2.1. Prefixação.....	110
5.2.2.2. Sufixação .....	110
5.2.2.3. Composição.....	114
5.2.2.4. Gênero.....	115
5.2.2.5. Verbo.....	115
5.2.2.6. Os pronomes pessoais .....	116
<b>5.3. SOBRE AS LÍNGUAS KOVAREKA E KURUMINAKA .....</b>	<b>116</b>
<b>5.4. MANSUR GUÉRIOS: O NEXO LINGÜÍSTICO BORÓRO- MERRIME CAIAPÓ (1939).....</b>	<b>118</b>
5.4.1. MARCADORES DE PESSOA.....	118
5.4.2. COMPARAÇÕES LEXICAIS .....	119
5.4.3. COMPARAÇÃO DAS LÍNGUAS BORÓRO – KAYAPÓ .....	121
<b>5.5. COMPARAÇÃO DE RODRIGUES (1962, 2007): BORÓRO E UmutÍNA .....</b>	<b>122</b>
5.5.1. CORRESPONDÊNCIAS SONORAS: VOGAIS .....	127
5.5.1.1. <i>U u = B u</i> .....	127
5.5.1.2. <i>U i = B i</i> .....	128
5.5.1.3. <i>U i, e = B í</i> .....	129
5.5.1.4. <i>U u = B í</i> .....	130
5.5.1.5. <i>U e = B e</i> .....	130
5.5.1.6. <i>U o = B o</i> .....	131
5.5.1.7. <i>U o = B u</i> .....	132
5.5.1.8. <i>U a = B a</i> .....	133
5.5.2. CORRESPONDÊNCIAS SONORAS: CONSOANTES .....	135
5.5.2.1. <i>U p = B p</i> .....	135
5.5.2.2. <i>U b = B b</i> .....	136
5.5.2.3. <i>U m = B m</i> .....	137
5.5.2.4. <i>U t = B t</i> .....	138
5.5.2.6. <i>U k = B k</i> .....	139
5.5.2.7. <i>U k = B g</i> .....	140
5.5.2.8. <i>U f = B t</i> .....	141
5.5.2.9. <i>U f = B d</i> .....	141
5.5.2.10. <i>U Ø, h-, x- = B g</i> .....	142
5.5.2.11. <i>U h, Ø = B k</i> .....	142

5.5.2.12.	U z = B dʒ.....	143
5.5.2.13.	U ʒ = B dʒ.....	143
5.5.2.14.	U j = B dʒ.....	143
5.5.2.15.	U z = B Ø.....	144
5.5.2.16.	U r = B r.....	144
5.5.2.17.	U l = B r.....	145
<b>5.6.</b>	<b>SÂNDALO E NONATO “UMA COMPARAÇÃO GRAMATICAL, FONOLÓGICA E LEXICAL ENTRE AS FAMÍLIAS GUAIKURÚ, MATACO E BORÓRO: UM CASO DE DIFUSÃO AREAL?” .....</b>	<b>146</b>
<b>5.7.</b>	<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>146</b>

**CAPÍTULO VI REVISANDO AS ANÁLISES HISTÓRICO-COMPARATIVAS DAS RELAÇÕES GENÉTICAS ENTRE BORÓRO E OTÚKE E BORÓRO E Umutína .....** **148**

<b>6.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>148</b>
<b>6.1.</b>	<b>COMPARAÇÃO ENTRE AS LÍNGUAS BORÓRO E OTÚKE .....</b>	<b>148</b>
6.1.1.	CORRESPONDÊNCIAS SONORAS: SEGMENTOS CONSONANTAIS .....	149
6.1.1.1.	Bo k: Ot k.....	149
6.1.1.2.	Bo Ø : Ot k.....	149
6.1.1.3.	Bo k: Ot h.....	149
6.1.1.4.	Bo kw, k: Ot hw .....	150
6.1.1.5.	Bo b/w : Ot hw .....	150
6.1.1.6.	Bo g : Ot hw.....	150
6.1.1.7.	Bo g : Ot kw.....	150
6.1.1.8.	Bo g : Ot h.....	150
6.1.1.10.	Bo d : Ot t.....	151
6.1.1.11.	Bo t : Ot h.....	151
6.1.1.12.	Bo dʒ: Ot tʃ.....	151
6.1.1.13.	Bo tʃ: Ot s .....	152
6.1.1.14.	Bo m: Ot m .....	152
6.1.1.15.	Bo n: Ot n .....	152
6.1.1.16.	Bo m: Ot n .....	152
6.1.1.17.	Bo r : Ot r.....	153
6.1.2.	CORRESPONDÊNCIAS SONORAS: SEGMENTOS VOCÁLICOS.....	153
6.1.2.1.	Bo a : Ot a.....	153
6.1.2.2.	Bo e : Ot e.....	154
6.1.2.3.	Bo i : Ot i.....	154
6.1.2.4.	Bo o : Ot o.....	155
6.1.2.5.	Bo u : Ot u.....	155
6.1.2.6.	Bo o : Ot u.....	156
6.1.2.7.	Bo a: Ot o .....	156
<b>6.2.</b>	<b>UMA DISCUSSÃO SOBRE AS CORRESPONDÊNCIAS SONORAS ENTRE AS LÍNGUAS BORÓRO E OTÚKE ..</b>	<b>156</b>
6.2.1.	QUEDA DA CONSOANTE VELAR .....	157
<b>6.3.</b>	<b>CONTRIBUIÇÕES ÀS ANÁLISES PROPOSTAS POR RODRIGUES (1962, 2007) .....</b>	<b>158</b>
6.3.1.	CORRESPONDÊNCIAS SONORAS IDENTIFICADAS POR RODRIGUES (1962, 2007) .....	160
6.3.1.1.	Um p : Bo p.....	161
6.3.1.2.	Um b : Bo b.....	161
6.3.1.3.	Um t : Bo t .....	162
6.3.1.4.	Um k: Bo k.....	162
6.3.1.5.	Um k : Bo g.....	162
6.3.1.6.	Um Ø: Bo k.....	163
6.3.1.7.	Um z : Bo dʒ.....	163

6.3.1.8.	Um <i>m</i> : Bo <i>m</i> .....	163
6.3.1.9.	Um <i>r</i> : Bo <i>r</i> .....	164
6.3.2.	NOVAS CORRESPONDÊNCIAS SONORAS IDENTIFICADAS .....	164
6.3.2.1.	Um <i>pφ</i> : Bo <i>p</i> .....	165
6.3.2.2.	Um <i>n</i> : Bo <i>n</i> .....	165
6.3.2.3.	Um <i>h</i> : Bo <i>k</i> .....	166
6.3.2.4.	Um <i>n</i> : Bo <i>r</i> .....	166
<b>6.4.</b>	<b>SOBRE OS TRAÇOS CONSERVADORES .....</b>	<b>166</b>
6.4.1.	PALATALIZAÇÃO.....	166
6.4.2.	SONORIZAÇÃO.....	167
<b>6.5.</b>	<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>168</b>

## **CAPÍTULO VII CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROTO-BORÓRO..... 170**

<b>7.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>170</b>
<b>7.1.</b>	<b>DEMONSTRANDO CORRESPONDÊNCIAS NA FAMÍLIA BORÓRO .....</b>	<b>170</b>
<b>7.2.</b>	<b>RECONSTRUÇÃO DOS PROTO-FONEMAS CONSOANTAIS .....</b>	<b>178</b>
7.1.1.	*P.....	178
7.1.2.	*B.....	179
7.1.3.	*T.....	181
7.1.4.	*K – K, G, KW, GW .....	182
7.1.5.	*M.....	184
7.1.6.	*W.....	184
7.1.8.	*R.....	185
7.1.9.	*J.....	186
<b>7.3.</b>	<b>AS VOGAIS DO PROTO-BORÓRO.....</b>	<b>187</b>
<b>7.4.</b>	<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>187</b>

## **CAPÍTULO VIII CORRESPONDÊNCIAS GRAMATICAIS ..... 189**

<b>8.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>189</b>
<b>8.1.</b>	<b>MARCAS DE PESSOA .....</b>	<b>189</b>
<b>8.2.</b>	<b>SOBRE O ATENUATIVO .....</b>	<b>192</b>
<b>8.3.</b>	<b>SOBRE A NEGAÇÃO .....</b>	<b>193</b>
<b>8.4.</b>	<b>SOBRE O IMPERATIVO.....</b>	<b>194</b>
<b>8.5.</b>	<b>RESQUÍCIOS DO PREFIXO RELACIONAL? .....</b>	<b>196</b>
<b>8.6.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PREFIXOS RELACIONAIS .....</b>	<b>201</b>
<b>8.7.</b>	<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>202</b>

## **CAPÍTULO IX CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 204**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 209**

## **ANEXO 1..... 215**

## **ANEXO 2..... 223**



# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

---

### 1. Introdução

Esta tese foi projetada para ser uma contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a hipótese de um tronco linguístico Macro-Jê, defendida por Rodrigues (1986, 1996, 1999, 2000, entre outros) por reunir provas linguísticas que fundamentam a ideia de uma família Boróro integrada, minimamente, por cinco membros – o Boróro, o Umutína, o Otúke, o Kovareka e o Kuruminaka – (cf. Rodrigues (1999)) e não por dois únicos membros, o Boróro e o Umutína, consoante estudos anteriores (Guérios (1939), Rodrigues (1986)).

#### 1.1. Objetivos

O objetivo principal da presente tese é fundamentar a hipótese de uma família Boróro constituída de cinco línguas, sua constituição interna e sua posição dentro do tronco linguístico Macro-Jê, conforme Rodrigues (1986, 1999).

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Avaliar se as línguas Boróro, Umutína, Otúke, Kovareka e Kuruminaka constituem uma família linguística, apesar da limitação dos dados existentes das duas últimas línguas.
- Propor reconstruções de protoformas que constituam dados válidos para uma comparação da família Boróro com outras famílias linguísticas do mesmo tronco, de forma a estabelecer proximidades ou distâncias genéticas entre elas.
- Propor um modelo arbóreo para a família Boróro.

- Reunir dados históricos e antropológicos que somados aos dados linguísticos contribuam para tornar mais fortes as hipóteses sobre a constituição interna da família Boróro.
- Reunir conhecimento sobre as mudanças ocorridas na família Boróro ao longo de sua história interna, com base nos dados das línguas Boróro, Otúke e Umutína.

## **1.2. Fundamentação teórica**

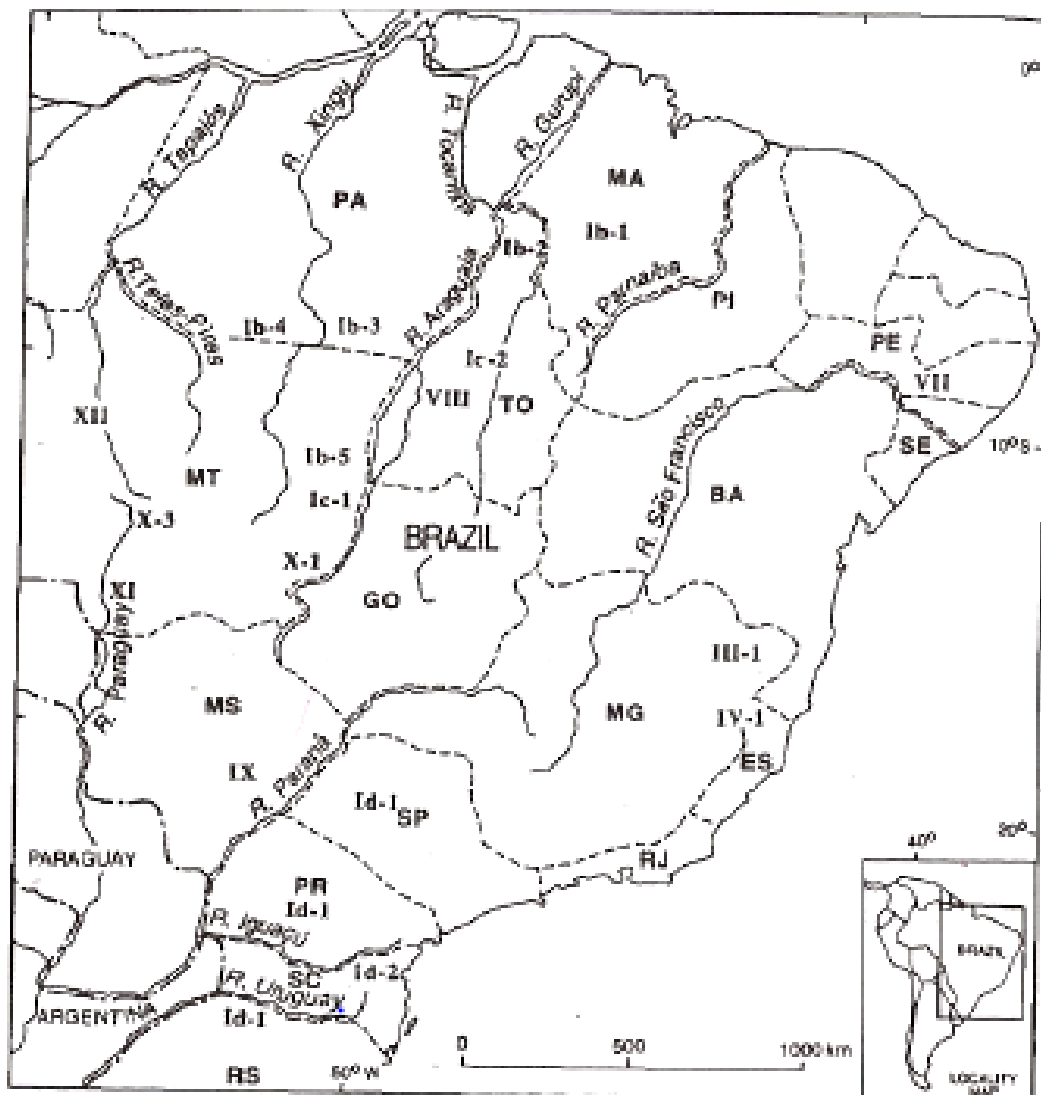
Esta tese foi construída à luz dos princípios e orientações metodológicas do Método Histórico-Comparativo, o único método que serve à identificação de graus de parentesco genético entre línguas. O conjunto de procedimentos que o caracteriza permite determinar se um grupo de línguas é geneticamente relacionando a outro(s), e os graus de relacionamento entre as línguas comparadas. O Método Histórico-Comparativo permite também a reconstrução de partes dos diferentes subsistemas de estágios anteriores de uma língua ou de um grupo de línguas (Thomason e Kaufman (1988), Kaufman (1990), Hock (1991), Crowley (1992) e Campbell (1999; 2004)).<sup>1</sup>

## **1.3. O Tronco Macro-Jê**

As línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê distribuem-se por todo o território brasileiro, fazendo fronteiras com o oeste do Paraguai e a Bolívia com as línguas Boróro e Otúke.

---

<sup>1</sup> Conferir o Capítulo III desta tese.



Mapa 1: Línguas Macro-Jê e suas localizações aproximadas (Rodrigues, 1999, p.164).

A expressão Macro-Jê<sup>2</sup>, segundo Rodrigues (1999), foi proposta originalmente por Mason, em 1950, para nomear uma grande matriz de línguas da América do Sul, todas faladas no Brasil, acreditando estarem todas elas relacionadas à família linguística Jê. Anteriormente à Mason (1950), W. Schmidt, em 1926, já empregava o nome Gê-Tapuaia. Posteriormente, Loukotka, em 1944, utilizou o nome Tapuaia-žé com o mesmo sentido.

<sup>2</sup> Para informações mais detalhadas sobre as hipóteses referentes ao tronco Macro-Jê, consultar a tese de doutorado de Andérbio Márcio Silva Martins, 2011.



De acordo com Rivet (1924), a família Že (Jê) ou Kran (Tapuia) dividia-se em quatro grupos: os Že orientais, os Že septentrionais, os Že centrais e os Že meridionais, agrupados da seguinte forma:

- a) Os Jês orientais localizavam-se no Planalto, depois do rio Pardo, ao norte, até o rio Doce, ao sul. Eles compreendiam: (i) os botocudos (Burung, Borung, Borun), descendentes dos antigos Aimoré que habitavam o estado do Espírito Santo, a parte oriental do estado de Minas Gerais, e a parte meridional do estado da Bahia; (ii) os Kamakã (Mongoyó ou Monsokó), entre os rios Pardos, Ilhéus e de Contas, no sul do estado da Bahia, e as tribos aparentadas Katathóy, Kotosó (Kutasá, Katasá), nas montanhas entre os rios Contas e Pardo; os Menien (Manian ou Menieng) na baixa dos rios Belmonte ou Jequitinhonha, e os Masakará, cujos últimos representantes foram encontrados em Juazeiro, no rio São Francisco; (iii) os Paname, sobre o Sussuhý Pequeno, afluentes septentrional do rio Doce; os Kaposó e os Kumanasó, nas montanhas entre Minas Gerais e Porto Seguro, os Masakali (Maxakalí), sob o rio Belmonte, associados aos Pataşo (Pataxó), entre o rio Santa Cruz e o rio São Matheus; os Makuní e os Monoşo, nas montanhas entre as fronteiras de Minas, Porto Seguro e Bahia; os Malalí, sob o Sussuhý pequeno, e os Koropó sob o rio da Pomba; (iv) os Coroados e os Purí que viviam depois do rio Paraíba até o rio Espírito Santo; os Goyataká, entre a baixa Paraíba e Macaé.
- b) Os Jês septentrionais compreendiam as populações do estado do Maranhão, conhecidas, geralmente, por Timbíra. Eles se dividem em Timbíra da Floresta e Timbíra da Savana.
- c) Os Jês centrais compreendiam os subgrupos Kayapó e Akuã. O subgrupo Akuã compreendia os Xavánte Opaié (Araë) que viviam entre o Tocantins e o Araguaia; os Xerente, localizados à margem direita do rio Tocantins, desde o rio Manuel Alves, ao norte, até o rio do Peixe, ao sul; os Sikiriabá, as margens do rio Negro; Zeiko (Geiko, Jeiko, Jaiko) sob os rios Canindé e Gurguea; os Akroá, entre o rio São Francisco e Tocantins.
- d) Os Jês meridionais ou Guayanã ocupavam, no século XVI, o território que se estendia desde o Rio Grande do Sul e ao norte da Argentina, atravessando os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, até o interior do estado da Bahia. Eles eram divididos em dois subgrupos: orientais e ocidentais. O subgrupo oriental era constituído pelos Kaingáng (Kaingán, Kaingýgn, Brugre, Kamé), localizados na Argentina sob o afluente do rio Yaboti, e, no Brasil, nas partes ocidentais dos

estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. O subgrupo ocidental era formado pelos Ingain, instalados sob os dois rios do alto Paraná.

Na hipótese proposta por Loukotka (1944), o autor incluiu oito línguas, a saber: žé (Jê), Opaie (Ofayé), Kaingán (Kaingáng), Coroado (Purí), Mašakali (Maxakalí), Patašo (Pataxó) e Botokudo (krenák). Loukotka (op. cit.) excluiu da família Jê, as línguas “Jê Orientais”, propostas por von den Steinen – Kotóso, Kamakã, Masakára – e as línguas Botocudo, Panhãme, Coroado e Purí, propostas por Rivet (1924), contudo, manteve o Kaingáng dentro da família Jê.

Nimuendajú (1945), no “Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes”, propôs como línguas pertencentes à família Jê as seguintes: Kayapó, Timbira, Kreye, Gavião, Apinajê, Krahô, Xerente, Akwe-Xavánte, Pukopye, Guegué, Pörekamekra, Apanyekra, tjakamekra, Krikati, Nyurukwayé, Makamekra, Kanakateye, Akroá, kenpokatey, Jaicó, Sakriabá, Kaingang, guayanã, Irã-Amraire, Diore, Gorotire, Krapaire, Kube-krã-kegn, Kruatire, Purukarod Suyá, Botocudo.

Mason (1950) considerava como membros do tronco Macro-Jê nove famílias linguísticas tidas até então como independentes por alguns estudiosos. O autor (op. cit.) reconhece que as similaridades entre essas nove línguas é considerável, não podendo ser fruto de empréstimos linguísticos. Contudo, reconhece a necessidade de estudos mais aprofundados. As línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê, segundo o autor, são as seguintes: (1) Ge (Jê), (2) Caingang (Kaingáng), (3) Camacan (Kamakã), (4) Mashakali (Maxakalí), (5) Puri (Purí); (6) Patasho (Pataxó), (7) Malali, (8) Coropo (Koropó) e (9) Botokudo (krenák).

Davis (1966) demonstrou que Kaingáng é realmente um membro da família genética Jê, e não de outra família, e ofereceu evidências de correspondências fonológicas regulares entre Jê e Maxakalí, bem como entre Jê e Karajá, e mencionou uma possível semelhança do Macro-Jê com o Boróro, o Tupí e o Fulniô (Yatê).

Eric Hamp (1969), no trabalho intitulado “Maxakalí, Karajá e o Macro-Jê”, examinando a fonologia comparativa de línguas Jê e algumas tentativas de reconstrução de itens lexicais do Proto-Jê, apresentou evidências de relacionamento de línguas Jê, com as línguas Maxakalí e Karajá e fez ainda algumas observações sobre a composição do tronco Macro-Jê.

Sobre o Boróro, Guérios (1939) apresentou indicações, através da comparação de marcadores pessoais e de um léxico geral com 71 itens lexicais, sobre o relacionamento genético entre o Boróro Oriental com duas línguas Jê do norte: Timbira e Kayapó.

A evidência genética do Ofayé com o tronco Macro-Jê foi apresentada por Gudschinsky (1971) que compara o Ofayé com a reconstrução do Proto-Jê, proposta por Davis (1966), reconstrução do sistema fonêmico composto por doze consoantes e oito vogais, além da reconstrução de 55 itens lexicais.

Booswood (1973) apresentou algumas evidências lexicais a favor da inclusão do Rikbaksá no agrupamento Macro-Jê.

Greenberg (1987) considerou que o Macro-Jê pode ser um grupo bem definido em algum nível, incorporando os seguintes 15 subgrupos: Boróro, Botocudo, Caraja (Karajá), Chiquito, Erikbatsa (Rikbaksá), Fulnio (Fulniô), Ge (Jê), Guato (Guató), Kaingang (Kaingáng), kamakan (Kamakã), Mashakali (Maxakalí), Opaie (Ofayé), Oti (Otí), Puri (Purí) e Yabuti (Jabutí). Ainda, de acordo com Greenberg (op. cit), embora as línguas Jabutí e Otí possuam um escasso vocabulário, há ocorrências suficientes para incluí-las como pertencentes ao tronco Macro-Jê.

Greenberg (1987) apresentou um conjunto de 123 palavras (cf. anexo 1) com etimologias exclusivamente Macro-Jê. O autor ressalta que todas as entradas para as formas do Proto-Jê são oriundas de Davis (1966). Ele (op. cit.) identificou em sua comparação, aproximadamente, 12 nomes de elementos da natureza, 15 nomes de partes do corpo humano, 12 nomes de animais e insetos, 17 nomes genéricos, 3 termos de parentesco, 29 verbos, 19 adjetivos e 3 nomes de objetos. Embora haja um número considerável de línguas comparadas, ressaltamos que a análise realizada por Greenberg (1987) compara uma média de três línguas distintas para cada item lexical, isto mostra que não há uma sistematicidade em sua análise, acarretando muitas lacunas e poucas evidências genéticas de relacionamento entre essas línguas. Nota-se ainda que o autor comparou itens de campos semânticos distintos como, por exemplo, cantar e dançar, mosquito e voar dentre outros.

Kaufman (1990), em recente revisão da classificação do tronco Macro-Jê, retirou as línguas Otí, Jabutí e Karirí, mas conservou o Chiquitano. Em sua análise, as línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê seriam: Chiquitano, família Boróro, complexo linguístico Aymoré – família Krénak –, Rikbáksa, família Jê, Jaikó, família Kamakã, família Maxakalí, família Purí, Fulniô, Karajá, Ofayé e Guató.

Martins (2007), em sua dissertação de mestrado intitulada “Revisão da família linguística Kamakã no tronco Macro-Jê”, desenvolveu uma revisão da família linguística Kamakã, proposta por Chestmir Loukotka (1932), com base no método Histórico Comparativo, visando demonstrar correspondências lexicais e fonológicas entre as línguas comparadas. Através desse estudo, Martins (op. cit.) pôde confirmar a proposta de Loukotka, colocando em evidências correspondências lexicais e fonológicas da língua Masará com as demais línguas da família.

Silva Neto (2007) propôs, em sua dissertação de mestrado intitulada “Revisão da Classificação da Família Linguística Purí”, desenvolver uma revisão dessa família proposta por Chestmir Loukotka (1937), a partir da normalização dos dados existentes das línguas Purí, Coroado e Koropó, línguas que compõem a família linguística. Silva Neto (op. cit.) conclui sua pesquisa validando a proposta de Loukotka e mostrando que o Koropó é a língua que mais se diferencia das demais, sendo, portanto, a língua mais distante dentro da família.

Cabral e Rodrigues (2007a) no trabalho intitulado “Através do Léxico Macro-Jê: Em Busca de Cognatos”, ampliam a lista de cognatos da hipótese de um tronco Macro-Jê.

Em outro trabalho intitulado “Explorando a hipótese de Rodrigues sobre possíveis conexões genéticas Tupí e Macro-Jê”, Cabral e Rodrigues (2007b) apresentam uma contribuição para a consolidação da hipótese de Rodrigues, “segundo a qual as afinidades compartilhadas por línguas dos troncos linguísticos Tupí e Macro-Jê são genéticas, como seria também o caso das afinidades entre Tupí, Macro-Jê e Karíb” (Rodrigues 1985, 2000). A contribuição desses autores consistiu no levantamento de correspondências lexicais, fonológicas e gramaticais, que aproximam o Proto-Tupí-Guaraní com línguas Jê.

Martins et alii. (2009), em um trabalho intitulado “Causatividade em Macro-Jê” apresenta uma análise comparativa de construções causativas nas línguas indígenas brasileiras Boróro (família Boróro), Krahô e Xikrín (família Jê, ramo setentrional), Apinajé (família Jê) e Rikbáktsa (família Rikbáktsa), pertencentes ao Tronco Macro-Jê, conforme classificação proposta por Rodrigues (1986, 1999). Nesse trabalho, o objetivo era estabelecer semelhanças entre essas línguas no que diz respeito ao processo de causativização, “visando não só ao fortalecimento da proposta de parentesco genético entre elas, mas também à detecção dos processos evolutivos que acarretaram uma certa medida de diferenciação tipológica” (2009, p. 01)

Ribeiro (2010) fundamenta uma proposta de inclusão da família Jabutí, composta pelas línguas Arikapú e Djeoromitxi, no tronco linguístico Macro-Jê, uma ideia já levantada por Nimuendajú (2000 [1935]).

Jolkesky (2010), em sua dissertação de mestrado intitulada “Reconstrução Fonológica e Lexical do Proto-Jê Meridional”, busca reconstruir a fonologia e o léxico do Proto-Jê meridional - um dos três ramos da família Jê, composta por cinco línguas: Xokleng, Kaingang, Kaingang Paulista, Ingain e Kimdá.

Martins (2011), em sua tese de doutorado intitulada “Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o Guató e o Tronco Macro-Jê”, se propõe a avaliar a consistência da hipótese de Rodrigues (1986) sobre a possibilidade da língua Guató ser um membro do Tronco Macro-Jê.

#### **1.4. A Hipótese do Tronco Macro-Jê, segundo Rodrigues (1986, 1999)**

O tronco Macro-Jê proposto por Rodrigues, assim como o que têm sido proposto como Macro-Jê por todos os demais linguistas históricos, são ainda hipóteses em andamento. A complexidade no desenvolvimento de uma hipótese Macro-Jê deve-se, primordialmente, à precariedade e à insuficiência de dados para o avanço da pesquisa. Segundo Rodrigues (1986),

[...] A constituição do tronco Macro-Jê é altamente hipotética ainda. Alguns dos seus membros são representados por línguas que ainda se falam, como o Maxakalí, o Boróro, o Karajá, o Guató, o Ofayé, as quais têm sido estudadas modernamente e cujo conhecimento pode ser aprofundado. Outras, porém, já deixaram de ser faladas e delas só temos conhecimento através de documentos do passado, em geral muito precários. Esse é o caso de todas as línguas família Kamakã (Kamakã, Mongoyó, Kotoxó e Menien), as quais se falavam até a primeira metade deste século no sul da Bahia e norte do Espírito Santo e de todas as línguas da família Purí (Coroadó, Purí e Koropó), faladas pelo menos até o fim do século passado no leste de Minas Gerais e no oeste do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Desapareceram também todas as línguas da família Karirí, mas de duas delas temos boa documentação do fim do século XVII e do início do século XVIII; trata-se do Kipeá (ou Kirirí) e do Dzubukuá, aquele do nordeste da Bahia e Sergipe, este das grandes ilhas do rio São Francisco, entre a Bahia e Pernambuco, próximo a Cabrobó. Da família Botocudo tenta-se hoje, com grande dificuldade, obter algum conhecimento da língua dos poucos sobreviventes que restam de dois de seus subgrupos, os Krenak e os Nakrehé [...]” (p. 49).

A hipótese do Tronco Macro-Jê de Rodrigues (1999) contempla doze famílias linguísticas:

### **Línguas Macro-Jê**

#### *I Família Jê*

##### *a) Jê nordeste*

1. *ꞐJaikó (sudeste do Piauí)*

##### *b) Jê norte*

1. *Timbira (incluindo Canela Ramkokamekrã, Canela Apanyekrã, Gavião Piokobjé, Gavião Parakatejé, Krinkatí, Krahô, Krenjé; Maranhão, Pará, Tocantins) Apinajé (norte de Tocantins)*
2. *Kayapó (incluindo A'ukré, Gorotíre, Kararaô, Kikretum, Kokraimôro, Kubenkrakén, Menkrangnotí, Mentuktíre, Xikrin; Mato Grosso Oriental e sudeste do Pará)*
3. *Panará (Kren-akarôre (Área Indígena Panará, norte do Mato Grosso e sudeste do Pará)*
4. *Suyá (incluindo Tapayuna; Parque Indígena do Xingú no Mato Grosso)*

##### *c) Jê Central*

1. *Xavante (Sudeste de Mato Grosso, originalmente no norte e no oeste de Mato Grosso).*
2. *Xerente (Tocantins)*
3. *ꞐXabriabá (Minas Gerais)*
4. *ꞐAkroá (Goiás oriental; sul do Maranhão)*

*d) Jê Sul*

1. *Kaingáng (incluindo K. de São Paulo, K. do Pará, K. central, K. do sudoeste. K. do sudeste: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul)*
2. *Xokléng (Santa Catarina)*
3. *ꞐIngaín (nordeste da Argentina, sudeste do Paraguai).*

*II Família Kamakã*

1. *ꞐKamakã (sudeste da Bahia, nordeste do Espírito Santo)*
2. *ꞐMongoyó (sudeste da Bahia)*
3. *ꞐMenién (sudeste da Bahia)*
4. *ꞐKotoxó (sudeste da Bahia)*
5. *ꞐMasakarã (nordeste da Bahia)*

*III Família Maxakalí*

1. *Maxakalí (nordeste de Minas Gerais, norte do Espírito Santo)*
2. *ꞐKapoxó (incluindo Kumanaxó e Panháme; Nordeste de Minas Gerais e sudeste da Bahia)*
3. *ꞐMonoxó (nordeste de Minas Gerais e sudeste da Bahia)*
4. *ꞐMakoní (nordeste de Minas Gerais)*
5. *ꞐMalilí (nordeste de Minas Gerais)*
6. *ꞐPataxó (incluindo Hãhãhãe; sudeste da Bahia)*

*IV Família Krenák*

1. *Krenák (originalmente chamados de Botocudos, incluindo Nakrehé, Nakpié, Naknyaník, Nyepnyep, Etwet, Minyãirún, Yiporók, Pojixá, Potén, Krekmún, Bakuén, Aranã; nordeste de Minas Gerais e norte e centro do Espírito Santo, formalmente também no sudeste da Bahia; algumas família agora também no centro de São Paulo)*

2. *☩Guerén (sudeste da Bahia)*

#### *V Família Purí*

1. *☩Purí (Espírito Santo, Rio de Janeiro, nordeste de São Paulo, sudeste de Minas Gerais)*

2. *☩Koropó (Espírito Santo)*

3. *☩Coroado (Espírito Santo)*

#### *VI Família Karirí*

1. *☩Kipeá (também conhecido como Kirirí; nordeste da Bahia e Sergipe; 1830 etnias)*

2. *☩Dzubukuá (sobre uma ilha no rio São Francisco, no norte da Bahia)*

3. *☩Sabuyá ou Sapoyá (centro da Bahia)*

4. *☩Kamurú ou Pedra Branca (leste da Bahia)*

#### *VII Família Yaté*

1. *Yaté (as pessoas são chamadas fulniô, originalmente conhecidos como Carnijó; Pernambuco)*



### *VIII Família Karajá*

*1. Karajá (incluindo K. do sul, K. do norte, Javaé e Xambiwá; leste Mato Grosso e oeste de Tocantins)*

### *IX Família Ofayé*

*1. Ofayé (incluindo Ivinheima O. e Vacaria O.; também conhecido como Opayé e Ofayé-Xavante; leste de Mato Grosso do Sul)*

### *X Família Boróro*

- 1. Boróro oriental (sul de Mato Grosso)*
- 2. Boróro ocidental (oeste de Mato Grosso)*
- 3. Umutína (oeste de Mato Grosso; 100 indígenas; 1 falante<sup>3</sup>)*

### *XI Guató*

- 1. Guató (sudoeste de Mato Grosso)*

### *XII Família Rikbaktsá*

- 1. Rikbaktsá (norte de Mato Grosso)*

#### **Quadro 1: Hipótese do Tronco Macro-Jê de Rodrigues (1999)**

Com esta tese, trazemos mais fundamentos para a consolidação da hipótese de uma das 12 famílias do tronco Macro-Jê, a família Boróro, consoante Rodrigues (1999).

---

<sup>3</sup> O último falante da língua Umutína faleceu em 2003.

## **1.5. Sobre a organização geral deste trabalho de pesquisa**

Esta tese foi organizada em nove capítulos, assim caracterizados: no Capítulo I, apresentamos uma introdução ao tema abordado, os objetivos, uma breve apreciação do método que serviu de base para a análise dos dados e para a fundamentação da hipótese trabalhada, e fizemos uma breve apreciação das classificações genéticas de línguas como pertencentes ao tronco Macro-Jê e, em particular, da hipótese desenvolvida por Rodrigues (1986 e 1999). No Capítulo II, apresentamos um panorama geral sobre os principais aspectos etno-históricos dos povos pertencentes à família Boróro – Boróro, Otúke, Kovareka, Kuruminaka e Umutína –, e um levantamento sobre as principais publicações linguísticas referentes a cada língua. No Capítulo III, abordamos a metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho. Discutimos também os principais postulados do Método Histórico-Comparativo com base nos trabalhos de Kaufman (1990), Hock (1991), Crowley (1992) e Campbell (1999), Campbell e Mixco (2007) e do Modelo Teórico que identifica línguas que não servem para reconstruir proto-línguas, de autoria Thomason e Kaufman (1988). No Capítulo IV, apresentamos os sistemas fonológicos das línguas Boróro e Umutína com algumas considerações pontuais sobre as mesmas e, em seguida, esboçamos uma análise fonológica preliminar para a língua Otúke. No Capítulo V, fazemos uma revisão da literatura sobre os estudos histórico-comparativos envolvendo as línguas Boróro e Umutína e Boróro e Otúke. Em seguida, no Capítulo VI, apresentamos as nossas contribuições às análises comparativas de (i) Créqui-Montfort e Rivet (1912) para as línguas Boróro e Otúke, e de (ii) Rodrigues (1962, 2007) para as línguas Boróro e Umutína. No Capítulo VII, apresentamos uma reconstrução dos proto-fonemas e das proto-formas do Proto-Boróro. No Capítulo VIII, apresentamos e discutimos algumas correspondências gramaticais entre as três línguas. Ressaltamos que a escassez de dados contendo orações e textos das línguas Umutína e Otúke não permitiu uma análise mais profunda no que se refere aos aspectos gramaticais. Finalmente, no Capítulo IX, apresentamos as considerações finais alcançadas com este trabalho.

## CAPÍTULO II

### SOBRE O POVO E AS PUBLICAÇÕES LINGUÍSTICAS

---

## 2. Introdução

Neste capítulo reunimos informações linguísticas sobre a família Boróro a qual, como fundamentamos ao longo desta tese, é constituída das línguas Boróro, Umutína, Otúke, Kovareka e Kuruminaka. Apresentamos também um breve panorama com informações etno-históricas sobre os povos dessa família. Finalizamos o capítulo com uma revisão bibliográfica sobre os principais trabalhos publicados na área linguística sobre as cinco línguas.

### 2.1. Sobre a família Boróro

Segundo Rodrigues, a família Boróro pertence ao tronco linguístico Macro-Jê (Rodrigues, 1999), da qual faziam parte também as línguas Umutína, Otúke, Kovareka e Kuruminaka hoje extintas. O Otúke, Kovareka e Kuruminaka eram falados no início do século XX na região de fronteira entre Brasil e Bolívia, enquanto o Umutína era falado na região de fronteira entre o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

As primeiras evidências para classificar a língua Boróro como membro do tronco Macro-Jê devem-se a Rosário Farani Mansur Guérios (1939), no seu trabalho comparativo intitulado *O nexu linguístico Boróro – Merrime-Caiapó*, que apontou semelhanças entre o Boróro e duas línguas da família Jê: o Timbóra e o Kayapó. Posteriormente, Rodrigues (1993) apresentou mais evidências para essa hipótese comparando a flexão de pessoa em Boróro e em Timbóra.

Sobre a língua Boróro, ressalta-se que esta se encontra seriamente ameaçada de extinção, uma vez que a maioria da população não mais a utiliza, servindo-se preponderantemente da língua portuguesa. A língua Boróro é falada no estado do Mato Grosso e encontra-se geograficamente próxima a outras línguas do tronco Macro-Jê – o Guató (família Guató), o Xavánte (Jê Central), o Karajá (família Karajá) e o Rikbáktsa (família Rikbáktsa) –, mas também a outras línguas de outros agrupamentos genéticos,

como o Kadiwéu (família Guaikurú), o Teréna (família Aruak) e o Chiquitano (família Chiquitano).

## **2.2. Breve panorama etno-histórico sobre a família Boróro**

### **2.2.1. O povo Boróro**

- **Contexto histórico de colonização**

O povo Boróro se autodenomina *boe* ‘gente’. A palavra *boróro* significa ‘pátio da aldeia’ e foi o nome dado pelos primeiros exploradores que estabeleceram contato com eles. Segundo Bordignon (1986), ao longo da história, o povo Boróro foi conhecido por vários nomes, tais como Coxiponé, Araripoconé, Araés, Cuiabá, Coroados, Porrudos, Boróro Aravirá ou Boróro da Campanha, Boróro Cabaçais, Boróro ocidentais, Boróro orientais, dentre outros etnônimos. Segundo esse mesmo autor (op. cit), o nome Boróro se fixou por ser a palavra mais ouvida pelos exploradores que fizeram os primeiros contatos com o povo.

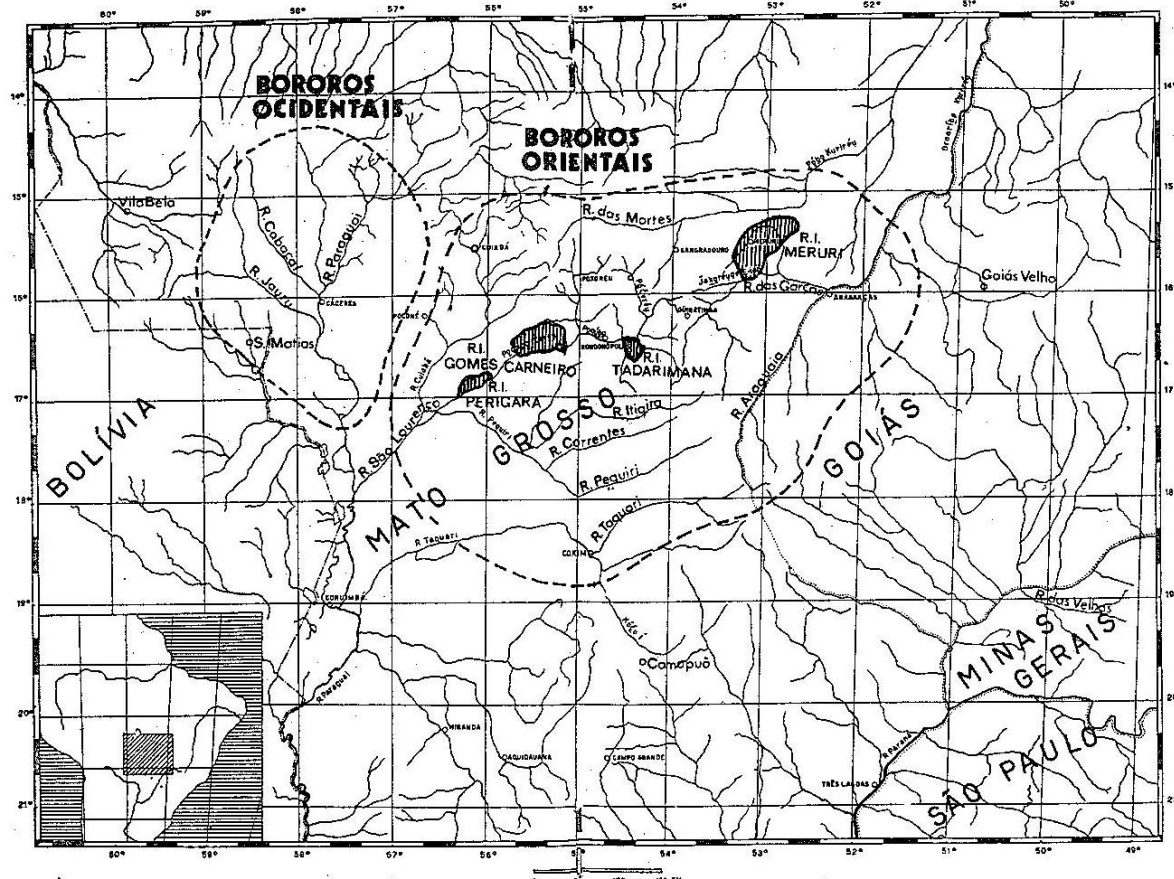
Sobre a origem dos povos Boróro, Bordignon (1986) observa que estudiosos, como o Pe. Antonio Tonelli, supõem que esses indígenas teriam vindo do Rio Negro, passando pela Bolívia. Créqui-Montfort e Rivet (1913) afirmam que eles ocupavam uma grande área entre o alto Paraguai, ao oeste, e o alto Paraná, a leste. Os habitantes mais ocidentais habitavam o território compreendido entre o rio Paraguai e o rio Cuiabá, onde, segundo o autor, formam os dois grupos principais: os *Boróro da Campanha* - que vivem em Vila Maria sobre as margens direita do Paraguai – e os de *Jaurú* – que se estendem através do território boliviano. Os *Boróro Cabaçais* se estabeleceram às margens e na bacia dos rios Cabaçal e Jaurú.

Segundo Bordignon (2001, p. 31), os Boróro ocupavam um vasto território de mais de 400.000 km<sup>2</sup>, o qual era delimitado, aproximadamente, da seguinte maneira:

ao norte, nas cabeceiras dos rios Paraguai e Cuiabá e acompanhando o rio das Mortes até a cidade atual de Nova Xavantina; ao leste, pelo rio Araguaia, dos dois lados, desde as cabeceiras até as proximidades de Aruanã, onde começava o território Karajá; ao Sul nas cabeceiras dos rios Taquari, Coxim, Miranda e Aquidauana; Oeste da barra do rio Cuiabá, com o Paraguai,

subindo à esquerda, entrando na Bolívia até as cabeceiras dos rios São Matias, Jauru e Cabaçal.

O mapa, abaixo, retirado de Bordignon Enawuréu, 1986:25, mostra o território original dos Boróro.



Mapa 2: Os Boróro na história do centro-oeste brasileiro 1716-1986. Missão Salesiana de Mato Grosso, Campo Grande, 1986.

Essa área, segundo Bordignon (1986), confirmando o que já havia sido constatado, em parte por Colbacchini e Albisetti (1942), estendia-se, a oeste, para um pouco além da fronteira com a Bolívia, a leste, para além do rio Araguaia ao sul de Goiás, alcançando a região do Triângulo Mineiro, conforme pode ser observado no mapa 02, retirado de Bordignon (2001, p. 32).

No século XIX, com o descobrimento de ouro no território Boróro, o contato com as Bandeiras intensificou-se. De acordo com Bordignon (1986), para chegarem ao Mato Grosso, os bandeirantes paulistas desciam o rio Tietê em canoas, entravam no rio Paraná até a foz do rio Parado e nele subiam até onde hoje é a cidade de

Camapuã. Por fim, subiam o rio Cuiabá para chegar até onde hoje é a atual cidade de Cuiabá. Um dos resultados dessas expedições foi a cisão entre os Boróro Ocidentais – Boróro da Campanha e Boróro Cabaçais – e Boróro Orientais – conhecidos como Coroados em função do corte circular dos cabelos. Em meados do século XX, os Boróro da Campanha foram considerados extintos em virtude das constantes agressões sofridas pelos colonizadores.

O contato da sociedade Boróro com a sociedade ocidental remonta ao século XVIII, durante o movimento das “bandeiras jesuíticas” que vieram de Belém rumo a região da Bacia do Rio Araguaia, seguindo pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao rio Paraguai (ISA)<sup>4</sup>.

Para Bordignon (2001), o contato do povo Boróro com a sociedade ocidental tem mais de três séculos, podendo ser dividido em três etapas:

1. *A busca do ouro*: começa no século XVIII, quando os bandeirantes caçavam índios Boróro para levá-los como escravos e vendê-los. Durante esse período havia muitos ataques às comunidades indígenas e muitos deles eram levados como prisioneiros. Em 1719, Pascoal Moreira Cabral, na tentativa de atacar e destruir uma aldeia, na altura do córrego Motuca, foi atacado pelos Boróro que mataram cinco brancos e feriram mais de 15. Na fuga, os bandeirantes desceram o rio e acamparam em um lugar chamado Forquilha, onde descobriram o ouro aluvional. Com a descoberta do ouro, Portugal propôs que bandeirantes se organizassem em inúmeras caçadas aos indígenas com o objetivo de combatê-los. O extermínio foi tão intenso que, ainda segundo Bordignon (2001), no século XIX havia pouco mais de 200 indígenas.

2. *A “Pacificação” dos Boróro do Rio São Lourenço*: após os massacres e as lutas com os bandeirantes, os Boróro orientais, também conhecidos como coroados, afastaram-se das minas para lugares menos acessíveis. Nessa época, o governo de

---

<sup>44</sup> Conferir informações no site do Instituto Socioambiental, disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/bororo/241>. Acesso em 27 de outubro de 2012.

Mato Grosso encontrava-se esgotado em estratégias e recursos econômicos para a pacificação do povo Boróro. A alternativa foi convencer algumas mulheres Boróro escravas a contribuir com o governo. Lideradas por Rosa Boróro, essas mulheres juntaram-se ao militares e foram ao encontro de seus parentes e, como garantia, o governo manteve seus filhos reféns na cidade. As mulheres entraram nas aldeias sozinhas. Era o dia 16 de junho de 1886, quando o grupo se rendeu e entregou as armas. Após a pacificação, esses indígenas foram batizados e agrupados em duas Colônias militares no rio São Lourenço. Os salesianos se juntaram aos militares por três anos na tentativa de catequização dos indígenas, porém essas colônias não funcionaram. Havia muito abuso das mulheres Boróro e o uso abundante de aguardente. Bordignon (200, p. 36) afirma que nas “décadas de 50 e 60, a falta de assistência do órgão federal, os surtos de epidemias como sarampo e tuberculose associadas ao alcoolismo e ao baixo índice de natalidade Boróro (...) fizeram com que este povo chegasse à beira da extinção”.

3. *A “pacificação” dos Boróro dos rios Garças e Araguaia pelos missionários salesianos: a pacificação dos Boróro da região dos rios São Lourenço, Araguaia, das Mortes e Alto São Lourenço aconteceu em meio a vários conflitos sangrentos, envolvendo a chacina de indígenas e a morte de homens brancos. Em 1890, por exemplo, toda a família de Manoel Inácio foi assassinada em uma vingança a um feitor de Goiás que envenenou a água de um poço e matou quase 200 Boróro (Viertler, 1982 apud Bordignon 2001). Nesse clima de revoltas e vinganças, em 1902, a Missão Salesiana inicia a colônia do Sagrado Coração de Jesus e, posteriormente, outras colônias foram sendo criadas. A ideia defendida pelos salesianos era a possibilidade de “civilização” dos indígenas, ao invés do extermínio deles.*

Sobre a população Boróro, as informações disponíveis no *site* do Instituto Socioambiental<sup>5</sup> são as de que

nas últimas décadas do século XIX havia um contingente de aproximadamente dez mil indivíduos Boróro. Contudo, ao cabo de poucos anos, grande parte sucumbiu aos efeitos deletérios do contato, que incluíram guerras, epidemias e fome.

Embora a população estivesse fadada à extinção já por volta de 1932, atualmente verifica-se um crescimento da população que é constituída por aproximadamente 1700 indígenas<sup>6</sup>.

- **Informações etnográficas**

De acordo com Lévi-Strauss (1936), a aldeia Boróro é dividida em duas metades exogâmicas denominadas respectivamente de *Tugarege* e *Ecera*. Cada uma dessas metades é dividida em quatro clãs principais. As aldeias são, originalmente, circulares e as casas são distribuídas ao redor do grande círculo (Cf. imagem 1, retirada de Albisetti e Ventureli (1969)). No centro da aldeia há a casa dos homens denominada de *baito* ou *bai manna gejew* e ao lado oeste da casa dos homens há a casa cerimonial, denominada *Boróro*, local em que se realizam as cerimônias mais importantes.

A estrutura morfológica da aldeia, segundo Lévi-Strauss (1936), traduz imediatamente a organização social do grupo. As casas são distribuídas em torno de um grande círculo, cujo centro é ocupado pela “casa dos homens”, esse construído sobre um eixo norte-sul. A divisão da aldeia é feita em dez metades, pouco iguais: a parte sudeste compreende as casas *Tugarege*; a parte nordeste é formada pelas casas *ecera*.

---

<sup>5</sup> Informações disponíveis em: < <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/bororo/242> > Acesso em 25 de agosto de 2012.

<sup>6</sup> Informações disponíveis em: < <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/bororo/242> >. Acesso em 12 de dezembro de 2013.



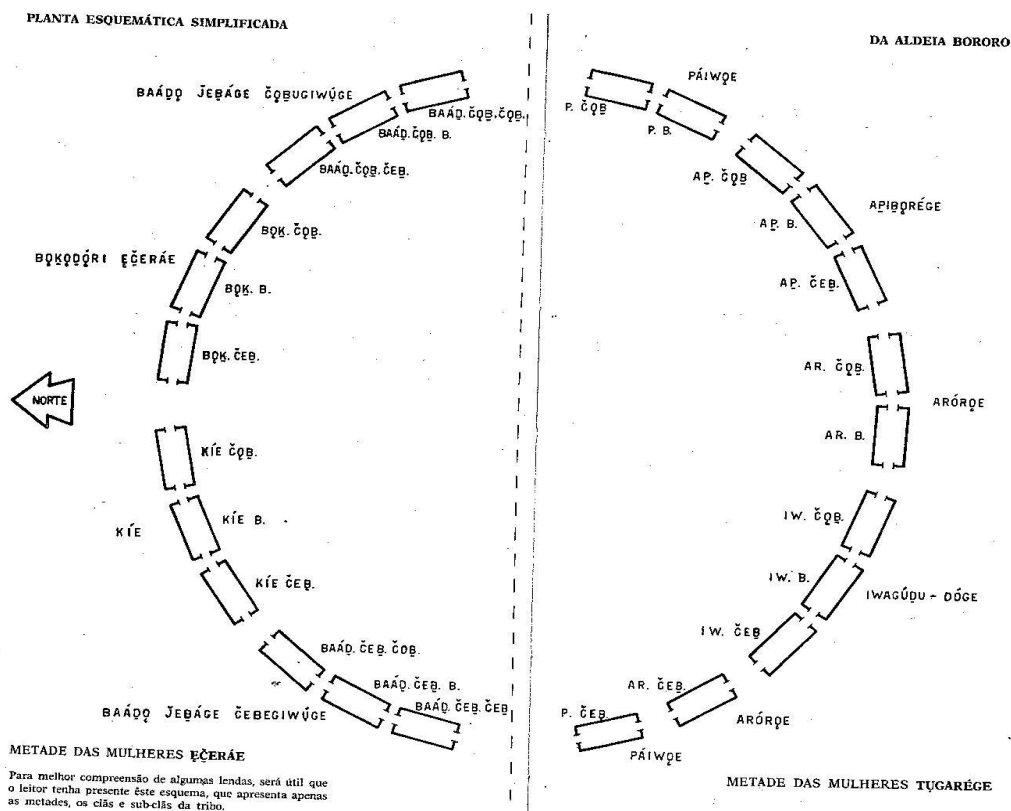


Figura 1: Metades exogâmicas povo Boróro (Lévi-Strauss, 1936)

Segundo Bordignon (2001), dentre as cerimônias Boróro, as mais importantes são: (i) imposição do nome às crianças; (ii) a perfuração dos lóbulos das orelhas e lábio inferior; (iii) festa do milho novo; (iv) preparação para a caçada ou para a pescaria; (v) a festa do couro da onça, do gavião real e do matador da onça.

Dentre os rituais, cabe ressaltar o ritual de funeral Boróro considerado, por muitos estudiosos, como um dos mais ricos, complexos e requintados do mundo. Ainda segundo o Bordignon (2001:52),

o funeral Boróro constitui-se no mais longo de todos os rituais dessa sociedade, podendo durar até três meses, contados a partir da morte do indivíduo até o enterro secundário: o morto é enterrado na praça, no centro da aldeia, em uma cova rasa, que é aguada para acelerar o processo de decomposição das partes moles. Depois os ossos são desenterrados, lavados e, uma vez ornamentados, depositados em um cesto de palha enfeitado e enterrados definitivamente. Essas atividades são permeadas por uma sucessão de cantos, danças, caçadas, pescarias, refeições coletivas e representações cerimoniais.



Schultz (1943) mostra que os Umutína remanescentes afirmavam que “antigamente” viviam em três aldeias, compostas de muitas casas, contudo, Max Schmidt, em 1924, (apud Schultz 1943) encontrou apenas duas aldeias com vinte e dois índios ao todo. A população estimada em 1862 era de cerca de quatrocentos indivíduos. Depois da pacificação, ocorrida em 1911, passaram a contar trezentos. Em 1923, um relatório do Serviço de Proteção ao Índio – SPI registrou um número de indígenas superior a cento e vinte. Em 1943, os Umutína não passavam de setenta e três indivíduos, sendo que desses, cinquenta viviam no posto Fraternidade Indígena. Os outros vinte e três índios não aceitaram a pacificação e ficaram conhecidos como “os independentes” (informações disponíveis no *site* do ISA). Segundo Schultz (1952), em 1943 uma aldeia de vinte e três indígenas, reduziu-se a “quinze almas” em virtude de uma epidemia de coqueluche e broncopneumonia.

Atualmente, de acordo com informações disponíveis no *site* do ISA<sup>7</sup>, há 445 indígenas Umutína, localizados no estado do Mato Grosso. Ressalta-se que não há mais falantes da língua. O último falante faleceu em 2003.

Segundo Shultz (1952), os *Umutína* tinham como vizinhos os *Boróro da Campanha* e os *Boróro Orientais*, os *Guató* do médio rio Paraguai e os *Pareci* e *Nambiquara* ao norte, com esses últimos tendo um contato mais hostil.

De acordo com informações contidas no *site* do ISA<sup>8</sup>, os *Umutína* eram conhecidos e descritos pelos não índios como indígenas agressivos e violentos e impediam, pela força, a invasão do seu território tribal. Suas armas ofensivas eram o arco e as flechas e um tipo especial de maça, denominado de tacape-espada. A pacificação ocorreu em 1911 pelo paulistano Helmano dos Santos Mascarenhas, sob as ordens do SPI e do general Cândido Rondon. Embora pacificados, os *Umutína* continuaram a ser atacados por seringueiros e posseiros.

- **Informações etnográficas**

De acordo com Schultz (1952), as aldeias eram compostas de três a cinco casas localizadas na faixa da mata sempre perto de água.

---

<sup>7</sup> Informações disponíveis em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Umutína>. Acesso em 21 de novembro de 2012.

<sup>8</sup> Informações disponíveis em: < <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Umutína/2023>>. Acesso em 25 de agosto de 2012.

Sobre as mulheres, Schultz (1952) afirma que “usam o cabelo cortado rente, cobrindo suas nádegas com uma saia tubular de tecido de algodão, fiado manualmente e fabricado em tear vertical muito primitivo”. Sobre os homens, afirma que “têm o cabelo comprido, que atam em nó ao alto da cabeça, enrolando uma faixa de algodão, ligeiramente parecida com um turbante pequeno” (p. 83).

Sobre os enfeites, Schultz (op. cit.) mostra que homens e mulheres possuem os lóbulos das orelhas perfurados logo após o nascimento. Na parte superior dos braços, eles usam um distintivo tribal feito de penas do peito do mutum.

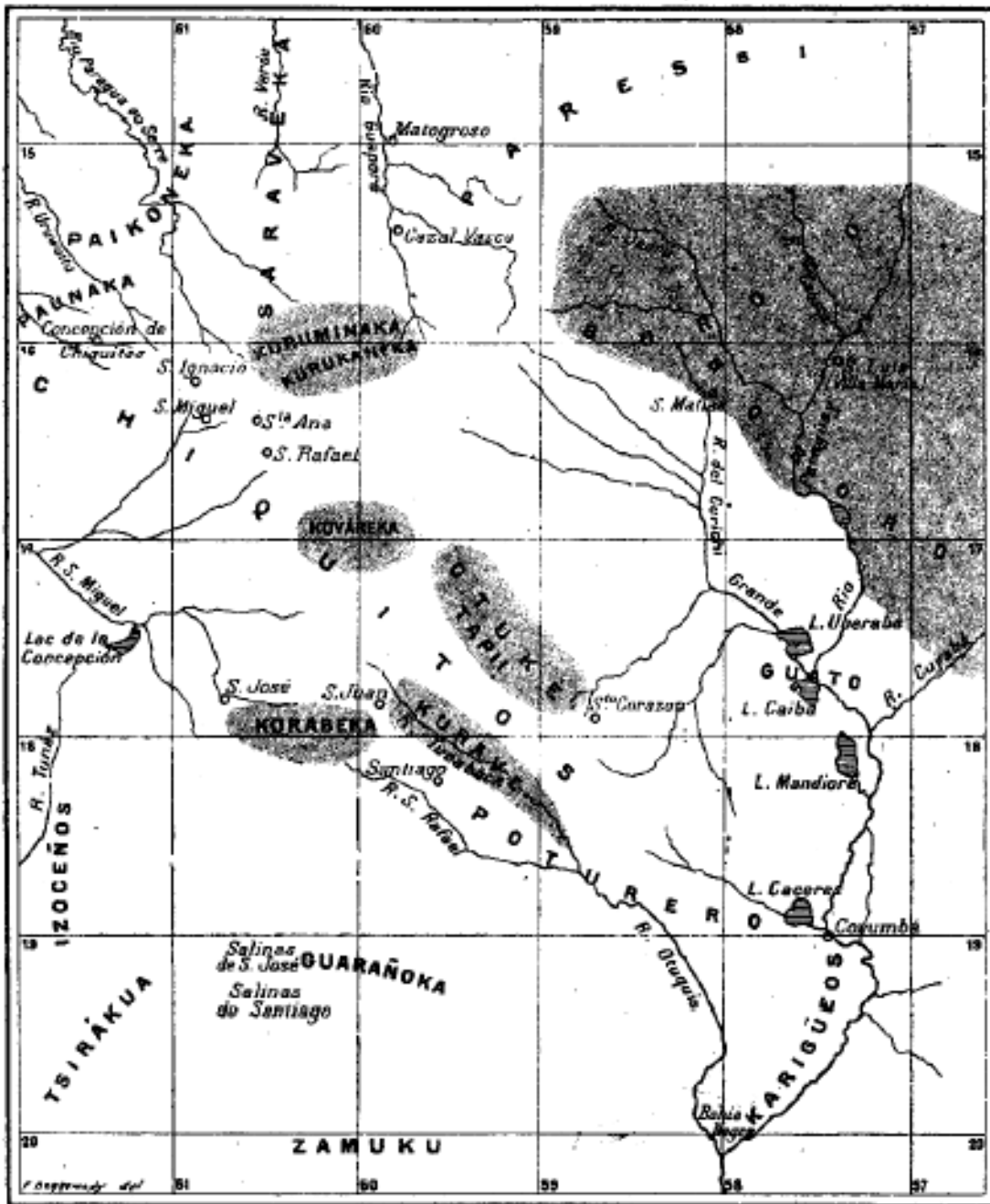
Os remanescentes Umutína viviam em grupos de famílias nucleares em três casas comuns, sendo que os moradores femininos são sempre parentes consanguíneos. Quando os homens se casavam, estes passavam a residir na casa da esposa (Schultz, 1952).

### **2.2.3. O povo Otúke**

Sobre o povo Otúke não há quase nenhum trabalho publicado, tanto no que concerne ao aspecto linguístico quanto ao etno-histórico.

De acordo com Créqui-Montfort e Rivet (1912), o povo Otúke situava-se na baixa Bolívia oriental na fronteira com o Brasil, tendo como vizinhos, ao sul, os *Samucus* e, talvez, os *Chiquitanos* e, ao norte, os *Saraveka*, *Kuruminaka* e *Kovareka*.

Em 1912, havia em torno de 50 indígenas e todos estavam já convertidos ao cristianismo e moravam na missão de Santo-Corazón.



Mapa 4: Carta da Baixa Bolívia indicando a posição do grupo Otúke (Créqui-Montfort e Rivet, 1913).

#### 2.2.4. O povo Kovareka

Assim como a língua *Otúke*, as línguas *Kovareka* e *Kuruminaka* possuem poucas informações linguísticas e antropológicas. Segundo Chamberlain (1910), os *Kovareka* estavam localizados no leste da Bolívia, na Missão Jesuítica de Santa Ana de

*Chiquito*. Embora não haja nenhum vocabulário registrado desta língua, o autor (op. cit.) ressalta que os missionários a consideravam como uma língua independente.

### **2.2.5. O povo Kuruminaka**

Os *Kuruminaka* habitavam a parte oriental da Bolívia. Em 1831, havia na Missão de Santa Ana de *Chiquitos* cerca de 10 indígenas *Kuruminaka* que haviam abandonado sua língua materna e adotado a língua *Chiquitano*. Sobre essa língua, D'Orbigny (1831) conseguiu registrar apenas 14 palavras, apresentadas no Capítulo IV.

### **2.3. Da produção linguística sobre a família Boróro**

O povo Boróro é um dos povos indígenas mais estudados do Brasil e do mundo. Segundo a antropóloga Thekla Hartmann (1967), só na antropologia há mais de cem obras dedicadas parcial ou totalmente à cultura Boróro.

Assim como na antropologia, das três línguas da família Boróro, é sobre a Boróro que possuímos o maior número de estudos linguísticos, como veremos adiante.

Sobre a língua Umutína, os trabalhos linguísticos são: (i) *Los Barbados o Umotinas em Mato Grosso* (Brasil), (Schmidt, 1941); (ii) *Vocabulário dos índios Umutína* (Schultz, 1952); (iii) *Comparação das línguas Boróro e Umutína* (Rodrigues 1962)); (iv) *O parentesco genético das línguas Umutína e Boróro* (Rodrigues, 2007) e uma dissertação de mestrado intitulada “*A língua umutína: “um sopro de vida”*” (Lima, 1995).

Sobre a língua Otúke, temos os trabalhos comparativos: (i) “Linguistique bolivienne. Les affinités des dialectes Otuké” (Rivet e Créqui-Montfort, 1913); (ii) “Linguistique Bolivienne. Le groupe Otúke” (Rivet e Créqui-Montfort, 1912).

Com relação à língua Boróro, há uma extensa lista de referências bibliográficas, visto que Boróro tem uma longa história de contato iniciada ainda no século XVIII. Durante cerca de três séculos de contato, muitas pesquisas, tanto linguísticas quanto etnográficas, foram desenvolvidas. Estima-se que mais de 50 pesquisadores, entre missionários, linguistas, antropólogos e arqueólogos já trabalharam junto ao povo Boróro.

Destacamos aqui os trabalhos de documentação linguística realizados pelos missionários salesianos. Essas publicações constituem um importante acervo sobre a língua e a cultura do povo Boróro e compõem a mais importante contribuição documental sobre a língua Boróro. O acervo inclui informações etnográficas, registros dos principais mitos e histórias, esboços gramaticais e vocabulários e um dicionário enciclopédico.

Dos inúmeros trabalhos desenvolvidos pelos salesianos, enfatizamos a *Enciclopédia Boróro*, produzida pelos padres Cesar Albisetti e Ângelo Jayme Venturelli. A *Enciclopédia Boróro* é dividida em três volumes, a saber: vol. I, vocabulários e etnografia (1962); vol. II, lendas e antropônimos (1969); e o vol. III, cantos de caça e de pesca (1976). Recentemente, foram publicados trabalhos e estudos desenvolvidos pelo padre Gonçalo Ochoa<sup>9</sup>, que reside há mais de 50 anos na Missão Salesiana de Merúri, município de General Carneiro, MT. Desses trabalhos, destacam-se os dicionários bilíngues: *O Pequeno dicionário Boróro-Português – a serviço da escola* e *O Pequeno dicionário Português-Boróro – a serviço da escola* (1997, 2005). Esses dicionários são muito utilizados na comunidade tanto na escola quanto pelos demais membros da comunidade.

Os trabalhos científicos orientados por abordagens teóricas linguísticas publicados sobre a língua Boróro são:

3. A tese de doutorado, escrita por Thomas Crowell, intitulada *A grammar of Bororo* (1979), a descrição linguística mais completa da língua Boróro, até o presente. Compreende descrição da fonética, da morfologia e da sintaxe da língua. As transcrições fonético/fonológicas são bem acuradas e detalhadas e as análises descritivas seguem orientação de base funcionalista.
4. Os trabalhos produzidos por Adriana Maria Soares Viana: *Morfossintaxe da língua Boróro* (exame de qualificação 2003a), *Tempo, aspecto e modo em Boróro* (2003b) e *Dissimilação de sonoridade em Boróro: uma abordagem com base no princípio do contorno obrigatório* (2007).
5. A dissertação de mestrado intitulada *Ainore Boe egore: um estudo descritivo da língua bororo e conseqüências para a teoria de caso e concordância*, defendida em

---

<sup>9</sup> Conferir informações em:

<http://www.cnbbo2.org.br/index2.php?system=news&action=read&id=6636&eid=232>. Aesso em 23 de novembro de 2013.

- 2008, por Rafael Nonato, na UNICAMP. Há ainda outro estudo de Rafael e Filomena Sândalo (2008) intitulado *Uma comparação gramatical, fonológica e lexical entre as famílias Guaikurú, Mataco e Bororo: um caso de difusão areal?*
6. Por fim, os trabalhos mais recentes realizados por Camargos: Dissertação de mestrado intitulada *Relações gramaticais, aspecto, modo e modalidade em Boróro* (2010), um estudo sobre *Manifestação de ergatividade em Boróro* (Camargos e Cabral, 2010) e um trabalho intitulado *As categorias de tempo, modo, aspecto e modalidade em Boróro* (Camargos, 2010).
  7. Os estudos linguísticos de Aryon Rodrigues que compreendem: (i) *Uma hipótese sobre flexão de pessoa em Boróro* (1993), (ii) *Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê* (1999), (iii) *O parentesco genético das línguas Umutína e Boróro* (2007).

#### **2.4. Algumas considerações gerais**

Neste capítulo, apresentamos, resumidamente, informações etnográficas e históricas sobre os povos indígenas Boróro, Umutína, Otúke, Kovareka e Kuruminaka. Em seguida, listamos as principais produções linguísticas referentes a essas línguas. É sobre a língua Boróro que há mais trabalhos publicados, destacando-se a Enciclopédia Boróro (bilíngue) constituída de três volumes, de autoria dos padres salesianos Albisetti e Venturelli (1962, 1969 e 1976).



## CAPÍTULO III

### METODOLOGIA DE PESQUISA

---

### 3. Introdução

Para a análise sincrônica dos dados das línguas consideradas nesta pesquisa, utilizamos uma abordagem estruturalista fundamentada, em parte, em Pike (1943), no que diz respeito aos procedimentos analíticos que põem em relevo o contraste, a distribuição complementar, os pares mínimos e análogos, mas considerou a ideia de fonema enquanto entidade abstrata, complexa, cujas realizações fonéticas dependem fundamentalmente dos princípios e restrições ativos nas línguas individuais que também norteiam a interface da fonologia com outros subsistemas linguísticos.

A comparação fundamentou-se no método Histórico-Comparativo, o único método que serve à identificação de graus de parentesco genético entre línguas. O conjunto de procedimentos que o caracteriza permite determinar se um grupo de línguas é geneticamente relacionado, ou seja, que se diversificaram a partir de um ancestral comum ou proto-língua. Permite também identificar o grau de relacionamento entre elas e serve à reconstrução de partes dos diferentes subsistemas linguísticos de estágios anteriores de uma língua ou de um grupo de línguas (Thomason e Kaufman (1988), Kaufman (1990), Hock (1991), Crowley (1992) e Campbell (1999; 2004).

Os estudos comparativos considerou, além do léxico e dos sons das línguas, alguns aspectos morfológicos. Os resultados dessa comparação serviram para fundamentar a hipótese de Rodrigues de uma família Boróro constituída de cinco línguas.

Para o estudo histórico-comparativa da língua Boróro com as demais línguas da família, Umutína, Otúke, Kovareka e Kuruminaka, fundamentamo-nos, principalmente, nos trabalhos de Thomason e Kaufman (1988), Kaufman (1990), Hock (1991), Crowley (1992) e Campbell (1999; 2004).

### **3.1. Sobre a seleção de dados para as línguas comparadas neste trabalho**

Campbell (1999, p. 148) afirma que o sucesso de qualquer reconstrução linguística depende do material para análise e da capacidade do linguista comparativo em descobrir o que aconteceu na história das línguas que estão sendo comparadas.

Sabe-se que os dados existentes de várias das línguas indígenas brasileiras são, em sua generalidade, insuficientes e, em certos casos, extremamente escassos, como é o caso pontual das línguas Kuruminaka e Kovareka, membros da família Boróro. À grande maioria das línguas indígenas brasileiras faltam descrições linguísticas, dicionários e material com repertório de textos.

Para este trabalho, procuramos identificar e, em alguns casos, esgotar a literatura sobre as principais obras de caráter linguístico e antropológico das línguas selecionadas que possam oferecer dados que sirvam à comparação com o Boróro.

Sobre a língua Boróro, utilizamos os dados registrados por Colbacchini e Albisetti (1942), por Crowell (1979), por Viana (2003) e dados coletados pela autora do presente trabalho em duas viagens a campo realizadas em 2006 e 2007, na aldeia Nabure-iau, na terra indígena Merúri. Há ainda dados coletados no Laboratório de Línguas Indígenas quando da vinda de Valdir Ecera Eceba, professor Boróro, em 2009. Os dados coletados por Camargos, individualmente, ou em parceria com Rodrigues e Cabral, constituem o Banco de Dados da Língua Boróro do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) da Universidade de Brasília.

Sobre a língua Umutína, utilizamos dos dados contidos em “Los Barbados o Umotinas en Matto Grosso (Brasil)”, de Schmidt (1941), os contidos no “Vocabulário dos índios Umutína,” disponível em Shultz (1952), e os dados disponibilizados na dissertação de mestrado, não publicada, de Lima (1995). Conforme já explicitado anteriormente, os dados da língua Umutína são muito limitados e há apenas um pequeno repertório de orações.

Sobre a língua Otúke, nos servimos dos dados disponíveis nos trabalhos de Rivet e Créqui-Montfort (1912, 1913) que, infelizmente, são limitados a um conjunto de pouco mais de 140 itens lexicais não contemplando nesse conjunto dados linguísticos com orações ou textos. Com relação às línguas Kovareka e Kuruminaka, Rivet e

Créquit-Montfort (op. cit.) registram cerca de 20 palavras reunidas em uma lista de campos semânticos distintos.

### **3.1. O Método Histórico-Comparativo**

Segundo Campbell (1999, p. 108), o método comparativo é o método central e o mais importante dentre os métodos e técnicas para recuperar a linguística histórica. Esse método é eficiente, também, de acordo com o autor (op. cit), para a classificação das línguas, para o conhecimento da pré-história linguística das línguas e para a investigação sobre as relações genéticas das línguas.

Campbell (1999) apresenta alguns conceitos indispensáveis para entender o método comparativo, são eles:

- Proto-língua: uma língua ancestral da qual as línguas filhas descendem; é a língua reconstruída pelo método comparativo (1999, p. 111);
- Línguas-irmãs: são as línguas relacionadas em função de possuírem um ancestral comum, a proto-língua (1999, p. 112);
- Cognatos: são as palavras (morfemas) comuns herdadas pelas línguas-irmãs a partir da proto-língua (1999, p. 112);
- Conjunto de cognato: é o conjunto de palavras (morfemas) relacionadas umas com as outras e que se originam da mesma palavra (morfema) da proto-língua (1999, p. 112);
- Método comparativo: é um método (conjunto de procedimentos) cuja função é comparar cognatos que descendem de uma língua ancestral comum (a proto-língua) com o objetivo de postular ou reconstruir a língua original;
- Correspondência sonora: é um conjunto de sons cognatos que descendem do ancestral comum, a proto-língua;
- Reflexo: é um som que reflete nas línguas-filhas e que descende da proto-língua, ou seja, é um reflexo do som original na língua-filha (1999, p. 112).

De acordo com Crowley (1992), o método comparativo tem por objetivo reconstruir alguns aspectos de uma língua original a partir de reflexos de suas línguas-irmãs. Crowley (op. cit.) apresenta o método de trabalho em três etapas, a saber:

1ª etapa: identificar, em um conjunto de palavras, formas que parecem ser cognatas de formas que não o são. Para serem cognatas, é preciso levar em consideração que as formas precisam ter similaridade fonética, bem como significado igual ou parecido.

2ª etapa: identificar os sons correspondentes e sistemáticos, isto é, sons que parecem ser descendentes de um mesmo som original.

3ª etapa: fazer a reconstrução do som original na proto-língua, que segundo Crowley (1992), segue alguns princípios gerais:

- *“Qualquer reconstrução deve envolver mudanças sonoras que são plausíveis” (p. 98);*
- *“Qualquer reconstrução deve envolver algumas mudanças possíveis entre a proto-língua e as línguas-filhas” (p. 98);*
- *A reconstrução deve preencher lacunas no sistema fonológico, em vez de criar sistema desequilibrado (p. 98);*
- *Um fonema não deve ser reconstruído em uma proto-língua, a menos que se mostre ser absolutamente necessário a partir de evidências das línguas-filhas (p. 101);*
- *Deve-se procurar correspondências sonoras que envolvem sons foneticamente semelhantes (p. 106);*
- *“Para cada um dos pares foneticamente suspeitos de correspondências sonoras, deve-se atentar se eles estão ou não em distribuição complementar ou em ambientes contrastantes” (p. 106).*

Assim como Crowley (1992), Campbell (1999) também postula outras etapas para o desenvolvimento de etapas comparativas, a saber:

1ª etapa: montagem dos cognatos, isto é, identificação dos cognatos potenciais nas línguas comparadas.

2ª etapa: estabelecer correspondências sonoras. Para evitar correspondências sonoras acidentais, Campbell (1999) mostra que é preciso verificar a sistematicidade desses sons, isto é, se eles se repetem sistematicamente no conjunto dos cognatos.

3ª etapa: reconstrução do proto-som. Para a reconstrução do proto-som, Campbell (1999) apresenta algumas orientações:

- (1) Direcionalidade: por direcionalidade entende-se as mudanças sonoras que se repetem em línguas independentes que podem ir em uma mesma direção (A>B) ou não (B>A).
- (2) A maioria vence: neste princípio, acredita-se que o proto-som é reconstruído a partir de um conjunto de correspondências sonoras em que o som que se apresenta em um maior número de línguas filhas, torna-se o proto-som. O autor (1999), contudo, ressalta que pode acontecer de apenas uma língua conservar o som original enquanto as demais línguas irmãs o tenha modificado, ou ainda que todas as línguas irmãs sofram alterações e nenhuma reflita de forma inalterada, original, o proto-som. Nessas situações, obviamente, a maioria não pode ser considerada para a reconstrução.
- (3) Baseado em traços comuns: tenta-se reconstruir o proto-som com a máxima precisão fonética, objetivando chegar o mais próximo possível da proto-forma original. Campbell (1999) acredita não ser possível alcançar o realismo fonético com precisão, contudo, com a observação dos reflexos compartilhados pelas línguas irmãs pode-se chegar à forma mais próxima da original.
- (4) Economia: este critério se baseia na suposição de que as chances de mudanças são maiores quando ocorre uma única mudança independente do que quando ocorrem três.

4ª etapa: Determinar o status de similaridade do conjunto de correspondências (p. 122). O autor (op. cit.) observa que algumas alterações de som, particularmente mudanças condicionadas, podem resultar em um proto-som a ser associado a mais do que uma correspondência definida. Estes sons devem ser tratados para se conseguir uma reconstrução mais precisa.

5ª etapa: Verificar a plausibilidade do som reconstruído a partir da perspectiva do inventário geral fonológico da proto-língua, considerando que as línguas humanas possuem sistemas simétricos e padrões sistemáticos e congruentes.

6ª etapa: Verificar a plausibilidade do som reconstruído a partir da perspectiva dos universais linguísticos e das expectativas tipológicas. Campbell (1999) ressalta que muitos conjuntos de sons são frequentes nas línguas do mundo, enquanto outros são raramente encontrados. Ao propor reconstruções de um proto-som é preciso se certificar de que não se está propondo um conjunto de sons que nunca ou muito raramente são encontrados nas línguas humanas.

7ª etapa: Reconstrução individual de morfemas.

Hock (1991) apresenta algumas noções importantes para elaborar o diagnóstico da relação genética: i) as similaridades ou correspondências não devem ser resumidas em poucos itens, mas recorrente em um amplo conjunto de dados linguísticos; ii) as formas longas tem mais peso que as curtas no diagnóstico de parentesco; iii) a maior chance de línguas não aparentadas geneticamente serem similares é no campo das onomatopeias; iv) vocabulários como nomes de partes do corpo humano e pronomes pessoais, entre outros, são mais dificilmente emprestados; v) há mudanças regulares o que nos capacita a fazer correspondências sistemáticas entre as línguas, tornando possível a reconstituição; vi) a proto-língua sofre mudanças linguísticas na regiões em que é falada e os dialetos iniciam o processo de diferenciação de línguas; vii) os sons mudam em uma certa direção o que pode ser constatado através da análise contrastiva entre as línguas aparentadas.

### 3.2. Principais processos de mudanças sonoras (Crowley, 1992)

Crowley (1992) identifica alguns dos principais tipos de mudanças sonoras que ocorrem nas línguas do mundo:

1. Lenização (ou enfraquecimento) ou sonorização: as mudanças fonéticas mais comuns ocorrem na direção de sons mais fortes (vozeados) para sons mais surdos (desvozeados). Mudanças contrárias são possíveis, contudo, menos comuns.
2. Adição de som: embora o processo de adição de som seja raro, ele pode ser feito de duas maneiras distintas:
  - a) Excrescência: refere-se ao processo em que uma consoante é acrescentada entre duas outras consoantes na palavra (p. 44). Esse tipo de acréscimo é o menos comum nas línguas do mundo, pois vai contra a tendência geral das línguas de produzir estruturas silábicas de consoantes mais vogais.
  - b) Epêntese ou Anaptixe: refere-se a um processo em que uma vogal é introduzida entre duas consoantes a fim de quebrar este agrupamento. Essa mudança produz sílabas do tipo CV (p. 45).
3. Metátese: é um tipo de mudança bastante incomum, pois não envolve a perda, adição ou mudança aparente de um som particular. Esta é, simplesmente, uma mudança na ordem dos sons.
4. Fusão: a fusão fonética é um tipo bastante comum de mudanças de som, na qual dois sons originalmente separados tornam-se um único som. O resultado da fusão dos dois sons carrega algumas características fonéticas dos sons originais (p. 46).
5. Desdobramento: é um processo fonético oposto ao processo de fusão, isto é, a partir de um único som, encontra-se uma sequência de dois

sons que podem se desenvolver, cada um com as características do som original (p. 48).

6. Desdobramento vocálico: nesta mudança, uma única vogal muda para tornar-se um ditongo com a mesma vogal remanescente, com um *glide* acrescentado antes ou depois da vogal (*on-glide ou off-glide*) (p. 49).
7. Assimilação: é o tipo mais comum de mudança sonora. É caracterizada quando um som exerce influência sobre o outro tendo como resultado sons mais similares (p. 49).
8. Dissimilação: este processo é o oposto da assimilação, ou seja, quando um som muda para tornar-se menos comum com o som próximo a ele.

### **3.3. Contatos e empréstimos linguísticos**

O tipo e a intensidade do contato entre as línguas pode também interferir no diagnóstico de graus de relações genéticas entre línguas e dialetos<sup>10</sup>. Durante esses processos, regularmente, observa-se o empréstimo de vocabulário, seja de palavras individuais ou de conjunto de itens lexicais. Além de itens lexicais, outros elementos das línguas também podem ser emprestados, como é caso de prefixos e sufixos e de outros elementos gramaticais e referentes a bens científicos e culturais (Hock, 1986).

Os empréstimos linguísticos são muito comuns em todas as línguas do mundo. O grau de contato das línguas e os contextos sociais em que o contato ocorre pode diferenciar uma língua irmã da outra.

O empréstimo, segundo Thomason e Kaufman (1988), é definido como a incorporação de recursos estrangeiros na língua nativa de um grupo de falantes. Essa

---

<sup>10</sup> De acordo com Hock (1986, p. 380), línguas e dialetos são variedades de fala que são, relativamente, similares uma com a outra; quando essas divergências são menores diz-se que são dialetos de uma mesma língua. A distinção entre língua e dialeto é norteadada pelo princípio da “inteligibilidade mútua”, isto significa que dialetos de uma mesma língua podem ser mutuamente inteligíveis, enquanto diferentes línguas não o são.



língua é mantida, contudo, é modificada pela adição de características incorporadas a ela a partir de outra língua.

Em uma situação de empréstimo, as palavras são, tipicamente, os elementos que são primeiramente emprestados, contudo, ressalta-se que elas, quase sempre, carregam os afixos pertinentes às classes a que pertencem.

Thomason e Kaufman (1988) argumentam que se há uma forte pressão cultural a longo prazo, características estruturais como fonologia, sintaxe e, mais raramente, características da morfologia derivacional podem ser emprestadas.

Hock (1986) mostra que os empréstimos vocabulares podem introduzir novos elementos na língua ou os segmentos podem estabelecer novos ambientes de ocorrência. Os empréstimos podem, ainda, influenciar a estrutura gramatical da língua envolvida como, por exemplo, em processos de formação de plural de alguns elementos emprestados, a formação de elementos comparativos, dentre outros.

É senso comum entre os linguistas a existência de um vocabulário básico das línguas. Este tende a ser o mais resistente às mudanças, mesmo em face de forte prestígio (cf. Hock, 1986, p. 385).

Campbell e Mixco (2007, p. 25) definem o vocabulário básico como raramente definido explícitamente, mas entendido intuitivamente como contendo partes do corpo, parentesco próximo, elementos da natureza, do mundo e alguns numerais. Os autores (op. cit.) acreditam que o vocabulário básico seja mais resistente aos empréstimos e substituições lexicais, visto que constituem vocabulário do núcleo “não-cultural”.

Hock (1986) define como elementos que podem ser emprestados entre as línguas, os seguintes: itens lexicais, morfemas, regras morfológicas, fonemas, regras fonológicas, expressões idiomáticas e processos morfossintáticos. O autor (op. cit.) argumenta que certos nomes para artefatos científicos e culturais também são comumente emprestados e estão sujeitos a mudanças frequentes.

Por outro lado, há um conjunto de elementos vocabulares que são menos comumente emprestados, pois parecem requerer uma motivação especial. Hock (1986) considera como uma boa motivação a noção de prestígio que as línguas adquirem ao longo do tempo, tanto em caráter social, político, econômico e cultural. Além desses elementos, o autor (op. cit.) ressalta que os vocabulários básicos das línguas tendem a resistir mais às mudanças, mesmo diante de uma língua com grande prestígio.

Hock (1986) ressalta que dificuldades enfrentadas com os empréstimos levam a ajustes necessários nas palavras emprestadas da estrutura nativa. São eles:

1. Nativização fonológica: os empréstimos devem tornar-se, nas línguas receptoras, “pronunciáveis” pelos seus falantes. A nativização fonológica utiliza várias estratégias para integrar a forma estrangeira com a estrutura nativa.
2. Nativização lexical: relaciona-se às mudanças no léxico e na morfologia derivacional.
3. Nativização da morfologia flexional: esse tipo de nativização só é possível em línguas que tenham o sistema gramatical similar, pois quando temos diferentes sistemas, precisa-se de diferentes estratégias, no caso de línguas com complexos sistemas de morfológicos e morfossintáticos.

### **3.4. Algumas considerações gerais**

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações sobre o Método Histórico-Comparativo que fundamentou a presente tese doutoral e que consiste no principal método histórico, já que nos permite fazer a identificação de línguas geneticamente aparentadas e propor a reconstrução de estágios anteriores de línguas geneticamente relacionadas, por meio de proto-formas e proto-sons. Apontamos alguns pressupostos básicos do método, segundo alguns dos linguistas históricos de destaque, sobretudo em estudos histórico comparativos de línguas ameríndias. Focalizamos nossa discussão também em pressupostos básicos de uma teoria sobre línguas em contato que se preocupa com a reconstrução de proto-línguas. Finalmente, neste capítulo deixamos claro o embasamento teórico-metodológico desta tese.

## CAPÍTULO IV

### SISTEMAS FONOLÓGICOS DAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA BORÓRO

---

#### 4. Introdução

Neste capítulo, apresentamos os sistemas fonológicos, já descritos, das línguas Boróro e Umutína e esboçamos um modelo para a língua Otúke. Devido a escassez de dados, não foi possível analisar o sistema fonológico das línguas Kovareka e Kuruminaka. Em seguida, tratamos dos seus respectivos traços conservadores e das mudanças fonológicas ocorridas ao longo da história individual de cada uma delas.

Na seção 4.1, fazemos algumas considerações sobre o sistema fonológico da língua Umutína e, na seção 4.2, da língua Boróro, para o que consideramos as análises e descrições fonológicas de Lima (1995) e de Rodrigues (2007), para o Umutína, e de Colbacchini & Albisetti (1942), Crowell (1979) e Janet Crowell (2013) para o Bóro; na seção 4.3, esboçamos uma análise fonológica da língua Otúke a partir dos dados disponíveis, que como já sublinhamos no decorrer desse estudo, são limitados e apresentam lacunas que impossibilitam uma descrição ampla do que teria sido o sistema fonológico dessa língua. A análise aqui proposta é também limitada por ter sido fundamentada em dados linguísticos, em ausência de qualquer material sonoro da língua. Como já ressaltamos anteriormente nesse estudo, os dados do Otúke foram registrados por Alcides D'Orbigny (1831) e publicados por Rivet e Créqui-Montfort (1912, 1913). Na seção 4.4, apresentamos considerações sobre os fonemas do Otúke e, na seção 4.5, apontamos algumas considerações sobre o fonema *h*.

Em seguida, na seção 4.6, apresentamos e tecemos algumas considerações sobre o padrão silábico das línguas Boróro, Otúke e Umutína. Finalmente, na seção 4.10, apontamos algumas considerações gerais sobre o capítulo.

Ressaltamos que a transcrição dos dados das línguas indígenas citadas nesta tese considera os símbolos originalmente utilizados por seus autores.

## **4.1. Sistema fonológico da língua Boróro**

### **4.1.1. O sistema consonantal do Boróro**

#### **4.1.1.1. Colbacchini & Albisetti (1942)**

Colbacchini & Albisetti (1942) apresentam um quadro fonológico da língua Boróro que eles denominam de “Sinopse da Fonação aproximada dos Fonemas Bororo”. De acordo com esses autores, a língua Boróro tem 22 fonemas consonantais - /p/, /p̄/, /b/, /b̄/, /t/, /t̄/, /d/, /d̄/, /k/, /k̄/, /g/, /m/, /m̄/, /n/, /n̄/, /r/, /tʃ/, /tʃ̄/, /dʒ/, /dʒ̄/, /v/, /w/ - e 10 fonemas vocálicos - /a/, /e/, /ē/, /i/, /o/, /ō/, /u/, /ū/. Colbacchini & Albisetti (op. cit, p. 1942), diferentemente dos demais estudiosos da língua Boróro, identificam variantes longas de algumas consoantes – /p/, /b/, /tʃ/, /dʒ/, /d/, /t/, /k/, /m/, /n/, respectivamente /p̄/ /b̄/, /tʃ̄/, /dʒ̄/, /d̄/, /t̄/, /k̄/, /m̄/, /n̄/ e variantes longas de três das vogais – /e/, /o/, /u/ –, respectivamente, /ē/, /ō/, /ū/. Muito possivelmente, os autores influenciados pela língua nativa deles, o italiano, interpretaram esses sons como sendo longos, o que distingue o tratamento que deram aos sons do Boróro das análises dos demais estudiosos. Colbacchini & Albisetti foram também os únicos a identificarem a existência de /v/ (fricativo labiodental, sonoro) em Boróro, que corresponde ao que Crowell (1979) e Ochoa (2005) descrevem como /β/ ou como /w/.

Apresentamos nas próximas seções os quadros fonológicos descritos para o Boróro por Crowell (1979) e Nonato (2008) e, em seguida, argumentamos em favor do quadro que adotamos neste estudo.

#### **4.1.1.2. Thomas Crowell (1979) e Janet Crowell (2013)**

Crowell (1979) apresenta o seguinte quadro de consoantes do Boróro.

	Labial	Dental	Álveo-palatal	Velar
<b>Oclusiva</b>	p b	t d	tʃ dʒ	k g
<b>Nasal</b>	m	n		
<b>Aproximante</b>	w	r	y	

Quadro 2: Quadro fonológico por Crowell (1979)

Crowell (1979) apenas apresenta os fonemas da língua sem nenhuma consideração teórica e/ou metodológica. É em Janet Crowell (2013) que vamos encontrar a primeira descrição fonológica linguisticamente fundamentada. Sua abordagem é de natureza segmental, fundamentada em bases articulatórias e em uma análise contrastiva em que são considerados os contrastes e a distribuição das variantes fonéticas de cada fonema, aos moldes de Pike (1943).

Para Janet Crowell (2013), o Boróro possui 13 fonemas consonantais e 7 fonemas vocálicos. A autora fundamenta a existência desses fonemas com exemplos de pares mínimos e/ou análogos, alguns dos quais reproduzimos adiante<sup>11</sup>.

#### **/p/ - oclusiva bilabial surda**

/pobu/	[ˈpebu]	‘pacu’
/ipo/	[ˈipo]	‘varinha’

#### **/b/ - oclusiva bilabial sonora**

/baragoato/	[baraˈgoate]	‘amanhã’
/turubari/	[t̪iriˈb̪ari]	‘pato’
/biri/	[ˈb̪iri]	‘pele’
/biie/	[biyɛ]	‘irmão mais novo’

<sup>11</sup> Mantivemos a transcrição original dos dados da autora.

### **/t/ - oclusiva alveolar surda**

/tugu/	[i'tigi]	'por'
/itura/	[i'tura]	'mato'

### **/d/ oclusiva alveolar sonora**

/aregodu/	[are'godì]	'chegar'
/-doge/	[-'dëge]	'sufixo do plural'

### **/k/ - oclusiva velar surda**

/kami/	['kami]	'costurar'
/akore/	[a'kore]	'ele disse' <sup>12</sup>

### **/g/ - oclusiva velar sonora**

/gu? gu?gu?je/	[gi?gi?gi?j]	'devagar' <sup>13</sup>
/ariga/	[ari'gai]	'cachorro'

### **/tʃ/- africada alveopalatal surda**

/tʃa/	[ʃa]	'então, dai'
/raki tʃaru/	[raki'ʃaru]	'magro'

<sup>12</sup> Na realidade significa 'você disse', sendo a tradução dada um lapso da autora.

<sup>13</sup> Muito provavelmente trata-se de um ideofone.

**/dʒ/ - africada alveopalatal sonora**

/ʒa'giri/	[dʒa'giri]	'longe'
/ʒewu/	[ˈdʒɛwɨ]	'aquele'

**/r/ - vibrante, alveolar**

/rakare/	[ra'karɛ]	'forte'
/karo/	[ˈkarɛ̃]	'peixe'

**/m/ - nasal bilabial sonora**

/merure/	[mɛ'rurɛ]	'ele caçou'
/imedu/	[i'mɛdɨ]	'homem'

**/n/ - nasal alveolar sonora**

/nowu/	[ˈnɔwɨ]	'esse'
/imana/	[i'mana]	'meu irmão mais velho'

**/w/ - aproximante, bilabial**

O fonema /w/, fricativo bilabial sonoro, quando diante de vogais anteriores realiza-se como [β], e diante de vogais posteriores realiza-se como [w], bilabial sonora.

/iwai/	[i'wai]	'minha casa'
/iwiri/	[i'βiri]	'minha pele'
/awiie/	[a'βiye]	'meu irmão/minha irmã mais novo/a'

### /y/ - aproximante alveopalatal

/yemarure/	[jɛmaʔrure]	'eu procurei'
/ituiagu/	[itʲyagu]	'estou quase indo'
/iire/	[iʲerɛ]	'chama-se'

#### 4.1.1.3. Rafael Nonato (2008)

Nonato (2008, p. 19) apresenta um quadro fonológico contendo, além dos fonemas identificados por Crowell (1979), dois fonemas velares labializados.

	<b>Bilabial</b>	<b>Alveolar</b>	<b>Palatal</b>	<b>Velar</b>
<b>Obstruinte</b>	p b	t d	tʃ dʒ	k g k <sup>w</sup> g <sup>w</sup>
<b>Nasal</b>	m	n		
<b>Flap</b>		r		
<b>Aproximante</b>	w		j	

Quadro 3: Fonemas consonantais do Boróro (Nonato, 2008)

Sobre os fonemas velares, Nonato (op. cit.) argumenta que estes são obstruintes velares arredondadas as quais foram tratadas em análises anteriores como uma sequência de obstruinte + aproximante bilabial. Contudo, argumenta o autor, a estrutura silábica da língua Boróro não permite sequências de consoantes, o que o leva a postular “um contraste em termos de arredondamento, o qual se aplica igual e simetricamente às velares vogais posteriores” (p. 19). Embora consideremos essas velares labializadas como fonemas, nossa argumentação difere de Nonato, como será discutido adiante.



$k^w, g^w \neq k, g$
[‘muga] <sup>14</sup> ‘mãe’
[‘uk <sup>w</sup> a] ‘raiz’
[ku’rug <sup>w</sup> a] ‘lagoa’

Nonato (2008, p. 20)

#### 4.1.2. Sistema vocálico do Boróro

##### 4.1.2.1. Crowell (1979) e Janet Crowell (2013)

Janet Crowell (2013) apresenta um quadro fonológico vocálico da língua Boróro contendo sete fonemas, os quais apresentamos a seguir.

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ĩ	u
Média	e	ẽ	o
Baixa		a	

Quadro 4: Quadro fonológico das vogais do Boróro por Janet Crowell 2013

Sobre o sistema vocálico do Boróro, Janet Crowell (1986) observa que os fonemas /ĩ/ e /ẽ/ são vogais centrais altas e médias, respectivamente. A autora faz uma ressalva em nota de rodapé:

“Há duas vogais adicionais i e ã, havendo poucos casos de contraste fonêmico referentes às mesmas [...] Para a finalidade a que se propõe esta Gramática, torna-se necessário aprender cinco vogais fonêmicas. Recomenda-se que o aprendiz ouça com atenção ao falante nativo e assim perceba quais as pronúncias exatas das vogais escritas u e o, pois a vogal u pode ser pronunciada [u] ou [ĩ], sendo a última a mais frequente. A vogal o é pronunciada [o] ou [ã]” (p. 09).

Sobre o fonema /o/, Janet Crowell (2013, p. 10) faz a observação de que este fonema pode ser realizado com três pronúncias possíveis: posterior médio fechado [o],

<sup>14</sup> Nonato (2008) usa aspas simples para indicar acento de intensidade em dados fonetizados, o que mantivemos nos exemplos dele usados no presente estudo.

posterior médio aberto [ɔ] ou central médio [ɛ̃]. Ainda segundo a autora, “a escolha de uma dentre as três variantes não marca a diferença no significado, exceto em algumas palavras”.

Janet Crowell (2013) reconhece, embora não especifique, a ocorrência e o contraste dos três fonemas em ambientes distintos, contudo, os trata simplesmente como variação do fonema /o/ devido sua “carga funcional baixa”. Exemplos que evidenciam os contrastes são:

/kado/	[‘kado]	‘bambu’
/kado/	[‘kadẽ]	‘cortar’

/o/	[ɔ]	‘dente’
/o/	[ɛ̃]	‘cauda/rabo’

Sobre as palavras para ‘dente’ e ‘rabo’, Crowell (1979) as trata apenas como um caso de variação fonética do fonema /o/.

Observamos que Gonçalo (2005) postula uma distinção fonológica entre as duas vogais posteriores médias, no caso [ɔ] ‘rabo’ e [ɛ̃] ‘dente’. Na Enciclopédia Boróro (1962), os autores afirmam que as palavras *dente*, *rabo*, *pico* e *semente*, por exemplo, são noções semelhantes, ponto de algo, expressas por meio de uma mesma palavra. Nos dados de campos coletados por Camargos (2009), nas aldeias de *Merúri* e *Nabure-iau*, ela não identificou fonemas distintos, apenas variação fonética, conforme apontava Crowell (1979).

Sobre os sons [u] e [i], Janet Crowell (1986, p. 10) os considera como um único fonema /u/ podendo ser realizado como [u] e [i]. A autora justifica seu argumento considerando “o fato de haver poucos casos nos quais a escolha de uma ou de outra estabelece as diferenças nos significados”. Contudo, a autora exemplifica a ocorrência desses fonemas em ambiente de contraste:

/aku/	['aku]	'frio/a'
/aku/	['aki]	'limpo/a'

**/i/ - vogal anterior alta**

/biri/	['biri]	'pele'
/itura/	[i'tira]	'mato'

**/e/ - vogal anterior média**

/emage/	[ε'magε]	'eles'
/eke/	[ε'kε]	'a comida deles'

**/a/ - vogal central baixa**

/apemegare/	[apεmε'garε]	'você esta bem'
/karo/	['kare]	'peixe'

**4.1.2.2. Rafael Nonato (2008)**

Nonato (2008, p. 23) apresenta um quadro vocálico diferente do proposto por Crowell (1979), ao postular duas vogais posteriores alta e média, /u/ e /y/, respectivamente.

	<b>Anterior</b>	<b>Central</b>	<b>Posterior</b>
<b>Alta</b>	e		u u
<b>Média</b>	i		y o
<b>Baixa</b>		a	

Quadro 5: Fonemas vocálicos do Boróro (Nonato, 2008)

### 4.1.3. Quadros fonológicos adotados neste trabalho

Os fonemas consonantais do Boróro que consideramos no presente trabalho são /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /k<sup>w</sup>/ /g<sup>w</sup>/, /tʃ/, /dʒ/, /m/, /n/, /ɾ/, /w/, /y/ - e os fonemas vocálicos são - /a/, /e/, /i/, /o/, /u/, /ɨ/, /ɘ/. Esses fonemas coincidem com os fonemas descritos por Crowell (1979), exceto quanto à existência de um fonema *k<sup>w</sup>*, que na análise de Crowell (op. cit.) é uma simples oclusiva velar /k/.

	Labial	Dental	Álveo-palatal	Velar
Oclusiva	p b	t d	tʃ dʒ	k k <sup>w</sup> g g <sup>w</sup>
Nasal	m	n		
Aproximante	w	ɾ	y	

Quadro 6: Quadro consonantal da língua Boróro adotado nesta tese

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɨ	u
Média	e	ɘ	o
Baixa		a	

Quadro 7: Quadro vocálico da língua Boróro adotado nesta tese

### 4.1.4. Considerações sobre as análises precedentes

Os dados do Boróro evidenciam que os fonemas consonantais /p/, /b/, /t/, /d/, /tʃ/, /dʒ/, /k/, /g/, /m/, /n/, /ɾ/, /w/ ocorrem tanto em início de sílaba quanto em posição intervocálica.

Sobre o fonema /b/, quando em início de palavra e seguido por prefixo marcador de pessoa, pode ser realizado como [β] (fricativo, bilabial, sonoro) ou como [w] (aproximante, labial). Os dados seguintes são de Camargos (2009).

‘casa’	/bay/
‘minha casa’	/iway/

‘coração’	/bapo/
‘meu coração’	/iwapo/

‘arco’	/bayga/
‘meu arco’	/iwayga/

‘orelha’	/byadzã/
‘minha orelha’	/iwiadzã/

Sobre o fonema /w/, embora Janet Crowell (2013) considere sua ocorrência como [β], diante de vogais posteriores, observa-se, contudo, que este fonema pode realizar-se como [b] ou [β] em início de algumas palavras e diante de todas as vogais da língua, conforme pode ser exemplificado nos dados abaixo:

_a	‘ovo, testículo’	ba ~ wa
	‘dedo mínimo’	bape ~ wabe
	‘palavra’	bataru ~ wadaru
	‘pênis’	baka ~ waga
	‘cinto feminino’	baradu ~ waradu
_e	‘fervura, ferver’	bere ~ were
_i	‘avisar, fazer ciente’	bie ~ wie
_o	‘escama’	boto ~ wodo
_u	‘rede’	buke ~ wuge

Ochoa (2005)

Nos dados ‘dedo mínimo’, ‘palavra’, ‘pênis’ e ‘cinto feminino’, acima, percebe-se um processo de sonorização que será discutido mais adiante.

Consideramos a existência de um fonema /k<sup>w</sup>/, como também o fez Nonato (2008), contudo, encontramos pouquíssimos pares mínimos que evidenciam contraste de /k<sup>w</sup>/ com /k/. Alguns dos dados que mostram o contraste são:

koda	‘caminho, batida, trilho, rastro de cobra, pista para corridas’.
kwoda (okwoada ou okwada)	‘dono, possuidor. Usado principalmente nos nomes próprios’

ko	‘pescoço, parte alta de algo; altura; profundidade’
kwo	‘flor’

É importante salientar que há apenas duas únicas entradas iniciadas por *kw* no Pequeno Dicionário Bororo/Português (Ochoa, 2005, p. 211/210), apresentadas em seguida:

kwa (vrt. de ka)	‘lasca, qualidade do que é esguio, resistência’
kwoda (okwoada ou okwada, cf. kuoda)	‘dono, possuidor. Usado principalmente nos nomes próprios’

Observa-se ainda que a maioria das ocorrências<sup>15</sup> de [kw] são seguidas de /a/ e quase todas as ocorrências têm como morfema primitivo ou básico, a raiz para ingerir, ‘ku’, ou a raiz para boca, ‘kwa’. Transcrevemos, adiante, os verbetes do dicionário Bororo/Português, de Ochoa (2005), cujas entradas apresentam a primeira sílaba com [kw]. São 109 itens lexicais.

<sup>15</sup> Dados retirados do Pequeno Dicionário Bororo/Português (Ochoa, 2005).

okwa	‘boca, lábio, gosto, margem, beirada’
okwabi	‘beijo, beijar’
okwabia	‘bagaço que se forma ao mastigar certos alimentos’
okwabiado	‘chupar, sugar’
okwabiareu	‘aquele que chupa algo’
okwabida	‘lugar de lambida, coisa que se lambe, guardanapo’
okwa boareu	‘vrd. de cascudo’
okwa boareu o jorubo	‘vrd. de vegetal usado como feitiço’
okwabora	‘trançado’
okwaboro	‘buraco do lábio’
okwa bu	‘bigode, barba’
okwabu	‘conselho, reunião, ajuntamento’
okwabudu	‘conselho, reunião, ajuntamento’
okwabudureu	‘conselheiro, aquilo que se reuniu’
okwabureu	‘o barbado’
okwace maga	‘Fera de lábios pretos’
okwa cobodzewu	‘lábio superior’
okwada	‘dono, lugar de manifestação’
okwadago	‘fazer repreender’
okwadagodu	‘repreensão, repreender’
okwadagodureu	‘aquele que repreende’
okwadawu	‘labrete’
okwado	‘acabar, perder, ocultar, esconder’
okwadodu	‘acabado, perdido, oculto, escondido’
okwadodureu	‘o perdido, o escondido, o ocultado’
okwadoge aroe	‘designação de um tipo de representação e de seus atores’
okwadoge edugo	‘pintura somática dos Okwadoge Aroe]
okwadurigi	‘bocejo, bocejar’
okwadurigido	‘bocejar’
okwadurigireu	‘aquele que boceja’
okwage	‘alimento, comida; comer’
okwageda	‘lugar onde se come, refeitório’

okwagedo	‘fazer comer, alimentar’
okwage kuri	‘comilão, guloso’
okwagereu	‘aquele que come’
okwagigi	‘sorriso, sorrir’
okwagigido	‘fazer sorrir’
okwagigireu	‘aquele que sorri’
okwagiri	‘amamentação, amamentar’
okwagirido	‘amamentar’
okwagiridodu	‘amamentado’
okwagirireu	‘aquele que mama’
okwagodu	‘morte iminente; estar para morrer’
okwaguru	‘praga, maldição, perdido’
okwagurudo	‘rogar pragas, amaldiçoar, pedir’
okwagurugodoreu	‘aquele que roga pragas, aquele que pede’
okwairu	‘gulodice; informação, relato’
okwairudo	‘fazer gula, informar, relatar’
okwairureu	‘o guloso, o que informa, o que relata’
okwa iwara arege	‘abelha-borá-baiana’
okwa jakurireu	‘vrd. de abelhas’
okwa jerebari	‘elogiar, exaltar’
okwa jetu	‘contar, falar’
okwajodo	‘chupada, chupar’
okwakia	‘cinto com margem que chia’
okwakiari	‘o que não gosta de falar’
okwakido	‘falador, tagarela’
okwakidu	‘egoísmo, ambição, retraimento, reserva’
okwakidudo	‘ser egoísta, retrair-se, ser reservado’
okwakidureu	‘o egoísta, o retraído, o reservado’
okwakori	‘altercar, discutir, brigar de palavra, murmurar’
okwakowodu	‘insistência, insistir’
okwakowodudo	‘insistir’
okwakowodudoreu	‘aquele que insiste’
okwakugu	‘comer alguma coisa ensopada em algum líquido’



okwakuri	‘grito, brado do Bari durante suas invocações’
okwakuridodu	‘grito, pedido com grito’
okwamaguda	‘pedido, súplica; pedir, suplicar, rezar, orar’.
okwamagudu	‘pedido, suplicio’
okwamagudureu	‘aquele que pede, que suplica’
okwamie	‘faixa íntima das mulheres usada durante o puerpério’
okwamatodoge	‘abelhas pai-de-mel’
okwamu	‘sopro, soprar’
okwamudoge aroe	‘designação de um tipo de representação e de seus atores’
okwamudu	‘sopro, soprar’
okwamududo	‘fazer soprar’
okwamudureu	‘aquele que sopra’
okwamu i	‘jequitibá’
okwamuwu	‘lábio inferior’
okwapagado	‘experimento, degustação, experiência, prova, provar, degustar’
okwapagareu	‘o que prova, o que degusta, o que experimenta’
okwapegado	‘falar mal, maldizer, jogar praga’
okwa pudo	‘dobrar’
okwa ra	‘maxilar’
okwa ra cobojewu	‘maxilar superior’
okwa ra	‘silenciar’
okwareboe	‘coisa transitória; acontecimento de breve duração, coisa que logo desaparece’
okwareu	‘o ausente, o finado, o perdido’
okwari	‘riso, pedido, oferta; rir, pedir, ofertar’
okwari	‘adv. sempre’
okwarido	‘fazer rir, fazer pedir, oferecer aos espíritos’
okwaridodu	‘feito rir, feito pedir, feito oferecer’
okwarigodu	‘sorriso, sorrir’
okwarigodureu	‘aquele que sorri; bandido, ladrão’
okwarigudu	‘mentira, mentir’
okwarigudureu	‘o mentiroso, malandro’

okwarireu	‘aquele que ri; alimento oferecido aos espíritos pelo bari’
okwaro	‘vapor aquoso, neblina, cerração’
okwarodae	‘condimento, mistura (de comida)’
okwaru	‘tatu-peba’
okwatorureu	‘grosso’
okwatorudo	‘engrossar’
okwatugu	‘doação espontânea, doação delicada; doar, oferecer’
okwa uiorubo	‘arbusto do cerrado usado como remédio mágico para ter resistência na caminhada’
maridogwa	‘pecíola da folha de buriti’
maridogwa arege	‘azulões’ (aves)
maridogwarege coreu	‘chupim’ (ave)
maridogwarege ekureu	‘chupim-do-brejo’
maridogwareu	‘telha’

Finalmente, observamos que tanto *kw* quanto *gw* têm baixíssima frequência e que consideraremos ambos como fonemas, mas ressalvando que devem ser inovações em Boróro, ocorrendo em palavras limitadas, e apenas diante de *a* e de *o*.

## 4.2. Sistema fonológico da língua Umutína

### 4.2.1. Fonemas consonantais

Lima (1995) identifica na língua Umutína dez fonemas consonantais classificados quanto ao modo de articulação em: três segmentos oclusivos, dois segmentos nasais, um segmento vibrante e um segmento lateral. A autora identificou ainda a presença de duas semivogais – *y* e *w* – que ocupam a função de consoantes.

	<b>Bilabial</b>	<b>Alveolar</b>	<b>Palatal</b>	<b>Velar</b>
<b>Oclusivo</b>	p	t		k
<b>Fricativo</b>		z	š j	
<b>Nasal</b>	m	n		
<b>Vibrante</b>		r		
<b>Lateral</b>		l		
<b>Semivogal</b>	w		y	

Quadro 8: Quadro “Fonemas consonantais” (Lima, 1995, p. 37)

Segundo Lima (1995, p. 37), o fonema /p/ apresenta dois alofones: um [p̄], vibrante bilabial surdo aspirado, e um fone [p], oclusivo bilabial surdo. O [p̄] ocorre diante de /e/ e em distribuição complementar com [p] e flutua com este fone diante de /i/. Lima (op.cit.) ressalta que não há, aparentemente, condicionamento fonológico para a realização do alofone [p̄] diante de /i/:

/p/ [p̄]	/pikena/	[p̄i'kena] ~ [pi'kena]	‘feio’
	/pupi/	[pu' p̄i] ~ [pu'pi]'	‘dois’
	/hape/	[há' p̄e]	‘mandi grande’

Lima (1995, p. 37)

/p/ [p̄]	/atipititi/	[ati'p̄iti'ti]	‘veado’
	/pituka/	[pitu'k <sup>w</sup> a]	‘bom, bonito’
	/rekapu/	[heka'pu]	‘traíra’
	/jirikopo/	[jiriko'po]	‘lenha’
	/ipalo/	[i'palo]	‘meu machado’
	/ipwe/	[i'pwe]	‘eu vou’

Lima (1995, p. 38)

O fonema /t/ apresenta dois alofones: [t<sup>w</sup>], oclusivo alveolar surdo labializado, que flutua com [t], oclusivo alveolar surdo, diante de [ɔ] (Lima, 1995, p. 38):

/t/ [t <sup>w</sup> ]	/ratɔ/	[há't <sup>w</sup> ɔ]	'quebrar'
-----------------------	--------	-----------------------	-----------

Lima (1995, p. 38)

/t/ [t]	/tizoru/	[ti'zowru]	'fogo dele'
	/atipititi /	[ati'piti'ti]	'veado'
	/atuka /	[atu'k <sup>w</sup> a]	'tua concha'
	/ikotoluka/	[ikotolo' k <sup>w</sup> a]	'meu balaio'
	/akuta/	[aku'ta]	'você bebe'
	/rotuyo/	[hotu'yo]	'mandioca'

Lima (1995, p. 38)

O fonema /k/ apresenta três alofones: [k,], oclusivo pós-alveolar surdo, que flutua com [k], oclusivo velar surdo, diante de vogais altas /u/ e /i/:

/k/ [k,]	/aki/	[a'k,i] ~ [a'ki]	'verde'
	/ikuta/	[ik,uta] ~ [iku'ta]	'eu bebo'

Lima (1995, p. 39)

[k<sup>w</sup>], oclusivo velar surdo labializado, que ocorre em distribuição complementar com o [k] quando precedido da vogal /u/ e seguido da vogal /a/ (Lima, 1995, p. 38):

/k/ [k <sup>w</sup> ]	/ikotoluka/	[ikotolo' k <sup>w</sup> a]	'meu balaio'
	/puruka/	[puru'k <sup>w</sup> a]	'água'

Lima (1995, p. 39)

[k], oclusivo velar surdo, que ocorre diante de todas as vogais e das semivogais /y/ e /w/:

/k/ [k]	/emaki/	[ɛba'ki]	‘cobra’
	/kutu/	[ku'tu]	‘muito’
	/aketo/	[ake'to]	‘você alegre’
	/akyetɔ/	[akye'tɔ]	‘frio’
	/ikwamiti/	[ikwami'ti]	‘eu estou cansado’

Lima (1995, p. 39)

O fonema /š/, fricativo palatal surdo, ocorre em oposição ao fonema /z/, fricativo alveolar sonoro, e ao fonema /t/, oclusivo alveolar surdo, que se realiza como [t] (Lima, 1995, p. 40):

/š/	/uāše/	[wa'se]	‘branco, não índio’
/z/	/aze/	[a'ze]	‘sua face’
/š/	/šoru/	[šowru]	‘cola, resina’
/z/	/zoru/	[zowru]	‘fogo’
/š/	/šamati/	[šma'ti]	‘ele faz, prepara’
/t/	/tamati/	[tama'ti]	‘vocês fazem, preparam’

Lima (1995, p. 39)

O fonema /š/ apresenta ainda três alofones em flutuação: o fone [s] diante das vogais /i/ e /e/ (Lima, 1995, p. 40):

/š/ [s]	/kukušipakewa/	[ku'kusipake'wa] ~ [kukušipake'wa]	‘muito’
	/uāše/	[wa'se] ~ [wa'še]	‘branco, não índio’

Lima (1995, p. 40)

A sua hormogânica [t̃] diante das vogais /i/ e /ɔ/ e o [s̃] que precede qualquer vogal (Lima, 1995, p. 40):

/s̃/ [t̃]	/kušipɔrɛ/	[kūtɪpɔ 'rɛ] ~ [kušipɔrɛ]	'muito'
	/ašo/	[aʔtɔ] ~ [aʔsɔ]	'tua flecha'

Lima (1995, p. 40)

E o fonema [s̃] que precede qualquer vogal (Lima, 1995, p. 41):

/s̃/ [s̃]	/išipa/	[iʃi'pa]	'minha casa'
	/lašore/	[laʔsore]	'comprido'
	/mišo/	[biʔso]	'eu mato'
	/išoriša/	[iʃoriʔsa]	'minha esposa'

Lima (1995, p. 40)

O fonema /z/, fricativo alveolar sonoro, forma sílaba com todas as vogais (Lima, 1995, p. 41):

/z/ [z]	/izikumu/	[izika'bu]	'minha sombrancelha'
	/azo/	[a'zo]	'tua cabeça'
	/izeyki/	[izey'ki]	'minha canoa'
	/zaruto/	[zaru'to]	'bagre'
	/moza/	[bo'za]	'buraco'

Lima (1995, p. 41)

O fonema /j/, fricativo palatal sonoro, ocorre diante de qualquer vogal e da semivogal /y/; encontra-se em oposição, em ambientes análogos, com os fonemas /z/ e /š/ (Lima, 1995, p. 42):

/j/	/ijela/	[ije'la]	‘minha mão’
/z/	/izeymi/	[izey'bi]	‘meus cílios’
	/ize/	[i'ze]	‘meu rosto’
/j/	/jokomišina/	[jokomi'šina]	‘velho’
/z/	/zokono/	[zoko'no]	‘vagalume’
/j/	/ijoko/	[ijo'ko]	‘meu pai’
/š/	/išokɔpɔ/	[išokɔ'pɔ]	‘meu dente’
	/išoriša/	[išori'sa]	‘minha esposa’

Lima (1995, p. 42)

Lima (1995) ressalta que o fonema /j/ apresenta alofonia com [y], semivogal palatal:

/j/ [y]	/joko/	[yo'ko] ~ [jo'ko]	‘pai’
	/jo/	[ʔyo] ~ [jo]	‘roça’

Lima (1995, p. 42)

O fonema /m/, nasal bilabial, ocorre diante de qualquer vogal (Lima, 1995, p. 43):

/m/ [m]	/imi/	[i'mi]	‘eu’
	/imako/	[ima'ko]	‘minha mãe’
	/imameta/	[imame'ta]	‘eu ouço’
	/metu/	[me'tu]	‘picapau bomba’

	/ĩsɔmɔta/	[ĩsɔmɔta]	‘eu jogo’
	/mano/	[mã'mõ]	‘cascanga’

O fonema /n/ se opõe ao fonema /t/, oclusivo alveolar surdo, realizado como [t], e ao /l/, lateral alveolar, realizado como [l] (Lima, 1995, p. 44):

/n/	/amonuka/	[amõno'k <sup>w</sup> a]	‘você amamenta’
/t/	/amotuka/	[amõto'k <sup>w</sup> a]	‘você briga’
/n/	/menu/	[me'nu]	‘arraia’
/t/	/metu/	[me'tu]	‘picapau bomba’
/n/	/monuka/	[mono'k <sup>w</sup> a]	‘seio’
/l/	/noluka/	[nolo'k <sup>w</sup> a]	‘urucu’

Lima (1995, p. 44)

O fonema /n/ pode preceder qualquer vogal (Lima, 1995, p. 45):

/n/ [n]	/kapanu/	[ka'panu]	‘catre’
	/rakeamani/	[hake'ama'ni]	‘algodão’
	/noluka	[nolo'k <sup>w</sup> a]	‘urucu’
	/mweno/	[‘bwenɔ]	‘chuva’
	/iewna/	[yew'na]	‘perereca’

Lima (1995, p. 45)

Os fonemas /r/, vibrante alveolar sonoro, e /l/, lateral alveolar sonoro, são fonemas distintos (Lima, 1995, p. 45):

/r/	/ilare/	[ila're]	‘eu caso’
/l/	/ĩsabala/	[ĩsaba'la]	‘meu caminho’



/r/	/amaruka/	[abaru'k <sup>w</sup> a]	‘teu abanador’
	/meoruka/	/bewru'k <sup>w</sup> a] ~ [beoru'k <sup>w</sup> a]	‘jenipapo maduro’
	/eruka/	[eru' k <sup>w</sup> a]	‘língua’
	/zaruka/	[zaro' k <sup>w</sup> a]	‘banana’
/l/	/omoluka/	[obolo' k <sup>w</sup> a]	‘pimenta’
	/noluka/	[nolo' k <sup>w</sup> a]	‘urucu’
	/maloke/	[balo'ke]	‘estrada’

Lima (1995, p. 45)

O fonema /r/ encontra-se em oposição ao /t/ (Lima, 1995, p. 45):

/r/	/malaru/	[ba'laru]	‘sapo’
/t/	/malatu/	[ba'latu]	‘urubu’

Lima (1995, p. 45)

O fonema /r/ apresenta dois alofones em distribuição complementar, o fone [h], fricativo glotal surdo, condicionado ao início de palavras (Lima, 1995, p. 46):

/r/ [h]	/rume/	[hu'be]	‘mutum’
	/ruapo/	[hua'po]	‘redondo’
	/relotušiši/	[relotušiši]	‘preto, escuro’
	/ray/	[‘hay]	‘tucumã’

Lima (1995, p. 46)

O fone [r] que se realiza nos demais ambientes (Lima, 1995, p. 46):

/r/ [r]	/zoru/	[‘zowru]	‘fogo’
---------	--------	----------	--------

	/wari/	[ˈwari]	‘tatu peba’
	/jirikopo/	[jirikoˈpo]	‘lenha’
	/iremɔtɔ/	[iremɔˈtɔ]	‘eu encontro’
	/jure/	[juˈrɛ]	‘sucuri’
	/areka/	[areˈka]	‘tua tipoia’

Lima (1995, p. 46)

Lima (1995, p. 47) reforça a interpretação de que /r/ e /l/ constituem fonemas distintos, visto que [h] e [r] são alofones do fonema /r/ e, considerando que o [h] e o [l] estão em oposição em ambientes idênticos, conforme exemplos abaixo:

/h/	/rumataka/	[rumataˈka]	‘milho’
/l/	/lumataka/	[lumataˈka]	‘feijão fava’

/h/	/ruo/	[huˈo]	‘nambu galinha’
/l/	/luo/	[luˈo]	‘caramujo’

Lima (1995, p. 47)

O fonema /l/ forma sílaba com qualquer vogal (Lima, 1995, p. 47):

/l/ [l]	/lumataka/	[lumataˈka]	‘feijão fava’
	/lemɔtiˈpa/	[lemɔtiˈpa]	‘entrar em casa’
	/inuˈa loyˈti/	[inuˈa loyˈti]	‘eu sonho’
	/ikimolo/	[kiboˈlo]	‘eu caço, pesco’
	/alɔrukɔre/	[alɔruˈkɔre]	‘pirapitanga’
	/malaru/	[baˈlaru]	‘sapo’

Lima (1995, p. 47)

Lima (1995, p. 48) mostra que “as semivogais [w], bilabial, e [y], palatal, definem-se como fonemas /y/ e /w/, ocupando a posição consonantal, identificadas através da verificação dos padrões silábico e acentual da língua Umutina”. Lima (op. cit.) observa a existência de ditongos crescentes e decrescentes, cujas semivogais podem assumir as posições de acento e de declive silábico. Os exemplos abaixo mostram o contraste nos seguintes ambientes:

/y/	/mye/	[‘bye]	‘formiga
/w/	/mwe/	[‘bwe]	‘tamanduá grande’
	/me/	[‘be]	‘jenipapo’

/y/	/mya/	[‘bya]	‘orelha’
	/ma/	[‘ba]	‘ovo’
/i/	/mia/	[bi’a]	‘matar’

/y/	/iyo/	[‘jvo]	‘beija-flor’
	/jo/	[‘jo]	‘roça’
/w/	/kewa/	[ke’wa]	‘não’
	/jowa/	[jo’wa]	‘caititu’
	/ipew/	[i’pew]	‘eu molhado’
	/isawe/	[isa’we]	‘eu criar’
	/ipwazo/	[ipwa’zo]	‘folha’

/y/	/noysuka/	[noysuka]	‘babaçu’
	/zeyri/	[zey’ri]	‘seco’
	/kaypo/	[kay’po]	‘mão de pilão’
	/simaye/	[sima’ye]	‘constelação’
	/mayo/	[ba’yo]	‘aranha’

Lima (1995, p. 48)

#### 4.2.2. Fonemas vocálicos

Sobre os fonemas segmentais vocálicos, Lima (1995, p. 49) identifica três vogais altas, duas médias e três baixas, conforme quadro abaixo:

	Anterior Não-arredondado	Central Não-arredondado	Posterior Arredondado
Alto	i	ɨ	u
Médio	e		o
Baixo	ɛ	a	ɔ

Quadro 9: Fonemas vocálicos (Lima, 1995, p. 49)

Lima (1995) interpreta os fonemas vocálicos, considerando sua natureza articulatória e exemplifica-os apresentando contrastes de pares mínimos e análogos. A análise apresentada por Lima segue adiante.

O fonema /i/, anterior alto, e o fonema /ɨ/, central alto, ocorrem em ambiente de contraste (Lima, 1995, p. 49):

/i/	/ami/	[a'mi]	‘você’
/ɨ/	/ami/	[a'mɨ]	‘você deita’

/i/	/matapi/	[mata'pi]	‘cesto’
/ɨ/	/rutapi/	[huta'pi]	‘quati’

Lima (1995, p. 49)

O fonema /i/ está em oposição ao fonema /u/, posterior alto (Lima, 1995, p. 50):

/i/	/inɔ/	[i'nɔ]	‘minha unha’
/u/	/unɔ/	[u'nɔ]	‘unha dele’

/i/	/piruka/	[piru'k <sup>w</sup> a]	‘tripa’
/u/	/puruka/	[puru'k <sup>w</sup> a]	‘água’

/i/	/rime/	[hi'be]	'ouriço'
/u/	/rumo/	[hu'be]	'mutum'

Lima (1995, p. 50)

O fonema /u/ está em contraste com o fonema /ɨ/ (Lima, 1995, p. 50):

/u/	/ritu/	[hi'tu]	'correr'
/ɨ/	/zati/	[za'ti]	'bicho'

Lima (1995, p. 50)

O fonema /e/, anterior médio, está em contraste com o fonema /i/ (Lima, 1995, p. 50):

/i/	/rumi/	[hu'bi]	'macaco barrigudo'
/e/	/rume/	[hu'be]	'mutum'

/i/	/aminu/	[ami'nu]	'você anda'
/e/	/menu/	[me'nu]	'arraia'

Lima (1995, p. 50)

O fonema /u/, posterior alto, e o fonema /o/, posterior médio, estão em contraste em ambiente idêntico (Lima, 1995, p. 51):

/u/	/rwapu/	[hwa'pu]	'coração'
/o/	/rwapo/	[hwa'po]	'redondo'

/u/	/inua/	[inu'a]	'eu estou, tenho'
/o/	/inoa/	[ino'a]	'eu como'

/u/	/ayku/	[ay'ku]	'gato'
/o/	/ayko/	[ay'ko]	'onça parda'

Lima (1995, p. 51)

Lima (op. cit.) ressalta a ocorrência dos fonemas /i/ e /o/ em ambiente análogo:

/i/	/mōtōriti/	[mōtōri'ti]	'poeira'
/o/	/pozaroti/	[pozaho'ti]	'papagaio grande'

Lima (1995, p. 52)

Os fonemas /e/ e /ɛ/ estão em contraste (Lima, 1995, p. 52).

/e/	/rime/	[hi'be]	'ouriço'
/ɛ/	/ašime/	[aši'be]	'irmã'

/e/	/emo/	[e'bo]	'surucucu'
/ɛ/	/ɛmaki/	[ɛba'ki]	'cobra'

/e/	/marepo/	[bare'po]	'macho'
/ɛ/	/areka/	[arɛ'ka]	'tua tipoia'

Lima (1995, p. 52)

#### 4.2.3. Considerações de Aryon Rodrigues (2007)

Rodrigues (2007) reanalisa os fonemas consonantais da língua Umutína, propondo dois fonemas consonantais adicionais, /b/ e /h/, divergindo assim de Lima (1995):

	<b>Bilabial</b>	<b>Alveolar</b>	<b>Palatal</b>	<b>Velar</b>	<b>Glotal</b>
<b>Oclusivo</b>	p b	t		k	
<b>Fricativo</b>		z	ʃ j		h
<b>Nasal</b>	m	n			
<b>Vibrante</b>		r			
<b>Lateral</b>		l			
<b>Semivogal</b>	w		y		

Quadro 10: Quadro consonantal da língua Umutína (Rodrigues, 2007)

Com relação ao fonema /b/, Rodrigues (op. cit.) apresenta dezessete cognatos entre Bo b: Um b. Com relação ao fonema /h/, Rodrigues apresenta oito cognatos comprando Um Ø, h- e -x : Bo g. Essas correspondências justificam a inserção desses fonemas ao quadro consonantal do Umutína.

#### 4.2.4. Consideração sobre a língua Umutína (1995)

O quadro fonológico consonantal da língua Umutína, apresentado em Lima (1995) e em Rodrigues (2007), difere do quadro fonológico da língua Boróro por conter dois fonemas adicionais - /ʃ/ e /j/ - e pela ausência dos fonemas sonoros da série oclusiva /d/ e /g/, uma vez que Rodrigues (op. cit.) considera /b/ como um fonema da língua.

Quanto ao quadro fonológico vocálico, diferentemente da língua Boróro, a língua Umutína contrasta vogais anteriores e posteriores médias e baixas, porém não apresenta o fonema /ə/ (central médio), presente na língua Boróro.

Sobre o contraste entre os fonemas /u/ e /o/, Lima (1995) apresenta, dentre outros, os dados para os itens lexicais ‘coração’ e ‘redondo’ e ‘gato’ e ‘onça parda’. Contudo, observa-se que, possivelmente, esses pares podem constituir um mesmo lexema e o contraste entre /u/ e /o/ seja somente uma variação livre.

/u/	/rwapu/	[hwa'pu]	'coração'
/o/	/rwapo/	[hwa'po]	'redondo'

/u/	/ayku/	[ay'ku]	'gato'
/o/	/ayko/	[ay'ko]	'onça parda'

Lima (1995, p. 51)

Sobre o som [kw], diferentemente da língua Boróro em que este som é um fonema /k<sup>w</sup>/, embora de ocorrência mais isolada na língua, em Umutína é um alofone de /k/. Observa-se que tanto Boróro quanto em Umutína, kw ocorre, praticamente em todos os casos, diante de *a*.

#### **-kw**

'banana'	/zaruka/	[zaro'k <sup>w</sup> a]
'língua'	/eruka/	[ekuk <sup>w</sup> a]
'pimenta'	/omoluka/	[obolo'k <sup>w</sup> a]
'urucu'	/nolokwa/	[nolo'k <sup>w</sup> a]
'teu abanador'	/amaruka/	[abaru'k <sup>w</sup> a]
'você amamenta'	/amonuka/	[amõno' k <sup>w</sup> a]
'você briga'	/amotuka/	[amõto' k <sup>w</sup> a]
'seio'	/monoka/	[mono k <sup>w</sup> a]
'água'	/puruka/	[puru' k <sup>w</sup> a]
'meu balaio'	/ikotoluka/	[ikotolo' k <sup>w</sup> a]

### **4.3. Os fonemas do Otúke**

Os dados do Otúke mostram a existência de onze consoantes que distinguem cinco pontos de articulação – bilabial, labiodental, alveolar, alveopalatal e velar –, e quatro modos de articulação – oclusivo, fricativo, nasal e aproximante; e de cinco vogais orais – a, e, i, o, u. Apresentamos, em seguida, o quadro com os fonemas que postulamos para a língua Otúke.



### 4.3.1. Fonemas consonantais

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivo	p b	t d	tʃ		k	
Fricativo		s	ʃ			h h <sup>w</sup>
Nasal	m	n				
Aproximante	w	r		y		

Quadro 11: Quadro dos fonemas consonantais da língua Otúke

Ilustramos os fonemas consonantais do Otúke, pondo em relevo a posição em que ocorrem nas sílabas das palavras dessa língua – em sílaba inicial, medial ou final –, e as vogais que os antecedem e/ou seguem. Essa demonstração põe em evidência os processos fonológicos sofridos por esses fonemas quando em contato com certas vogais e possibilidades de encontros consonantais tautossilábicos ou em sílabas distintas. Os exemplos servem também para mostrar que certos fonemas ocorrem principalmente diante de determinadas vogais e não de outras, assim como mostram ambientes em que certos fonemas não ocorrem, pelo menos nos dados disponíveis para essa análise. Nas tabelas seguintes, a primeira coluna contém o ambiente em que os sons ocorrem, a segunda coluna contém as respectivas glosas dos exemplos, a terceira coluna contém a transcrição de cada palavra feita por Créqui-Montfort e Rivet (1912) e a última coluna contém os dados fonemizados por nós.

#### 4.3.1.1. /p/ - oclusivo bilabial surdo

##### Posição final

V <sub>/central baixa/</sub> _ V <sub>/posterior média/</sub>	‘enguia’	mapo	/mapo/
---	----------	------	--------

### Posição medial

V <sub>/central baixa/</sub> _ V <sub>/posterior média/</sub>	‘tamanduá mirim’	<b>apohe</b>	/apohe/
V <sub>/central baixa/</sub> _ V <sub>/posterior média/</sub>	‘umbigo’	<b>ijenapo</b>	/ijenapo/
V <sub>/posterior alta/</sub> _ V <sub>/central baixa/</sub>	‘pato’	<b>turupare</b>	/turupare/
V <sub>/posterior média/</sub> _ V <sub>/anterior média/</sub>	‘leve você’	<b>aktopehe</b>	/aktopehe/
V <sub>/posterior média/</sub> _ V <sub>/posterior média/</sub>	‘preguiça’	<b>opohema</b>	/opohema/

### Posição final

V <sub>/central baixa/</sub> _ V <sub>/central baixa/</sub>	‘urubu rei’	<b>akarakapa</b>	/akarakapa/
	‘peito’	<b>ikiapa</b>	/ikiapa/

#### 4.3.1.2. /b/ - oclusivo bilabial sonoro

### Posição inicial

# _ [posterior média]	‘fruta’	<b>boka</b>	/boka/
# _ [posterior alta]	‘laranja’	<b>buetoka</b>	/buetoka/
# _ [central baixa]	‘montanha’	<b>batari</b>	/batari/

### Posição medial

V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[posterior média]</sub>	‘cera’	<b>surebori</b>	/surebori/
V <sub>[anterior alta]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘citronela’	<b>sibiare</b>	/sibiare/

### Posição final

V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘raposa’	<b>hararakabe</b>	/hararakabe/
--	----------	-------------------	--------------

### 4.3.1.3. /t/ - oclusivo alveolar surdo

#### Sílaba inicial

#_ [vogal posterior média]	‘pedra’	<b>to</b> hori	/to <b>h</b> ori/
#_ [vogal posterior alta]	‘helater’	<b>tuh</b> uaru	/to <b>h</b> wuru/
#_ [vogal anterior média]	‘flecha’	<b>te</b> hua	/te <b>h</b> wa/
#_ [vogal central baixa]	‘cérebro’	<b>ta</b> ura	/ta <b>h</b> ura/
	‘jacana’	<b>ta</b> raho	/ta <b>h</b> raho/

#### Posição medial

V <sub>[posterior alta]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘dormir’	<b>anu</b> take	/anu <b>h</b> take/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘pato’	<b>ma</b> tasene	/ma <b>h</b> tasene/
V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘morcego’	<b>ke</b> tari	/ke <b>h</b> tari/
K _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘quati’	<b>uk</b> tahi	/uk <b>h</b> tahi/

#### Posição Final

V <sub>[posterior alta]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘caminhe’	<b>ane</b> ruta	/ane <b>h</b> ruta/
V <sub>[posterior média]</sub> _ V <sub>[posterior média]</sub>	‘cunhado’	<b>no</b> to	/no <b>h</b> to/
V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘dançar’	<b>are</b> reta	/are <b>h</b> reta/
K _ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘argila’	<b>ro</b> ktu	/ro <b>h</b> ktu/

### 4.3.1.4. /d/ - oclusivo alveolar sonoro

#### Posição inicial

#_ [anterior média]	‘pássaro do campo’	<b>de</b> fo	/de <b>h</b> fo/
---------------------	--------------------	--------------	------------------

#### Posição medial

V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘jagatirica’	<b>ade</b> makate	/ade <b>h</b> makate/
--	--------------	-------------------	-----------------------

### Posição final

V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘cutia’	neda	/neda/
--	---------	------	--------

### 4.3.1.5. /k/ - oclusivo velar surdo

### Posição inicial

# <sub>[anterior média]</sub>	‘braço’	keara	/keara/
	‘morcego’	ketari	/ketari/
# <sub>[anterior alta]</sub>	‘periquito’	kitio	/kitio/
# <sub>[posterior alta]</sub>	‘anta’	kuhui	/kuhui/

### Posição medial

V <sub>[anterior alta]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘meu sangue’	ikioka	/ikioka/
	‘meu pescoço’	ikio	/ikio/
V <sub>[posterior alta]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘chifre’	ukikua	/ukikua/
V <sub>[posterior alta]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘estrela’	ukema	/ukema/
V <sub>[posterior média]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘capivara’	okivia	/okivia/
V <sub>[anterior alta]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘tartaruga’	rerikeke	/rerikeke/
V <sub>[posterior média]</sub> _ t	‘terra’	moktuhu	/moktuhu/
	‘argila’	roktu	/roktu/
V <sub>[posterior alta]</sub> _ t	‘quati’	uktahi	/uktahi/
V <sub>[anterior média]</sub> _ t	‘centopeia’	rektaka	/rektaka/
V <sub>[posterior média]</sub> _ t	‘terra’	moktuhu	/moktuhu/
V <sub>[central média]</sub> _ t	‘sal’	maktabu	/maktabu/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘algodão’	akihu mari	/akihu mari/

### Posição final

V <sub>[posterior média]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘dia’	neritfoki	/neritfoki/
---	-------	-----------	-------------

V <sub>[anterior média]</sub> – V <sub>[anterior alta]</sub>	‘minha unha’	<b>ireki</b>	/ireki/
V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[posterior alta]</sub>	‘banana’	<b>aku</b>	/aku/
V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[posterior média]</sub>	‘beba’	<b>ako</b>	/ako/
V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘dormir’	<b>anutake</b>	/anutake/
V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[central baixa]</sub>	‘bom’	<b>emaka</b>	/emaka/
V <sub>[posterior alta]</sub> – V <sub>[central baixa]</sub>	‘mosca’	<b>ruka</b>	/ruka/
V <sub>[anterior média]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘tartaruga’	<b>rerikeke</b>	/rerikeke/

#### 4.3.1.6. /w/ - aproximante labial sonora

Consideramos a existência de um fonema aproximante labial sonoro em Otúke que corresponde ao *w* do Boróro e do Umutína, embora d’Orbigny (1831) o tenha grafado com *v*.

#### Posição inicial

#_ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘vento’	<b>vuauru</b>	/wuauru/
	‘pelo’	<b>vua-kavi</b>	/wuakavi/
	‘mulher’	<b>vuaneti</b>	/wuaneti/
#_ V <sub>[anterior média]</sub>	‘arco’	<b>vevika</b>	/wevika/

#### Posição medial

V <sub>[anterior alta]</sub> – V <sub>[anterior alta]</sub>	‘meu pênis’	<b>iviaha</b>	/iwiaha/
	‘minha planta do pé’	<b>ivire-egwa</b>	/iwire-egwa/
	‘meu calcanhar’	<b>iviaroto</b>	/iwiaroto/
	‘meu tornozelo’	<b>iviatfone</b>	/iwiatfone/
	‘minha coxa’	<b>iviora</b>	/iwiora/
	‘meus testículos’	<b>iviahukati</b>	/iviahukati/
V <sub>[posterior média]</sub> – V <sub>[anterior alta]</sub>	‘lã’	<b>ovita-vi</b>	/owitawi/

### Posição final

V <sub>[anterior alta]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘minha pele’	<b>irivi</b>	/iriwi/
	‘paca’	<b>okivia</b>	/okiwia/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[posterior média]</sub>	‘grande caracara’	<b>aravo</b>	/arawo/
	‘pluma’	<b>navo</b>	/nawo/

#### 4.3.1.7. /ʃ/ - fricativo alveopalatal surdo

Não foram encontrados dados em Otúke com o fonema /ʃ/ em posição inicial, apenas em posição medial e final.

### Posição medial

V <sub>[anterior alta]</sub> _ V <sub>[posterior média]</sub>	‘meu coração’	<b>ifo</b>	/iʃo/
V <sub>[anterior alta]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘meu intestino’	<b>iʃeuru</b>	/iʃeuru/
	‘minha língua’	<b>iʃeru</b>	/iʃeru/
	‘meu nariz’	<b>iʃeno</b>	/iʃeno/
	‘meu umbigo’	<b>iʃenapo</b>	/iʃenapo/
V <sub>[anterior alta]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘meu joelho’	<b>iʃi</b>	/iʃi/
	‘minha boca’	<b>iʃiora</b>	/iʃiora/
V <sub>[anterior alta]</sub> _ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘minhas nádegas’	<b>iʃu</b>	/iʃu/
V <sub>[posterior média]</sub> _ V <sub>[posterior média]</sub>	‘sagui’	<b>ooroʃoahe</b>	/ooroʃoahe/

### Posição final

V <sub>[posterior média]</sub> _ V <sub>[posterior média]</sub>	‘eu, mim’	<b>[ikiʃaʃo]</b>	/ikiʃaʃo/
---	-----------	------------------	-----------

### 4.3.1.8. /tʃ/ - fricativo alveopalatal surdo

#### Posição inicial

#_V <sub>[anterior média]</sub>	‘barata’	tʃetʃuvi—tarutu	/tʃetʃuvi—tarutu/
---------------------------------	----------	-----------------	-------------------

#### Posição medial

V <sub>[anterior alta]</sub> _V <sub>[anterior alta]</sub>	‘meu ânus’	itʃera	/itʃera/
	‘minha face’	itʃe	/itʃe/
	‘minha língua’	itʃeru	/itʃeru/
	‘intestino’	itʃeuru	/itʃeuru/
	‘meu umbigo’	itʃenapo	/itʃenapo/
#_V <sub>[central baixa]</sub>	‘tabaco’	tʃaha	/tʃaha/
	‘meu olho’	itʃaa ~ itʃaha	/itʃaa/ ~ /i-tʃaha/
V <sub>[anterior alta]</sub> _V <sub>[central baixa]</sub>	‘meu menino homem’	itʃairiko	/itʃairiko/
	‘meu menino’	itʃaoro	/itʃaoro/
	‘minha orelha’	itʃapara	/itʃapara/
V <sub>[anterior alta]</sub> _V <sub>[posterior média]</sub>	‘minha testa’	itʃoara	/itʃoara/
V <sub>[anterior alta]</sub> _V <sub>[posterior alta]</sub>	‘minhas costas’	itʃura	/itʃura/
V <sub>[anterior média]</sub> _V <sub>[posterior alta]</sub>	‘barata’	tʃetʃuvi tarutu	/tʃetʃuvi tarutu/
V <sub>[anterior alta]</sub> _V <sub>[posterior média]</sub>	‘dia’	neritʃoki	/neritʃoki/
V <sub>[anterior média]</sub> _V <sub>[posterior alta]</sub>	‘barata’	tʃetʃuvi tarutu	/tʃetʃuvi tarutu/
V <sub>[anterior média]</sub> _V <sub>[posterior média]</sub>	‘chifres de veado’	aktetʃo kikia	/aktetʃo kikia/
V <sub>[central baixa]</sub> _V <sub>[posterior média]</sub>	‘meu tornozelo’	i-wiatʃone	/iwiatʃone/
V <sub>[anterior alta]</sub> _V <sub>[central baixa]</sub>	‘puma’	akotʃakune	/akotʃakune/

#### Posição final

V <sub>[anterior alta]</sub> _V <sub>[central baixa]</sub>	‘lã’	ovitʃa	/ovitʃa/
V <sub>[central baixa]</sub> _V <sub>[posterior média]</sub>	‘macaco’	aatʃo	/aatʃo/
#_V <sub>[posterior média]</sub>	‘chicha’	tʃoro	/tʃoro/

### 4.3.1.9. /s/ - fricativo alveolar surdo

#### Posição inicial

#_V <sub>[anterior alta]</sub>	‘abóbora’	<b>s</b> biare	/s <b>bi</b> are/
#_V <sub>[anterior média]</sub>	‘mão’	<b>s</b> eni	/s <b>eni</b> /
	‘muito mau’	<b>s</b> etaki	/s <b>et</b> aki/
	‘nós’	<b>s</b> ekiatfo	/s <b>ek</b> iatfo/
#_V <sub>[posterior média]</sub>	‘mel’	<b>s</b> ubeoru	/s <b>ube</b> oru/
	‘porco’	<b>s</b> ubutfa	/s <b>ub</b> utfa/

#### Posição medial

V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘iguana’	<b>s</b> ema	/s <b>ema</b> /
	‘pato’	matas <b>s</b> ene	/matas <b>s</b> ene/
	‘urubu’	asen <b>s</b> avo	/asen <b>s</b> avo/

#### Posição final

V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘mosquito’	m <b>s</b> e	/m <b>s</b> e/
V <sub>[posterior alta]</sub> – V <sub>[central baixa]</sub>	‘caranguejo’	rus <b>s</b> a	/rus <b>s</b> a/
V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘papo’	hu <b>s</b> e	/hu <b>s</b> e/

### 4.3.1.10. /h/ - fricativo glotal surdo

#### Posição inicial

#_V <sub>[central baixa]</sub>	‘avestruz’	<b>h</b> ahari	/h <b>ah</b> ari/
#_V <sub>[anterior média]</sub>	‘lêndea’	<b>h</b> ehua	/h <b>eh</b> ua/

#### Posição medial

V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[posterior média]</sub>	‘meus cabelos’	i-t <b>h</b> ovibi	/i-t <b>h</b> ovibi/
---	----------------	--------------------	----------------------



V <sub>[posterior média]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘preguiça’	opohema	/opohema/
V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[central baixa]</sub>	‘peixe’	aharo	/aharo/
	‘avestruz’	hahari	/hahari/
	‘periquito’	kaharu	/kaharu/
V <sub>[posterior média]</sub> – V <sub>[posterior média]</sub>	‘pedra’	tohori	/tohori/
V <sub>[posterior média]</sub> – V <sub>[central baixa]</sub>	‘palmeira marayahu’	ohaveta	/ohaweta/
V <sub>[anterior média]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘ferro’	neheri	/neheri/
	‘ferro e metal’	neheri	/neheri/
V <sub>[anterior alta]</sub> – V <sub>[posterior alta]</sub>	‘algodão’	akihumari	/akihumari/

### Posição final

V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[central baixa]</sub>	‘meu pênis’	iviaha	/iviaha/
	‘tabaco’	tʃaha	/tʃaha/
V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[posterior média]</sub>	‘pássaro jacana’	taraho	/taraho/
V <sub>[posterior média]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘espécie de mosca’	tʃokihohē	/tʃokihohē/
V <sub>[anterior alta]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘cupim’	makihe	/makihe/
V <sub>[anterior média]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘lobo’	rêhè	[rêhè]
V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[posterior média]</sub>	‘bico’	aho	/aho/
V <sub>[posterior média]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘tamanduá-mirim’	apohe	/apohe/
V <sub>[central baixa]</sub> – V <sub>[anterior alta]</sub>	‘jaguar’	ahi	/ahi/
V <sub>[posterior média]</sub> – V <sub>[posterior média]</sub>	‘bico’	oho	/oho/
V <sub>[anterior alta]</sub> – V <sub>[anterior alta]</sub>	‘pássaro hornero’	kekihi	/kekihi/
V <sub>[anterior média]</sub> – V <sub>[anterior média]</sub>	‘crocodilo’	erehe	/erehe/
V <sub>[anterior média]</sub> – V <sub>[posterior]</sub>	‘flecha’	tehua	/tehwa/

alta]	‘lêndea’	<b>hehua</b>	/hehwa/
V <sub>[anterior alta]</sub> – V <sub>[posterior alta]</sub>	‘flor ‘	<b>rikihu</b>	/rikihu/

#### 4.3.1.11. /hw/ - fricativo glotal labializado

##### Posição inicial

#_V <sub>[central baixa]</sub>	‘papo’	<b>huase</b>	/hwase/
	‘veado bira’	<b>huaroa</b>	/hwaroa/
	‘tatu gigante’	<b>huatari</b>	/hwatari/
	‘sapo’	<b>huarakaka</b>	/hwarakaka/

##### Posição medial

V <sub>[posterior alta]</sub> – V <sub>[posterior alta]</sub>	‘helater’	<b>tuhuaru</b>	/tuhwuru/
V <sub>[posterior média]</sub> – V <sub>[central baixa]</sub>	‘tatu coberto’	<b>ohuaru</b>	/ohwaru/

##### Posição final

V <sub>[anterior média]</sub> – V <sub>[posterior alta]</sub>	‘lêndea’	<b>hehua</b>	/hehwa/
V <sub>[anterior média]</sub> – V <sub>[posterior alta]</sub>	‘flecha’	<b>tehua</b>	/tehwa/
V <sub>[posterior alta]</sub> – V <sub>[posterior alta]</sub>	‘anta’	<b>kuhui</b>	/kuhwi/
V <sub>[posterior alta]</sub> – V <sub>[central baixa]</sub>	‘perdiz’	<b>uvakuhua</b>	/uvakuhwa/

#### 4.3.1.12. /n/ - nasal alveolar sonoro

##### Posição inicial

#_V <sub>[anterior média]</sub>	‘dia’	<b>neritjoki</b>	/neritjoki/
	‘metal e ferro’	<b>neheri</b>	/neheri/

#_V <sub>[posterior alta]</sub>	‘dormir’	<b>nutake</b>	/nutake/
---------------------------------	----------	---------------	----------

### Posição medial

V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘caminhe tu’	<b>aneruta</b>	/aneruta/
V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[posterior média]</sub>	‘camundongo’	<b>enohuari</b>	/enohwari/
	‘menina’	<b>eno</b>	/eno/
V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘grama’	<b>motfena-vi</b>	/motfenawi/
	‘minha bochecha’	<b>irenara</b>	/irenara/
	‘pico’	<b>enari</b>	/enari/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘mulher’	<b>vuaneti</b>	/wuaneti/

### Posição final

V <sub>[posterior média]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘meu tornozelo’	<b>iviatfone</b>	/iviatfone/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘lagarto’	<b>mamasane</b>	/mamasane/
	‘besouro’	<b>okane</b>	/okane/
V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘mão’	<b>seni</b>	/seni/

#### 4.3.1.13. /m/ - nasal bilabial sonora

### Posição inicial

#_V <sub>[central baixa]</sub>	‘pato’	<b>matasene</b>	/matasene/
	‘mosquito’	<b>mase</b>	/mase/
	‘lagarto’	<b>mamasane</b>	/mamasane/
	‘enguia’	<b>mapo</b>	/mapo/
	‘cupim’	<b>makihe</b>	/makihe/
	‘sal’	<b>maktabu</b>	/maktabu/
#_V <sub>[anterior média]</sub>	‘coluna’	<b>meheta</b>	/meheta/

#_V <sub>[posterior média]</sub>	‘grama’	<b>motʃenavi</b>	/motʃenawi/
	‘terra’	<b>moktuhu</b>	/moktuhu/
#_V <sub>[posterior alta]</sub>	‘milho’	<b>mutʃata</b>	/mutʃata/

### Posição medial

V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘bom’	<b>emaka</b>	/emaka/
V <sub>[anterior alta]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘seio’	<b>imiaura</b>	/imiawra/

### Posição final

V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘estrela’	<b>ukema</b>	/ukema/
	‘preguiça’	<b>opohema</b>	/opohema/
V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘diabo’	<b>uʃamo</b>	/uʃamo/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘pássaro martim pescador’	<b>atʃamu</b>	/atʃamu/

#### 4.3.1.14. /r/ - vibrante alveolar

### Posição inicial

#_V <sub>[central baixa]</sub>	‘folha’	<b>rari</b>	/rari/
#_V <sub>[anterior média]</sub>	‘fogo’	<b>reru</b>	/reru/
	‘lobo’	<b>rehe</b>	/rehe/
	‘centopeia’	<b>rektaka</b>	/rektaka/
#_V <sub>[anterior alta]</sub>	‘flor’	<b>rikibu</b>	/rikibu/
#_V <sub>[posterior média]</sub>	‘argila’	<b>roktu</b>	/roktu/
#_V <sub>[posterior alta]</sub>	‘caranguejo’	<b>rusa</b>	/rusa/
	‘voar’	<b>ruka</b>	/ruka/

### Posição medial

#_V <sub>[anterior média]</sub>	‘minha bochecha’	<b>irenara</b>	/irenara/
---------------------------------	------------------	----------------	-----------

	‘meus cílios’	<b>irekavi</b>	/irekawi/
#_V <sub>[anterior alta]</sub>	‘minha pele’	<b>irivi</b>	/iriwi/
V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘dia’	<b>neritʃoki</b>	/neritʃoki/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘feijão’	<b>karanahe</b>	/karanahe/
	‘jacana’	<b>taraho</b>	/taraho/
	‘meus cotovelos’	<b>ikiarato</b>	/ikiarato/
V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘caminhe você’	<b>aneruta</b>	/aneruta/
V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘crocodilo’	<b>erehe</b>	/erehe/

### Posição final

V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘ferro e metal’	<b>neheri</b>	/neheri/
V <sub>[posterior alta]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘minhas costas’	<b>itʃura</b>	/itʃura/
	‘meus seios’	<b>imiura</b>	/imiura/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘braço’	<b>keara</b>	/keara/
	‘antebraço’	<b>iyunara</b>	/iyunara/
	‘minha testa’	<b>itfoara</b>	/itfoara/
V <sub>[anterior média]</sub> _ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘minha língua’	<b>itʃeru</b>	/itʃeru/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘céu’	<b>hwaru</b>	/hwaru/
V <sub>[posterior média]</sub> _ V <sub>[posterior média]</sub>	‘ombro’	<b>kiaroro</b>	/kiaroro/
	‘pradaria’	<b>ohoro</b>	/ohoro/
	‘chicha’	<b>tʃoro</b>	/tʃoro/
V <sub>[posterior alta]</sub> _ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘água’	<b>ouru</b>	/ouru/
	‘meu intestino’	<b>itʃeuru</b>	[itʃeuru/
V <sub>[posterior média]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘minha coxa’	<b>iviora</b>	/iwiora/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[anterior alta]</sub>	‘lua’	<b>ari</b>	/ari/
	‘avestruz’	<b>hahari</b>	/hahari/
	‘pico’	<b>enari</b>	/enari/
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[posterior média]</sub>	‘peixe’	<b>aharo</b>	/aharo/

#### 4.3.1.15. /x/ - fricativa velar surda

##### Posição medial

V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘cérebro’	taura- <b>axute</b>	/taura <b>axute</b> /
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[posterior média]</sub>	‘tucano’	<b>axo</b>	/ <b>axo</b> /
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘eles lá’	<b>haxanana</b>	/ <b>haxanana</b> /
	‘dentes molares’	<b>tiaxaro</b>	/ <b>tiaxaro</b> /
	‘eu me porto bem’	<b>imaxahe</b>	/ <b>imaxahe</b> /
V <sub>[anterior alta]</sub> _ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘ladrão’	<b>ihuixuxe</b>	/ <b>ihuixuxe</b> /

##### Posição final

V <sub>[posterior média]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘meu pai’	<b>iyoxa</b>	/ <b>iyoxa</b> /
V <sub>[central baixa]</sub> _ V <sub>[central baixa]</sub>	‘pombo’	<b>ataxa</b>	/ <b>ataxa</b> /
V <sub>[posterior alta]</sub> _ V <sub>[anterior média]</sub>	‘ladrão’	<b>ihuixuxe</b>	/ <b>ihuixuxe</b> /

#### 4.3.1.16. /y/ - aproximante palatal sonora

##### Posição inicial

#_ V <sub>[posterior alta]</sub>	‘meu antebraço’	<b>iyunara</b>	/ <b>iyunara</b> /
	‘meus dedos’	<b>iyuna</b>	/ <b>iyuna</b> /
	‘dê-me’	<b>iyura</b>	/ <b>iyura</b> /
	‘minha bexiga’	<b>iyure tanavo</b>	/ <b>iyure tanavo</b> /
	‘meu ventre’	<b>iyu</b>	/ <b>iyu</b> /
#_ V <sub>[anterior média]</sub>	‘meu irmão’	<b>iyetaka</b>	/ <b>iyetaka</b> /

#### 4.4. Considerações sobre os fonemas

Os dados do Otúke aqui apresentados revelam alguns fatos importantes acerca dos sons que foram coletados e transcritos por Alcides d'Orbigny (1839). Há indicações de que uma das consoantes escritas por ele não tem valor fonêmico. Trata-se do que foi grafado com uma nasal velar *ɲ*. Um único dado contendo *ɲ*, é precedido e seguido de *i*, o que sugere que se trata da palatalização de *n*, som que foi interpretado por Créqui-Montfort e Rivet (1912) como sendo uma nasal velar. A ideia de que se trata de palatalização de *n* fica comprovada quando comparamos o dado do Otúke com cognato das línguas Boróro e Umutína, como veremos no Capítulo VII.

Os dados também mostram um grafema *v* que se trata, muito provavelmente, de uma aproximante labial, pois corresponde a *b*, *p* ou *w* nas demais línguas.

Um fato muito importante a ser observado é o processo de palatalização que afeta a maioria das consoantes do Otúke, quando precedidas de *i*, processo ilustrado plenamente nos poucos dados dessa língua, como:

'meus seios'	<b>imiura</b>
'meus cotovelos'	ikiarato
'meu pênis'	iwiaha
'meu sangue'	ikioka
'periquito'	kitio
'meu pescoço'	ikio

Tratamos de palatalização em Boróro e em Otúke no Capítulo VII desta tese.

Sobre os dados que correspondem a partes do corpo, estes foram naturalmente registrados com prefixos pessoais, principalmente combinados com a primeira pessoa do singular *i-*, mas alguns verbos foram registrados com a segunda pessoa do singular *a-*.

Finalmente, ressaltamos que, embora os dados sejam bastante resumidos, eles evidenciam a combinação das consoantes com diferentes vogais, o que já conta consideravelmente para prever que contrastam uns com os outros.

Apresentamos, na seção seguinte, pares mínimos e também análogos que fundamentam a funcionalidade dos sons registrados por d'Orbigny (1831).

#### 4.4.1. Contrastes consonantais

A seguir, apresentamos exemplos de pares mínimos e análogos dos fonemas consonantais da língua Otúke.

##### 4.4.1.1. /k/ e /t/

'periquito'	kitio	/kitio/
'pescoço'	ikio	/ikio/

##### 4.4.1.2. /r/ e /t/

'caminhe tu'	<b>aneruta</b>	/aneruta/
'dançar'	<b>arereta</b>	/arereta/

'caminhe tu'	<b>aneruta</b>	/aneruta/
'dormir'	<b>nutake</b>	/nutake/

##### 4.4.1.3. /p/ e /b/

'pato'	<b>turupare</b>	/turupare/
'cera'	<b>urebori</b>	/urebori/



#### 4.4.1.4. /j/ e /tʃ/

‘minha face’	itʃe	/itʃe/
‘minha nádega’	ifʊ	/ifʊ/

‘meu umbigo’	ifɛnapo	/ifɛnapo/
‘meu nariz’	itʃɛnaporo	/itʃɛnaporo/

#### 4.4.1.5. /t/ e /tʃ/

‘meu dente’	itio	/itio/
‘meu cormorão’	itʃitʃa	/itʃitʃa/

#### 4.4.1.6. /tʃ/ e /y/

‘minhas costas’	itʃura	/itʃura/
‘minha bexiga’	iyure tanavo	/iyure tanawo/

#### 4.4.1.7. /n/ e /d/

‘cutia’	neda	/neda/
‘pássaro do campo’	defo	/defo/

#### 4.4.1.8. /t/ e /k/

‘morcego’	ketari	/ketari/
‘quati’	uktabi	/uktabi/

#### 4.4.1.9. /t/ e /r/

‘cérebro’	<b>taura</b>	<b>/taura/</b>
‘jacana’	<b>taraho</b>	<b>/taraho/</b>

‘pedra’	<b>tohori</b>	<b>/tohori/</b>
‘helater’	<b>tuhuaru</b>	<b>/tuhuaru/</b>

#### 4.4.1.10. /n/ e /r/

‘peixe surubim’	<b>orohuari</b>	<b>/orohwari/</b>
‘rato, gambá’	<b>enohuari</b>	<b>/enohwari/</b>

‘meus dedos’	<b>iyuna</b>	<b>/iyuna/</b>
‘dê-me’	<b>iyura</b>	<b>/iyura/</b>

#### 4.4.1.11. /k/ e /s/

‘estrela’	<b>ukema</b>	<b>/ukema/</b>
‘iguana’	<b>asema</b>	<b>/asema/</b>

#### 4.4.1.12. /tʃ/ e /k/

‘minha testa’	<b>itʃoara</b>	<b>/itʃoara/</b>
‘braço’	<b>keara</b>	<b>/keara/</b>

#### 4.4.1.13. /x/ e /k/

‘tucano’	<b>axo</b>	/axo/
‘madeira’	<b>ako</b>	/ako/

‘centopeia’	<b>rektaka</b>	/rektaka/
‘pombo’	<b>ataxa</b>	/ataxa/

#### 4.4.1.14. /ʃ/ e /x/

‘eu, mim’	<b>ikiʃaɔʃo</b>	/ikiʃaɔʃo/
‘meu pai’	<b>iyoxa</b>	/iyoxa/

### 4.5. Considerações sobre *h*

Consideramos *h* um fonema em Otúke por esse som corresponder, em vários casos, a /k/ do Boróro e a /h/ do Umutína, como por exemplo, na palavra para peixe, Otúke *haro*, Boróro *karo* e Umutína *haro*, além da correspondência de Boróro /k/, Otúke /k/ e Umutína /k/, e também do contraste tanto em Umutína, quanto em Otúke entre /h/ e /k/. Verificamos também que outros fatores teriam contribuído para o surgimento de um fonema /h/ em Otúke, sendo um deles o desenvolvimento de uma sílaba constituída de uma vogal com a mesma qualidade da vogal da sílaba precedente, e, em seguida, o desenvolvimento de uma fricativa glotal, possivelmente como estratégia para evitar fusão vocálica. A palavra para pedra, por exemplo, que em Boróro é *tori*, tem a forma *tohori* em Otúke. É interessante notar que além de vários dados com vogais similares separadas por *h*, há um deles que mostra ter havido flutuação entre duas vogais idênticas em sílabas contíguas sem consoante interveniente e duas vogais separadas por fricativa glotal, como *itfaa* e *itfaha* ‘meus olhos’. Esses dois casos da presença de *h* nos dados do Otúke, um correspondendo a *k* em Boróro e *h* em Umutína e outro tendo resultado do surgimento de novas sílabas em várias palavras com cópias das

vogais precedentes, constituem as bases para postularmos o desenvolvimento de um fonema /h/ em Otúke.

Sobre a o fonema /h<sup>w</sup>/, verificamos se que trata de um processo de desoclusivação de kw, conforme discutimos mais detalhadamente na seção 6.4.1.

Por fim, há exemplos suficientes para que consideremos a existência do fonema /h/ em Otúke, o que é reforçado pelos seguintes pares mínimos e análogos:

**/x/ e /h/**

‘tucano’	<b>axo</b>	/axo/
‘anu’	<b>oho</b>	/oho/

‘meu pai’	<b>iyoxa</b>	/iyoxa/
‘tamanduá’	<b>apoha</b>	/apoha/

‘ruim’	<b>tjirimaha</b>	/tjirimaha/
‘pombo’	<b>ataxa</b>	/ataxa/

‘eu me porto bem’	<b>imaxahe</b>	/imaxahe/
‘pássaro yerutu’	<b>huataha</b>	/hwataha/

**/h/ e /r/**

‘gato’	<b>ahi</b>	/ahi/
‘lua’	<b>ari</b>	/ari/

**/h/ e /p/**

‘bico’	<b>oho</b>	/oho/
‘enguia’	<b>mapo</b>	/mapo/

**/k/ e /h/**

‘palmeira totai’	<b>aki</b>	/aki/
‘gato’	<b>ahi</b>	/ahi/

‘beba!’	<b>ako</b>	/ako/
‘bico’	<b>oho</b>	/oho/

‘hélices’	<b>nerekeke</b>	/nerekeke/
‘crocodilo’	<b>erehe</b>	/erehe/

**/h/ e /w/**

‘jacana’	<b>taraho</b>	/taraho/
‘ibis bronze’	<b>aravo</b>	/arawo/

#### **4.6. Quadro Vocálico do Otúke**

Nos dados apresentados por Créqui-Montfort e Rivet (1912, 1913) da língua Otúke, depreendemos os fonemas vocálicos que apresentamos no quadro 12. Ressaltamos que os autores (op. cit.) não fazem a diferenciação quanto à abertura e ao fechamento do timbre das vogais, nem identificam vogais centrais.

	<b>Anterior</b> <b>Não-arredondado</b>	<b>Central</b> <b>Não-arredondado</b>	<b>Posterior</b> <b>Arredondado</b>
<b>+ Alto</b>	i		u
<b>- Alto</b>	e	a	o

**Quadro 12: Fonemas Vocálicos da língua Otúke**

No que se segue, ilustramos a combinação dessas cinco vogais com as consoantes da língua Otúke de modo a evidenciar os ambientes em que ocorrem. Como lidamos com o número limitado de dados, julgamos importante mostrar que apesar desse fato, as vogais ocorrem precedendo e seguindo qualquer consoante.

#### 4.6.1. Contrastes vocálicos

A seguir, apresentamos os contrastes entre os fonemas vocálicos, em ambientes de pares mínimos e análogos.

*/o/ e /a/*

‘bico’	<b>aho</b>	/aho/
‘peixe’	<b>aharo</b>	/aharo/

‘semente’	<b>ohate</b>	/ohate/
‘serpente= cascavel’	<b>ahuako</b>	/ahwako/

‘terra’	<b>moktuhu</b>	/moktuhu/
‘sal’	<b>maktabu</b>	/maktabu/

‘cunhado’	<b>ipoto</b>	/inoto/
‘dormi’	<b>anutake</b>	/anutake/

‘tamanduá mirim’	<b>apohe</b>	/apohe/
‘preguiça’	<b>opohema</b>	/opohema/

‘minha testa’	<b>itfoara</b>	/itfoara/
‘meu olho’	<b>itfaa</b>	/itfaa/

*/a/ e /e/*

‘dê-me’	iyura	/iyura/
‘minha bexiga’	iyure tanavo	/iyure tanavo/

‘meu olho’	itfaa	/itfaa/
‘minha face’	[itfe	/itfe/

*/i/ e /e/*

‘dia’	neritʃoki	/neritʃoki/
‘metal e ferro’	neheri	/neheri/

‘meu joelho’	ifi	/ifi/
‘meu nariz’	ifeno	/ifeno/

‘gato’	ahi	/ahi/
‘casulo’	kihe	/kihe/

*/o/ e /u/*

‘pedra’	tohori	/tohori/
‘helater’	tuhuaru	/tuhuaru/

‘cunhado’	ipoto	/inoto/
‘dormi’	anutake	/anutake/

‘pedra’	tohori	/tohori/
‘helater’	tuhuaru	/tuwaru/

‘serpente= cascavel’	ahuako	/ahwako/
‘sapo’	ahuaku	/ahwaku/

‘minha testa’	itfoara	/itfoara/
‘minhas costas’	itfura	/itfura/

‘meu coração’	ifo	/ifo/
‘minhas nádegas’	ifu	/ifu/

#### 4.6.2. Fonemas vocálicos

##### 4.6.2.1. Fonema /a/

p_	‘minha orelha’	itfaparara	/itfaparara/
b_	‘montanha’	batari	/batari/
t_	‘fique aí!’	amakata atja	/amakata atja/
d_	-	-	-
k_	‘bom, boa’	emaka	/emaka/
h_	‘aqueles’	haxanana	/haxanana/
h <sup>w</sup> _	‘batata’	huaravo	/hwaravo/
m_	‘de volta’	imiama	/imiama/
n_	‘aqueles’	haxanana	/haxanana/
r_	‘folha’	rari	/rari/
x_	‘pombo’	ataxa	/ataxa/
w_	-	-	-
s_	‘arara azul e amarela’	karusane	/karusane/
ʃ_	‘eu, mim’	ikiʃa oʃo	/ikiʃa oʃo/
tʃ_	‘porco’	subutʃa	/subutʃa/
y_	‘dedo’	iyana	/iyana/



Conforme podemos verificar nos dados acima, o fonema /a/ ocorre combinado com todas as consoantes da língua, com exceção das consoantes *d* e *h<sup>w</sup>*. Com as demais consoantes, foi registrado em sílabas iniciais, mediais e finais.

#### 4.6.2.2. Fonema /e/

<b>p_</b>	‘leve você’	akto <b>pe</b> he	/akto <b>pe</b> he/
<b>b_</b>	‘mel’	sub <b>e</b> oru	/sub <b>e</b> oru/
<b>t_</b>	‘limão’	vet <b>o</b> ka	/wet <b>o</b> ka/
<b>d_</b>	‘espécie de pássaro’	det <b>f</b> o	/det <b>f</b> o/
<b>k_</b>	‘formiga’	rit <b>f</b> one <b>k</b> ia	/rit <b>f</b> one <b>k</b> ia/
<b>h_</b>	‘crocodilo’	ere <b>h</b> e	/ere <b>h</b> e/
<b>h<sup>w</sup>_</b>	‘lima’	huet <b>o</b> ka	/h <b>w</b> et <b>o</b> ka/
<b>m_</b>	‘pássaro kamichi’	tatak <b>o</b> me	/tatak <b>o</b> me/
<b>n_</b>	‘minha bochecha’	ire <b>n</b> ara	/ire <b>n</b> ara/
<b>r_</b>	‘dia’	nerit <b>f</b> oki	/nerit <b>f</b> oki/
<b>x_</b>	‘ladrão’	iwix <b>u</b> x <b>e</b>	/iwix <b>u</b> x <b>e</b> /
<b>w_</b>	‘borboleta’	kiv <b>e</b>	/ki <b>w</b> e/
<b>s_</b>	‘palma da mão’	sen <b>i</b>	/sen <b>i</b> /
<b>ʃ_</b>	‘nariz’	i <b>ʃ</b> eno	/i <b>ʃ</b> eno/
<b>tʃ_</b>	‘gafanhoto’	t <b>ʃ</b> et <b>f</b> uh <b>u</b> a	/t <b>ʃ</b> et <b>f</b> uh <b>u</b> a/
<b>y_</b>	‘meu irmão’	iyet <b>a</b> ka	/iyet <b>a</b> ka/

O fonema /e/ ocorre combinado com todas as consoantes da língua, sendo registrado em sílabas iniciais, mediais e finais.

#### 4.6.2.3. Fonema /i/

<b>p_</b>	-	-	-
-----------	---	---	---

<b>b_</b>	‘abóbora’	<b>sibiare</b>	/sibiare/
<b>t_</b>	‘meus dentes incisivos’	<b>itio</b>	/itio/
<b>d_</b>	‘velho’	<b>eadi</b>	/eadi/
<b>k_</b>	‘madeira queimada’	<b>seriki</b>	/seriki/
<b>h_</b>	‘gato’	<b>ahi</b>	/ahi/
<b>h<sup>w</sup>_</b>	‘mico leão da cara dourada’	<b>huikitfaha</b>	/hwikitfaha/
<b>m_</b>	‘ruim’	<b>tʃirimaha</b>	/tʃirimaha/
<b>n_</b>	‘lábios grosos’	<b>okokate sirini</b>	/okokate sirini/
<b>r_</b>	‘camundongo’	<b>enohuari</b>	/enohuari/
<b>_x</b>	-	-	-
<b>w_</b>	‘capivara’	<b>okiwia</b>	/okiwia/
<b>s_</b>	‘eu quero’	<b>ivia sique</b>	/iwia sique/
<b>ʃ_</b>	‘meu joelho’	<b>ijí</b>	/ijí/
<b>tʃ_</b>	‘lontra’	<b>itʃitʃo</b>	/itʃitʃo/
<b>y_</b>	-	-	-

Quanto ao fonema /i/, este não aparece nos dados combinado com as consoantes /p/, /x/ e /y/, contudo com as demais consoantes foi registrado em sílabas iniciais, mediais e finais.

#### 4.6.2.4. Fonema /o/

<b>p_</b>	‘esquilo’	<b>apoha</b>	/apoha/
<b>b_</b>	‘fruta’	<b>boka</b>	/boka/
<b>t_</b>	‘pássaro ibis de Cayenne’	<b>totota</b>	/totota/
<b>d_</b>	-	-	-
<b>k_</b>	‘madeira’	<b>ako</b>	/ako/
<b>h_</b>	‘palmeira cuse’	<b>tohohui</b>	/tohowi/
<b>h<sup>w</sup>_</b>	-	-	-
<b>m_</b>	‘diabo’	<b>uʃamo</b>	/uʃamo/
<b>n_</b>	‘enguia’	<b>mono, mapo</b>	/mono, mapo/

<b>r_</b>	‘pradaria’	<b>ohoro</b>	/ohoro/
<b>x_</b>	‘tucano’	<b>axo</b>	/axo/
<b>w_</b>	‘batata’	<b>hwaravo</b>	<b>huarawo</b>
<b>s_</b>	‘tatu peba’	<b>rosoho</b>	/rosoho/
<b>f_</b>	‘sagui’	<b>oorofoahe</b>	/oorofoahe/
<b>tʃ_</b>	‘besouros’	<b>huatʃoho</b>	/watʃoho/
<b>y_</b>	‘meu pai’	<b>iyoxa</b>	/iyoxa/

Sobre o fonema /o/, este se combina com todas as consoantes da língua, exceto *d* e *h<sup>w</sup>*. Este fonema foi registrado em sílabas iniciais, mediais e finais.

#### 4.6.2.5. Fonema /u/

<b>p_</b>	-	-	-
<b>b_</b>	‘porco’	<b>subutʃa</b>	/subutʃa/
<b>t_</b>	‘rir’	<b>otʃututa</b>	/otʃututa/
<b>d_</b>	-	-	-
<b>k_</b>	‘chifres’	<b>ukikua</b>	/ukikua/
<b>h_</b>	‘algodão branco’	<b>akihumari</b>	/akihumari/
<b>h<sup>w</sup>_</b>	-	-	-
<b>m_</b>	‘milho’	<b>mutʃata</b>	/mutʃata/
<b>n_</b>	‘dormir’	<b>anutake</b>	/anutake/
<b>r_</b>	‘caranguejo’	<b>rusa</b>	/rusa/
<b>x_</b>	‘ladrão’	<b>ihuixuxe</b>	/ihuixuxe/
<b>w_</b>	‘mulher’	<b>vuaneti</b>	/wuaneti/
<b>s_</b>	‘mel’	<b>subeoru</b>	/subeoru/
<b>f_</b>	‘jaritataca’	<b>kuriʃure</b>	/kuriʃure/
<b>tʃ_</b>	‘mandioca’	<b>tʃuhu</b>	/tʃuhu/
<b>y_</b>	‘palmeira matacu’	<b>atʃiyuru</b>	/atʃiyuru/

O fonema /u/ não aparece nos dados combinado com as consoantes *p*, *d*, e *h<sup>w</sup>*, mas com as demais consoantes foi registrado em sílabas iniciais, mediais e finais.

Os dados mostram a ocorrência de dois *aa* e de dois *oo* contíguos. Estamos interpretando esse fato como sendo V, resultado da cópia da vogal precedente, constituindo por si só uma sílaba:

‘cachorro’	si  <b>aa</b> ra	/si  <b>aa</b> ra/
‘meu: este é meu’	et fa ore <b>aa</b> t fo	/et fa ore <b>aa</b> t fo /
‘macaco’	<b>aa</b> t fo	/ <b>aa</b> t fo/
‘sagui’	<b>oo</b> ro foahe	/ <b>oo</b> ro foahe/

Como mostramos na seção 4.5, há evidências de que o Otúke desenvolveu sílabas a partir da cópia de vogais precedentes, inserindo por meio de epêntese uma fricativa glotal interveniente, provavelmente para evitar fusão. Há, inclusive, um dado que mostra variação de dois *aa* contíguos e de dois *aa* separados por *h*:

‘meus olhos’	[i-t  <b>aa</b> ] [i-t  <b>aha</b> ]
--------------	--------------------------------------

#### 4.7. Padrão silábico

##### 4.7.1. Língua Boróro

Janet Crowell (2013) postula para a língua Boróro quatro padrões silábicos: V, VV, CVV e CV.

V	/i.po/	'vara'
VV	/ao/	'no alto'
CVV	/kao/	'através de'
CV	/to/	'para, para dentro de'

Janet Crowell (op. cit.) complementa sua análise, apresentando as combinações das sílabas que contêm sequências vocálicas:

ae	/kae/	'em direção a'
ai	/aidure/	'ele quer'
ao	/kao/	'através de/internamente'
ea	/keadumoduka/	'não faz mal'
ei	/ei/	'a eles, para eles'
eo	/reo/	'isto é um/a...'
ia	/ia/	'mais outro/a, outro/a'
ii	/ii/	'para mim'
oa	/baragoato/	'amanhã'
oe	/woe/	'aqui'

#### 4.7.1.1. Considerações sobre a análise do padrão silábico em Boróro

Janet Crowell (2013) analisa os fonemas *w* e *y* como vogais na língua Boróro. Contudo, em nossa análise, propomos considerar esses fonemas como consoantes, dessa forma, o padrão silábico da língua Boróro é reanalisado em quatro combinações possíveis: V, CV, CVC e CCV, sendo o padrão CV o mais comum da língua.

<b>V</b>	o	rabo
<b>CV</b>	bi.re.	pé
<b>CVC</b>	bay	casa
<b>CCV</b>	bya.d3a	ouvido

#### 4.7.2. Língua Umutína

Lima (1995) sintetiza o padrão silábico da língua Umutína no esquema abaixo:

$$(C_2)(C_1)V(C_3)$$

A posição  $C_1$  pode ser ocupada por qualquer consoante ou semivogal; a posição  $C_2$  tem ocupação restrita por consoante canônica seguida de ditongo crescente; na posição  $C_3$ , verifica-se apenas a realização condicionada das duas semivogais que funcionalmente comportam-se como consoantes na língua.

Lima (1995) observa que por não haver tritongo na língua Umutína, a ocorrência das semivogais no acento e no declive silábicos está em distribuição complementar, não podendo ambas ocorrerem na mesma sílaba. Dessa forma, argumenta Lima (op. cit.), considerando que somente a semivogal trava sílaba, o padrão CVC apenas é possível quando a primeira posição consonantal é ocupada por uma consoante canônica.

#### V

/u/	‘timbó’
/i.pwa.zo/	‘folha’
/ru.o/	‘nambu galinha’
/ɔ.ri/	‘formigão’
/e.mo/	‘surucucu’
/e.maki/	‘cobra’
/a/	‘fígado’

A autora (1995) ressalta que apenas a vogal /ɨ/ não ocorreu formando sílaba sozinha.

#### $C_1V$

/ma.la.tu/	‘urubu’
/me/	‘jenipapo’

/ma.re.po/	‘macho’
/ka.za.ko.po/	‘pilão’
/ju.lo/	‘jati’
/pi.ru/	‘mel’
/me.nu/	‘arraia’
/pu.pi.ri.ka/	‘pouco’
/ma.ta.ya/	‘garça grande’
/ma.yo/	‘aranha’
/wa.ri.po/	‘piauí’
/ku.yo.to/	‘coruja amarela’

Lima (1995) observa que este é o padrão mais produtivo da língua.

### **C<sub>2</sub>C<sub>1</sub>V**

/mye/	‘formiga’
/i.pwa.zo/	‘folha’
/re.pwe/	‘nós vamos’
/mwe.nɔ/	‘chuva’
/mya.mo.lo.ka/	‘brinco’

No padrão C<sub>2</sub>, Lima (op.cit.) mostra que as consoantes que ocorrem são duas oclusivas, *p* e *k*, a fricativa *j*, a vibrante *r* e a nasal *m*.

### **C<sub>1</sub>VC<sub>3</sub>**

/moy.ku/	‘corda’
/kay.mo/	‘cupim’
/tuy.na/	‘tucano vermelho’
/i.zey.ki/	‘minha canoa’
/pey.ju/	‘cachorro do mato’

/i.pwe/	‘eu estou molhado’
---------	--------------------

Lima (1995, p. 61) argumenta que “as consoantes /l/, lateral alveolar, e /s̃/, fricativa palatal surda, não ocupam a posição C1. A grande ocorrência das consoantes neste ambiente leva a crer que esta exceção deve-se mais a limites impostos pelos dados do que a condicionamentos fonológicos”.

### VC

/ay.ko/	‘onça’
/a.pi.ew/	‘acuri’
/i.ew.na/	‘perereca’
/u.ey.no/	‘caju’

A autora (op. cit.) explica que o padrão VC é o menos produtivo na língua. Sobre o item lexical para ‘onça’, Lima argumenta que a sílaba ‘ay’ foi depreendida em uma única emissão de ar. A sílaba não poderia ser interpretada como duas vogais, explica a autora, “em razão de na língua, ao nível fonológico, apenas se encontram suas sílabas abertas em início ou final de enunciado quando: trata de flexões ou afixos, ou quando a pronúncia silabada, através da verificação da emissão de ar, possibilita a identificação de mais de uma sílaba” (p. 61).

Sobre a palavra ‘acuri’, Lima (1995) explica que o dado foi definido como trissílabo, pois o acento de intensidade recai na última sílaba.

#### 4.7.3. Língua Otúke

Conforme já explicitado anteriormente, não há nenhum registro de dados sonoros da língua Otúke ou marcação de acento nos dados coletados originalmente por D’Orbigny (1831). Em uma análise superficial, construída a partir dos dados de Rivet e Créqui-Montfort (1912, 1913), podemos identificar na língua Otúke quatro padrões



silábicos, conforme podemos constatar nos exemplos que seguem abaixo. O padrão silábico mais produtivo observado nos dados da língua é o CV.

<b>V</b>	‘você’	a
	‘braço’	ke.a.ra
	‘madeira, floresta’	i.tu.ra
	‘meu cunhado’	i.no.to
	‘madeira, floresta’	i.tu.ra
	‘anis da savana’	o.ho

<b>CV</b>	‘meu coração’	i.jo
	‘madeira queimada’	se.ri.ki
	‘madeira, floresta’	i.tu.ra
	‘bom, boa’	e.ma.ka
	‘caranguejo’	ru.sa
	‘esquilo’	a.po.ha
	‘aqueles’	ha.xa.na.na
	‘arara vermelha e arara colar amarelo’	ka.ha.ru

<b>CVC</b>	‘argila’	rok.tu
	‘sal’	mak.ta.bu
	‘terra’	mok.tu.hu

<b>CCV</b>	‘boca’	i.fjo.ra
	‘capivara’	o.ki.wja
	‘laranja’	bwe.to.ka

#### **4.8. Considerações sobre o padrão silábico**

O padrão silábico mais funcional e produtivo na família Boróro é o padrão CV. Nota-se que todas as três línguas da família compartilham das seguintes combinações silábicas: V, CV, CVC e CCV, sendo que os fonemas aproximantes ocupam posição consoantal nessas línguas.

#### **4.9. Acento**

De acordo com Rodrigues (2007), na língua Boróro o acento de intensidade recai sistematicamente sobre a penúltima sílaba de cada palavra. Sobre a língua Umutína, o autor (op. cit.) assinala que embora não haja um consenso entre Shultz (1952), Schmidt (1941) e Lima (1995) na marcação do acento, este ocorre predominantemente na última sílaba das palavras.

Com relação ao acento da língua Otúke, verifica-se que a ausência absoluta de dados sonoros e a omissão na marcação de sílabas fortes pelo viajante Alcides d'Orbigny (1831) durante a coleta de dados, não permite a identificação sobre a sílaba em que recai o acento de intensidade nessa língua.

#### **4.10. Algumas considerações gerais**

Sobre o sistema fonológico consonantal das três línguas da família Boróro, note-se que a língua Umutína não possui os fonemas /d/ e /g/, enquanto a língua Otúke não possui o fonema /g/. Somente a língua Umutína possui o fonema lateral /l/ e o fonema /z/, mas estes, como veremos no capítulo seguinte, correspondem, respectivamente, aos fonemas /r/, em Otúke e Boróro, e aos fonemas /s/ em Otúke e /ʃ/ em Umutína.

Dessa forma, consideramos como fonemas consonantais comuns às três línguas: /p/, /b/, /k/, /m/, /n/, /r/, /w/, /y/.

Sobre os fonemas vocálicos, ressaltamos que como não houve escrita fonética do Otúke, pode-se dizer, com certeza, que apenas a língua Umutína faz contrastes entre as vogais abertas e fechadas (/o/ e /ɔ/, /e/ e /ɛ/) e que a vogal central alta /ɨ/ é comum às línguas Boróro e Umutína.

Com relação ao padrão silábico, observamos que as três línguas compartilham os padrões: V, CV, CVC e CCV, sendo o padrão CV o mais produtivo e funcional nas três línguas.

## CAPÍTULO V

### COMPARAÇÃO DAS LÍNGUAS BORÓRO E UMUTÍNA E BORÓRO E OTÚKE – REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA

---

#### 5. Introdução

Neste capítulo, discorremos sobre as propostas já existentes de comparação lexical envolvendo as línguas Boróro, Umutína, Otúke, Kovareka e Kuruminaka. A comparação do Boróro e do Otúke foi proposta por Créqui-Montfort e Rivet (1912), a partir de evidências de parentesco genético entre essas línguas propostas por Karl Von den Steinen (1895); a comparação do Boróro com as línguas Merrime e Kayapó foi feita por Mansur Guérios (1939) e a comparação entre o Boróro e o Umutína por Rodrigues (1962, 2007).

#### 5.1. Comparação da língua Boróro com a língua Otúke

O primeiro trabalho comparativo das línguas Boróro e Otúke foi realizado pelo linguista Karl von den Steinen em 1895, o qual observou afinidades entre as duas línguas. Posteriormente, em 1913, Créqui-Montfort e Rivet, com base em um escasso vocabulário coletado pelo viajante francês D'Orbigny<sup>16</sup> (1831), trazem mais fundamentos para a hipótese levantada por von den Steinen (op. cit.) sobre as relações genéticas entre essas duas línguas.

Ressalte-se que, em 1912, o povo Otúke contava com uma população próxima a 150 pessoas que já não falavam mais a língua nativa, e sim a língua Chiquitano, usada na catequização dos indígenas da região. Pela limitação de dados linguísticos, Créqui-Montfort e Rivet (1912) fundamentaram sua análise somente com itens lexicais e algumas frases soltas na língua Otúke. Créqui-Montfort e Rivet (1912) afirmaram que a língua Otúke já havia desaparecido por volta de 1912 uma vez que D'Orbigny, em 1831, encontrou apenas cerca de 10 velhos indígenas Otúke que ainda

---

<sup>16</sup>D'Orbigny foi um navegante francês que coletou dados de diversas línguas indígenas da Baixa Bolívia. Seus manuscritos estão conservados na Biblioteca Nacional de Paris.

guardavam algumas lembranças da língua nativa, isso significa que 80 anos depois dificilmente seriam encontrados falantes dessa língua.

Nesse seu trabalho de 1912, Créqui-Montfort e Rivet propuseram agrupar, provisoriamente, em um único grupo linguístico, as línguas Otúke, Kovareka, Kuruminaka, Korabeka, Kuravè, Kurukaneka e Tapii, mas, posteriormente, mostraram que as línguas Korabeka, Kuravè, Kurukaneka e Tapii tinham um número considerável de concordâncias lexicográficas mais notadamente com os “dialetos Arawak” (grifo meu), o que os levou a considerar um grupo linguístico Otúke constituído das línguas Otúke, Kovareka e Kuruminaka (Créqui-Montfort e Rivet, 1912).

Em 1913, Créqui-Montfort e Rivet desenvolveram uma comparação das línguas Boróro e Otúke com base em 62 itens lexicais e alguns sufixos. Compararam também os dados do Boróro com os das línguas Kovareka e Kuruminaka, e levantaram a possibilidade de parentesco dessas línguas com o Chiquitano. Na seção seguinte, apresentamos os dados do Boróro e do Otúke utilizados por esses autores em sua comparação.

## **5.2. Comparação proposta por Créqui-Montfort e Rivet**

A comparação realizada por Créqui-Montfort e Rivet (1912), conforme já explicitado, consiste na comparação de 62 itens lexicais e de alguns sufixos entre as línguas Boróro e Otúke. Os autores (op. cit.) também compararam os dados do Boróro com os das línguas Kovareka e Kuruminaka e levantaram a possibilidade de parentesco deste grupo com o Chiquitano.

Quanto aos dados das línguas Kovareka e Kuruminaka, Créqui-Montfort e Rivet (1912) utilizaram, para a comparação com o Otúke e o Boróro, duas pequenas listas de palavras coletadas por D’Orbigny (1831).

Os itens lexicais comparados das línguas Boróro<sup>17</sup> e Otúke podem ser verificados no quadro abaixo. Os dados do Boróro provêm de três fontes: (i) Francis de Castelnau – *Expeditions dans les parties centrales de l’Amérique du Sud, de Rio de*

---

<sup>17</sup> Os dados da língua Boróro foram verificados e atualizados [ortografia] de acordo com a *Enciclopédia Boróro, vol I*, 1969, de Albisetti e Venturelli, e com o “Pequeno Dicionário Português/Boróro” (2005) de Gonçalo Ochoa.

*Janeira à Lima, e de Lima au Pará;* (ii) Karl von den Steinen, *op. cit.*; (iii) Vojtěch Faic e Paul Radin – *Contributions to the study of the Boróro Indians.*

	<b>Dado</b>	<b>Boróro</b>	<b>Otúke</b>
1.	‘algodão’	akigu (O, A) <sup>18</sup>	akihu-mari
2.	‘anta’	ki	kuhui
3.	‘arco’	baiga (O) boeíga (A), tygo ‘tipo de taquara’ (A)	vevika (1)
4.	‘avestruz’	pari (O)	hahari
5.	‘banana’	bako (O)	aku
6.	‘beber’	kudu, ku ‘bebida’ (A)	a-ko – beba! (KO), a- kututo= beba (KU)
7.	‘bexiga’	i-kuru dza(O)	i-yure-tanavo
8.	‘bico’	oto (o)	aho
9.	‘bom’	amarew, pemegarew (O) pemega(A)	emaka, imaxa- he
10.	‘cabelos’	i-t-aw ‘meus c.’ (C) au, aga (O)	i-taho-vibi
11.	‘calcanhar’	bureado (O) i-viywra = cotovelo (Steinen)	i-viario-to, i- viora = coxa
12.	‘capivara’	akiwa (O)	okivia
13.	‘casa’	i-waj (C), baj(O)	hual’a
14.	‘cera’	muiawoe-bori (O)	suri-bori
15.	‘céu’	baru (O)	huaru
16.	‘chicha’	kuru ‘bebida’, boekuru pagodurew ‘bebida azeda’(A)	tjoro i-foro(ko), i-yoro (ku),
17.	‘chifre’	kiga (O)	u-kikwa
18.	‘quati’	atoe (CA), kudobo (O)	uktahi

<sup>18</sup> As siglas utilizadas nesta tabela significam: (A) dados coletados de Albisetti e Venturelli (1969), (O) dados de Gonçalo Ochoa (2005), KO, língua Kovareka e KU, língua Kuruminaka.

19.	‘coração’	bapo, i-wabo ‘meu coração’ (A, O)	i-fo
20.	‘costas’	dzura, i-wra, ‘minhas costelas’ (O)	i-tfura
21.	‘coxa’	i-wu (A) ‘perna (corpo humano); pogora, pu, bozona (O)	i-viora
22.	‘cunhado’	i-nodou (CA),	i-ŋoto
23.	‘dente’	i-to	i-tio
24.	‘dia’	meri (O)	neritfoki
25.	‘dormir’	nudu (O); nududu ‘f. dormir’	a-nutake
26.	‘estrela’	kujedze (O); i-kwije	u-kema
27.	‘face’	e, je (face dela)	ije
28.	‘ferro’	meriri (O, A)	neheri
29.	‘flecha’	tegu (O, A)	tehua
30.	‘flor’	ku, kwo (A); oku, okureboe (O)	rikihu
31.	‘floresta’	itura (A)	itura
32.	‘fogo’	dzoru (O); eru, oru, ru, rugadu (A)	reru
33.	‘folha’	aru, raru (O)	rari
34.	‘língua’	eru (O)	i-feru
35.	‘lobo’	rie ‘lobo guará’ (O)	réhè
36.	‘lua’	ari (A)	ari
37.	‘mandioca’	dzu, dzurew	tfuhu
38.	‘mão’	iera (era); i-kera (A)	keara = braço
39.	‘morcego’	ke (A)	ketari
40.	‘mosca’	ruke ‘varejeira’ (O)	ruka
41.	‘mosquito’	batfe ‘pernilongo’ (O)	mase
42.	‘narinas’	enodza	i-feno-poro
43.	‘nariz’	eno, i-keno	i-feno
44.	‘onça’	adugo, aigo (onça parda) (A)	aktefo = veado anteko (ko),
45.	‘pai’	i-ioga ‘meu pai’ o ‘pai’ (O),	i-yoxa

46.	‘pato’	turubare (O)	turupare
47.	‘pedra’	tori (A) tiri (KO)	tohori
48.	‘peito’	i-morora ‘meu peito’; miku ‘peitoral de algumas aves’ (O); ake muga	i-miawra
49.	‘peixe’	kare	aharo
50.	‘peixe surubim’	orari ‘peixe pintado’ (O)	orohuari
51.	‘pele’	biri, i-wiri	i-rivi
52.	‘pênis’	i-waga, baka (A)	i-viaha
53.	‘periquito’	kida ‘p. menor’; kido ‘p. vassourinha’ (O);	kitio
54.	‘planta do pé’	i-ure-ka, i-n-ure ‘meu pé’ (O)	i-vire-egua
55.	‘rato, gambá’	enokuri ‘tatu cascudo’ (A)	enohuari
56.	‘sangue’	ku; i-ko; kogua, (A)	i-kioka
57.	‘serpente’	awago (A)	ahuako
58.	‘sol’	meri	neri
59.	‘tartaruga’	d3origige (Steinen)	zerikiki, rerikeke
60.	‘tatu’	okwaru, waru, bokodori (t. bola), rea (t. canastra) (O)	o-huaru
61.	‘terra’	moto (O)	moktuhu
62.	‘umbigo’	kunabo; i-kunabo (O)	i-ŷenapo
63.	‘unha’	i-nogi (O)	i-reki
64.	‘veado’	orogo ‘campeiro’; pobogo ‘v. mateiro’; (O)	huaroa, oroykia ‘pita’
65.	‘vento’	akuru, bakuru (O)	vwauru
66.	‘ventre’	ku, i-kuri,	i-yure tanavo = bexiga

Quadro 12a: Correspondências entre Boróro e Otúke (Créqui-Montfort e Rivet, 1913)



## 5.2.1. Correspondências sonoras observadas por Créqui-Montfort e Rivet

### 5.2.1.1. /ʃ, tʃ/ do Otúke correspondem frequentemente a k em Boróro

Ambiente	Português	Otúke	Boróro
_V[+ant]	‘minha língua’	iʃeru	ikeru (O)
	‘meu nariz’	iʃeno	ikeno
	‘meu umbigo’	iʃenapo	ikunabo (O)

Os autores observaram que a palavra ‘chicha’ fornece todos os estados desta transformação dialetal nas línguas Boróro, Kuruminaka, Otúke e Kovareka:

<b>Boróro</b>	i-kuru
<b>Kuruminaka e Otúke</b>	i-tʃoro, tʃoro
<b>Kovareka</b>	i-yoro

### 5.2.1.2. g e k em Boróro correspondem a h em Otúke

Ambiente	Português	Boróro	Otúke
V_V	‘fio de algodão’	akigu (O, A)	akihu-mari
	‘flecha’	tegu (O, A)	tehua
	‘tamanduá mirim’	apogo (O)	apohe, apoha = esquilo, quati
	‘pênis’	i-waga, baka (A)	i-viaha
	‘tatu’	okwaru, waru, bokodori (t. bola), rea (t. canastra) (O)	ohuaru =rato
#_	‘peixe’	karo	a-haro

Observamos que os pares “tatu” e “rato” e “tamanduá-mirim” e “esquilo” possuem cargas semânticas muito distantes umas das outras, logo não poderiam ser consideradas correspondências semânticas. No caso de “tatu” e “tamanduá-mirim”, temos, ambos classificados pelo dicionário Aurélio<sup>19</sup>, como um “mamífero desdentado”, enquanto “rato” e “esquilo” são definidos como “mamífero roedor”. Ressalta-se que as características físicas das espécies comparadas se diferenciam muito.

#### 5.2.1.3. *ba* em Boróro corresponde a *vwa*, *hwa* em Otúke:

Ambiente	Português	Boróro	Otúke
#_	‘céu’	baru (A)	hwaru
	‘vento’	bakuru (O)	vwauru

#### 5.2.1.4. *t* em Boróro corresponde a *h* em Otúke em dois exemplos:

Ambiente	Português	Boróro	Otúke
V_V	‘bico’	oto (o)	aho
	‘onça (jaguar)’	ati <sup>20</sup>	ahi

#### 5.2.1.5. *u* em Boróro corresponde a *vi* em Otúke

Ambiente	Português	Boróro	Otúke
V_	‘pênis’	i-waga, baka (A)	i-viaha
	‘capivara’	akiwa (O)	okivia
	‘planta do pé’	i-ure-ka, i-n-ure ‘meu pé’	i-vire-egua

<sup>19</sup> Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0.

<sup>20</sup> A forma *ati* registrada para jaguar não foi encontrada na Enciclopédia Boróro de Venturelli e Albisetti, nem nos demais dicionários disponíveis da língua Boróro.

## 5.2.2. Aspectos gramaticais

Sobre os aspectos gramaticais, Créqui-Montfort e Rivet (1912) fizeram um levantamento superficial de possíveis prefixos e sufixos nas línguas, bem como dos verbos, da composição, do gênero e dos pronomes pessoais.

### 5.2.2.1. Prefixação

Sobre a prefixação, Créqui-Montfort e Rivet (1912) identificaram o marcador de primeira pessoa como o prefixo mais recorrente na língua. Os autores observaram que o mesmo prefixo também é encontrado na língua<sup>21</sup> Kovareka.

### 5.2.2.2. Sufixação

Créqui-Montfort e Rivet (1912) observaram a existência de diferentes sufixos que correspondem, talvez, a um sistema de classificação análoga aos dialetos *chibchas* da América Central. Os sufixos identificados foram:

- O sufixo *-ra*: presente em um grande número de palavras, segundo Créqui-Montfort e Rivet (1912), designa partes do corpo humano.

Por exemplo:

*i-fe-ra* ‘meu ânus’

*i-tiu-ra* ‘minha cabeça’

*kea-ra* ‘braço’

Sobre o sufixo *-ra*, analisando os dados dos autores, notamos que este não é sistemático em todos os termos utilizados para partes do corpo humano, conforme pode ser verificado nos exemplos abaixo:

---

<sup>21</sup> Créqui-Montfort e Rivet (1912) não fazem distinção entre as noções de língua e de dialeto.

*i-tfeno* ‘meu nariz’  
*i-rivi* ‘minha pele’  
*i-viario-to* ‘meu calcanhar’  
*i-viaha* ‘meu pênis’

Logo, a conclusão que se pode chegar é: (i) a possibilidade de se tratar de um sufixo cuja função não é mais possível de ser identificada devido à escassez de dados; (ii) não se trata de um sufixo, mas parte da raiz insegmentável do tema.

- O sufixo *-ka*: Créqui-Montfort e Rivet (1912) o encontraram em quatro nomes de frutas de forma redonda:

*bueto-ka* ‘laranja, limão, cidra’  
*rio-ka* ‘melão d’água’  
*ai-ka* ‘cabaça’  
*bo-ka* ‘fruta’

Foram encontrados dois dados em que o sufixo *-ka* aparece, aparentemente não relacionado à forma redonda, como nos dados acima, pois marca os termos “sangue” e “planta do pé”. Entretanto, o sufixo *-ka* pode não classificar algo como simplesmente redondo, mas como circunscrito, como é o caso do classificador *ah* em Suruí (Uraan Suruí e Cabral 2013).

*i-kio-ka* ‘meu sangue’ (o sangue é circunscrito ao corpo do falante)  
*i-ure-ka* ‘minha planta do pé’ (trata-se de uma superfície circunscrita)

- Os sufixos *-vi*, *-vihi*: servem para formar palavras que designam pelos ou, na natureza, os objetos que a eles possam ser assimilados (Créqui-Montfort e Rivet (1912)).

*vuaka-vi* ‘pelos’  
*tera-vihi* ‘barba’

*i-taho-vihi* ‘cabelos’  
*i-reka-vi* ‘sobrancelha’, ‘cílios’  
*catara-vi* ‘palha do milho’  
*mocena-vi* ‘grama’

- O sufixo *-to*: de acordo com Créqui-Montfort e Rivet (1912), só foi encontrado em duas palavras. Ele parece ser reservado aos vocábulos que designam as saídas articulatórias do corpo, conforme observam os autores.

*i-kiara-to* ‘cauda’ [*keara*=braço]  
*i-viario-to* ‘garra, meu calcanhar’

Uma outra interpretação possível é a de que se trata de extremidades, como a cauda e as garras.

- O sufixo *-ru*: de acordo com Créqui-Montfort e Rivet (1912), este sufixo é de origem mais duvidosa. Ele aparece em vocábulos que designam objetos ou fenômenos naturais:

*ou-ru* ‘água’  
*hua-ru* ‘céu’  
*re-ru* ‘fogo’  
*vuau-ru* ‘vento’

Segundo Créqui-Montfort e Rivet (1912), esse sufixo também foi encontrado nos seguintes termos:

*tferu* ‘língua’  
*ohwaru* ‘tatu’

Provavelmente, *-ru* não é um sufixo, mas parte insegmentável dessas palavras. Ressalta-se que quase todos os exemplos apresentados são de palavras compostas por duas sílabas, com exceção de *vento* e *tatu*.

- O sufixo *-ri*: segundo Créqui-Montfort e Rivet (1912, p. 323), o sentido deste sufixo *-ri*: “nos escapa completamente”. Exemplos:

*toho-ri* ‘pedra’ (*ot*), *ti-ri* ‘pedra’ (*kovareka*)

*bata-ri* ‘montanha’

*huai-ri* ‘areia’

*nehe-ri* ‘metal’

*tana-ri* ‘palmeira’

*taku-ri* ‘milho’

*ra-ri* ‘folha’

O sufixo *-ri* parece tratar-se de um morfema integrante da palavra. Infelizmente, não é possível determinar o seu ambiente de ocorrência e o contexto de uso devido à escassez de dados não nos permitir apresentar análises mais elaboradas.

- A partícula *-ro*: conforme observa Créqui-Montfort e Rivet (1912), apareceu em um único caso, ilustrado abaixo:

*kioro-ro* ‘ombro’ [*keara*=*braço*]

- Créqui-Montfort e Rivet (1912) ressaltaram que certo número de nomes de animais terminam em *-huari*, *-huaru*, conforme podemos verificar nos exemplos seguintes:

*tu-huaru* ‘cigarra’

*eno-huari* ‘ratos, aracnídeos, anfíbios’

*o-huaru* ‘colho, tatu’

*oro-huari* ‘peixe surubim’

- A terminação *-ohe*, variando com *-hobe*, parece, segundo Créqui-Montfort e Rivet (1912), servir para formar nomes de insetos. Exemplos:

*fejuvi-ohe* ‘libélula’ [fejuve=grilo]

*foki-hobe* ‘mosquito’

A análise de Créqui-Montfort e Rivet (1912) sobre esses sufixos parece-nos inconsistente, devido à falta de mais dados. Para o termo ‘libélula’ temos a forma *efu*ve + *ohe*. Já o termo para um tipo de mosquito é *foki-hobe*, logo *hobe* e *ohe*, não são variantes do mesmo morfema. Note-se que há outro mosquito em que o pressuposto sufixo não aparece. Este é o caso do mosquito *mase*.

### 5.2.2.3. Composição

Sobre a composição, Créqui-Montfort e Rivet (1912) encontraram dois exemplos formados, notadamente, por justaposição, cujo determinante precede o determinado. Exemplos:

*kiara -feuru* ‘veia’ [keara=braço, feuru= intestino]

*aktefo-kikia* ‘cifres de veado’ [aktef=veado, ukikia= chifres]

Foram encontradas, ainda, palavras derivadas de um mesmo radical. Exemplos:

*i-via-ha* ‘meu pênis’

*i-via-hukati* ‘meus testículos’

*i-via-vihi* ‘pelos pubianos’

#### 5.2.2.4. Gênero

Sobre o gênero, Créqui-Montfort e Rivet (1912) apresentaram apenas um único exemplo em que ocorre essa distinção. Neste caso particular, para designar o masculino, é colocada a palavra ‘homem’ diante da palavra feminina.

*fiviaku-huani ‘galo’ [ufiviaku=galinha, vuani=homem]*

#### 5.2.2.5. Verbo

Sobre os verbos, Créqui-Montfort e Rivet (1912) mostraram que as terminações *-ta* e *-take* predominam nos verbos encontrados. Segundo os autores, “elas correspondem, verdadeiramente, a diferenças temporais” (p. 325).

*ohuarutu-ta ‘cantar’*

*aneru-ta ‘caminhe!’*

*arere-ta ‘dançar’*

*aoke-ta ‘comer’*

*ahoate-ta ‘chorar’*

*are-take ‘veja!’*

*aete-take ‘matar’*

*anu-take ‘dormir’*

*ofutu-ta ‘rir’*

*amaka-ta afa ‘fique lá’*

As formas *-ta* e *-take*, apresentadas nos exemplos acima, apenas ocorrem com verbos na forma infinitiva e/ou na forma imperativa, o que não significa que sejam morfemas temporais. Isoladamente e descontextualizados, não é possível identificar categorias temporais ou modais nas línguas.



### 5.2.2.6. Os pronomes pessoais

Segundo Créqui-Montfort e Rivet (1912, p. 325) “a lista de pronomes pessoais do Otúke é muito incompleta para permitir alguma observação”. Os pronomes pessoais identificados na língua são:

---

Eu	ikitsa-ofo
Tu	-
ele/ela	ikiŋa-ano
Nós	sekiafo
Vós	-
Eles	-

---

Analisando os dados da língua, podemos depreender um morfema *-i* para a primeira pessoa singular, e um morfema *-ta* para segunda pessoa plural, ambos presos às raízes de nomes e verbos.

Infelizmente, com a quantidade limitada de dados disponíveis não é possível identificar todo o paradigma de pessoa. Considerando as duas formas de primeira pessoa singular (*ikitsa-ofo* e *-i*), pode-se concluir que a língua teria duas séries de pronomes, uma gramatical e outra lexical.

### 5.3. Sobre as línguas Kovareka e Kuruminaka

Os dados sobre as línguas Kovareka e Kuruminaka, como já dito anteriormente, compreendem duas pequenas listas de palavras coletadas por D’Orbigny (1831). Estas listas abrangem 19 e 14 palavras, respectivamente. Créqui-Montfort e Rivet (1912) acreditam que, apesar da pequena quantidade de palavras, essas são suficientes para evidenciar a relação dessas línguas com o Otúke.

Transcrevemos, abaixo, o quadro comparativo proposto por Créqui-Montfort e Rivet (1912).

<b>Português</b>	<b>Otúke</b>	<b>Kovareka</b>	<b>Kuruminaka</b>
1. 'beba!'	oaketa= 'comer'	ako	akututo
2. 'bom, boa'	imaxahe = 'eu estou bem'	emaka; ix-emaka-ne = 'eu me comporto bem'	sit-imaxa; iv-amaxa-ra-ha = 'eu me porto bem'
3. 'pato selvagem'	aremiatifo	aremiatifo	arumaxife = pato
4. 'chicha'	tjoro	iyoro	ijoro
5. 'como você vai?'	amama-niake	axe-makane	ama-makene
6. 'feijão'	karanahè	karanahè	karaina
7. 'levante!'	osemote	osemote	arumatu-ma
8. 'mel'	surè = abelha	surè = abelha	zeru
9. 'morcego'	ketari	kietara	kietara
10. 'pai'	iyoxa 'meu pai'	iyoxa 'meu pai'	tjoko
11. 'pedra'	tohori	tīri	tīri
12. 'tartaruga'	rerikeke	rerikeke	zerikiki
13. 'veado'	aktefo	anteko = jaguar	anteko = jaguar
14. 'venha'	atè	m-ate	m-ate

**Quadro 13: Comparação entre Otúke, Kovareka e Kuruminaka (Créqui-Montfort e Rivet (1912))**

Embora a quantidade de dados das línguas Kovareka e Kuruminaka seja muito pequena, é possível verificar que o pequeno léxico contempla as áreas: parentesco, fauna, elementos da natureza e verbos e que todos os itens correspondem, em forma e em significado, com os dados do Otúke.

Muito importantes são as correspondências lexicais entre o Otúke e o Kovareka das palavras para 'pai', 'mel', 'morcego', 'venha!' e 'pato selvagem', devido às similaridades fonéticas dessas palavras nas duas línguas, bem como da frase “como você vai?” Dessa forma, embora o número de dados seja extremamente limitado, os itens lexicais comparados não deixam dúvidas do relacionamento dessas línguas com a família Boróro.

#### 5.4. Mansur Guérios: O nexo linguístico Boróro- Merrime Caiapó (1939)

A análise apresentada por Mansur Guérios (1939) sobre as conexões entre o Boróro, o Merrime e o Caiapó é de alta relevância para o estabelecimento de relações genéticas entre o Boróro e outras línguas. Guérios (op. cit.) focaliza sua comparação no âmbito do léxico e a divide em duas partes: (i) primeiramente, faz uma análise comparação dos marcadores de pessoa, comparando 18 itens lexicais; (ii) em segundo lugar, faz comparações lexicais de termos gerais, comparando 71 itens lexicais.

Vejamos, abaixo, o quadro comparativo dos marcadores de pessoa, segundo Guérios (1939)<sup>22</sup>.

##### 5.4.1. Marcadores de pessoa

Boróro	Merrime
i ‘eu, me, de mim’	i ‘eu, me a mim’
a ‘tu’	á ‘tu’
ak, aki ‘tu’	ak.ú ‘ele, ela’
pagui ‘nós’	pago-na ‘nós’
tagui ‘vós’	etai ‘lhes, para eles, para elas; ita-iê ‘vós’
pa-gui ‘nós’	pa ‘eu’ (forma absoluta)
ta-gui ‘vós’	ta ‘tu’ (forma absoluta)
a-ki ‘tu’	gá, , ká ‘tu’
u, o ‘seu, sua, dele, dela’	ak-u, ku-u ‘ele, ela’
a-i, d3-i ‘para ele, ela, o, a, lhe, ele, ela’	hi ‘seu’ pronomes possessivos e adjetivos possessivos.
ino ‘meu, minha’	inho, inhõ, iõ ‘meu, minha’ C.: ino ‘meu, minha’
a-ko ‘teu, tua’	gõ ‘teu, tua’
pago ‘nosso, nossa’	paiõ ‘nosso, nossa’
ema ‘ele, ela’	C.: ama, amu, ta-mu-a ‘ele, ela’

<sup>22</sup> As abreviaturas utilizadas por Guérios são: B. para Boróro, M. para Merrime e C para Kayapó. Guérios não faz distinção entre o “Kayapó do Brasil central e as outras modalidades” (1939, p. 65).

eno ‘seu, sua’	C.: ano ‘seu, sua, teu, tua’
tchi.reu.da, rod-da, kurireu-da ‘são sufixos de feminino’	iera proveniente de re-ra ‘sufixo de feminino’. conferir: caiapó u-rê, uru-ö, u-ru-ê, ru-re: mut ‘sol’, mut-rure ‘lua’.

Quadro 14: Comparação dos marcadores de pessoa (Guérios, 1939).

Veja, abaixo, o quadro das comparações lexicais do Boróro com as línguas Merrime e Kayapó, Guérios (op. cit.).

#### 5.4.2. Comparações lexicais

Boróro	Merrime
méru, merú-o ‘caminha, andar, caçar’	perú (de m.beru), plü ‘caminho’ = caing. em.prü ‘caminho’
kabi ‘lavar’	kapo-n ‘limpar’ = caing. kupé, kupe-ia ‘lavar’
mareu, mireu ‘aí, ali, eis este, eis aqui, eis aí’	malai, mali, mulaí ‘lá’
karimi ‘voltar, regressar’	kramõ, krama-um ‘ir embora’
gorido ‘assar’	khore, -khoró ‘assar, cozinhar’
a-go, ma-ga, ma-go, ma-go-go ‘falar, dizer’	ga-ko-k, ga-ko-go, mai-ka-ko ‘falar, dizer’
akere ‘respirar, ofegar’	akiere ‘bocejar’, iy-akoro ‘respirar’, pu-kare ‘tossir, respirar’; caiapó kari ‘tossir’
ame-na ‘lagarto’	am(o)-ko ‘lagarto’
kamo ‘estaleiro para assar peixe’	hama-khoró ‘cozinhar’
kuamo ‘cachimbo’	kôá ‘cachimbo’
kudo ‘cume’	i.kaud (de i-kadu), i-kódi ‘alto’
kuie ‘flexa para peixe’	kuhê ‘arco’
e-kimo ‘viver ainda’	komo ‘viver’
e-rêdo ‘derramar’	ratsú, ratchú ‘derramar’
džiri ‘amargo’	tsuari -t ‘azedo’

i-to ‘meu dente’	ti-ua ‘dente’
itui-e ‘irmã mais velha’	itōi-n ‘irmã’
rakapo ‘ser cortante’	rrakep, hakép ‘cortar’
boorêu ‘barata’	i-poreu ‘barata’ = kraô i-poilê ‘barata’
ka-ga ‘gavião’	kê ‘gavião’, kul-kô ‘gavião vermelho’
kô ‘feder’	kutsod, ku-tchod ‘feder’
ôgu-a ‘lábio’	akó ‘lábio’
dzureu (de kyureu) ‘mandioca’	kôro ‘mandioca’; caiapó ‘kuêre ‘mandioca’
dzukoe (de kyukoe) ‘macaco’	kukôi, kuku-re ‘macaco’
nogui ‘unha’	nhukó_p ‘unha’ = c. nikó-p ‘unha’
korao ‘papagaio’	kure-ti ‘papagaio’
o-toeta ‘ascender’	togto ‘ascender’
remo ‘entrar’	romi, rumo-n ‘vir, transformar-se, virar’
touu-do ‘voar’ =	i-to-re ‘voar’ = c. to ‘voar’
bure, buri ‘pé’	pare, pari ‘pé’ = apinagê bare ‘pé’
me-do ‘homem’, plural i-me	mé, mê ‘gente’ = c. mê-o
kuddu, kúdu ‘farinha’	-tcho (de kyo) ‘farinha’ = akroá-mirim, kuüt ‘farinha’
mako, maku ‘dar’	mãgõ ‘dar’
tchoreu, tchereu ‘preto’	tu-kure. a forma boróro provém de kyoreu.
-gaddo ‘branco’	a-kad, akat(o) ‘branco’
a-huago, a-uago provavelmente de akkuago ‘cobra’	kago-n ‘cobra’

Quadro 15: Comparação entre Boróro e Merrime (Guérios, 1939)

### 5.4.3. Comparação das línguas Boróro – Kayapó

tu ‘estragar, arruinar’	tü ‘cair’
bi ‘morrer’	ku-bi ‘matar’
kare, kare-ga ‘não’	kuari-ke ‘não’ kati, ket op.cit.
ataro ‘espuma’	attörö ‘orvalho’
paga, pãgö ‘regato’	pak-reti ‘regato’
uh ‘sim’	u-ã ‘sim’ (dito pelas mulheres)
karo ‘peixe’	i-karö-rö ‘mandi’ (peixe)
parú ‘princípio, começo’	pru-ro ‘cedo’ (adv.) = caingangue prú-ru ‘frente’
pôro, póro ‘furo, buraco’	pori (em porijua) ‘buraco da orelha’
meare ‘folha de tabaco’	merô ‘cinza’
tchê ‘queimar’	tche-re ‘queimar’
riru ‘pau para acender fogo’	rörö ‘pau para acender fogo’
boé ‘selvagem, mundo, natureza’	boe-to ‘mato’ = c. boô, bô, bâte ‘mato, floresta’
itó-ri ‘perna’	ité, itê ‘perna’ = apinagê ite-i
mei-au, mi-au ‘mel’	me-d ‘mel’
ê-pe, pé ‘escremento’	pea-gôdo ‘crepitus ventris emittere’ = c. bai-pê ‘gases intestinais’.

Quadro 16: Comparação entre Boróro e Kayapó (Guérios 1939)

Guérios (1939) finaliza sua comparação linguística convicto de que bem poucas palavras das comparadas por ele serão abandonadas mediante contraprovas, em virtude dos elementos apresentados já serem provas suficientes da ‘conexão linguística’ dos dois grupos: Boróro e Jê.

Guérios (op. cit.) ainda ressalta que, embora os numerais não correspondam em ambas às línguas (Boróro *mito* ‘um’, *pobo* ‘dois’ e Merrime *putit*, *puti*, *büiti* ‘um’, *ibiaklüte*, *iakrüit* ‘dois’), pode acontecer como no grupo Indo-Europeu que “haja diversas representações materiais a servir de ponto de partida para a concepção abstrata de ‘um’” (K. Brugmann *apud* Guérios, 1939, p. 68).

## 5.5. Comparação de Rodrigues (1962, 2007): Boróro e Umutína

Os estudos comparativos envolvendo a língua Boróro foram ricamente ampliados com a comparação lexical entre o Boróro e o Umutína, elaborada por Rodrigues (1962), utilizando, para a língua Umutína, o *Vocabulário dos índios Umutína*, de Harald Schultz (1952) e a pedido deste, assim como os dados linguísticos para a língua Boróro contidos em *Os Boróros orientais*, de A. Colbacchini e C. Albisetti (1942).

Rodrigues (2007) rerepresenta a comparação das línguas Boróro e Umutína de 1962, mas acrescentando novos elementos linguísticos. Nesse estudo, considera cerca de “130 pares de palavras que se correspondem fonética e semanticamente e que são, portanto, mais provavelmente cognatas” (Rodrigues 2007, p. 10). As fontes de dados utilizados para comparação com o Boróro são: *Enciclopédia Boróro* (em 3 volumes, respectivamente, 1962, 1969 e 1976), a *Grammar of Bororo* (1979) e o *Pequeno Dicionário Boróro-português* (1997). Para os dados do Umutína, acrescenta-se a dissertação de mestrado da Stella Lima Pereira Lima (1995) e os dados coletados pelo etnólogo Max Schmidt (1928).

Os dados originais de Rodrigues (2007) foram organizados em campos semânticos. Nesta tese, esses dados foram todos agrupados em um único quadro<sup>23</sup>.

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
1.	‘água’, ‘rio’	po	po
2.	‘areia’	xoare (S xuarí)	kĩgarĩ
3.	‘campo’	boku (S boku)	boku
4.	‘céu’	baro-to (L baro-to)	baru
5.	‘cinza’	zorotu (S zorutu)	dzorugudo
6.	‘chuva’	bo-ino (L bwenɔ, s bu bo’ina)	
7.	‘fogo’	zoru (L zoru, S zoru)	dzori
8.	‘fumaça’	zorixixí (S zoritʃitʃi)	dzorididi
9.	‘lagoa’	urukwa	kuruga

<sup>23</sup> As legendas dessa tabela são: L, dados de Lima e S, dados de Schmidt.

10.	‘lua’	ari	ari
11.	‘mato’	ixula	itura
12.	‘pedra, morro’	tori (L tɔri, S ta’uri)	tori
13.	‘sol’	mini (L mejni, S meni ‘céu’)	meri
14.	‘terra’	moto (S muto)	moto
15.	‘asa’	ixuda	ikodo
16.	‘bico’	oto (S otoro)	oto
17.	‘boca’	o-zá, ɔza, ozá	ia
17a.	‘cabelos’	azo (S azu)	ao
18.	‘carne’	koty-ka (S katika)	kodi
19.	‘coração’	uapo (S oapu)	uabo
20.	‘costela’	jula-ka (zudaka)	džura
21.	‘coxa’	bopo-to	bopo-na
22.	‘escama’	boto-ka	boto
23.	‘excremento’	pe	pe
24.	‘fígado’	ua (L a, S a)	aka
25.	‘língua’	eru-kwa (L erukwa, S eru eruga)	eru
26.	‘mão’	u-jila (S aźida)	i-k-era ‘minha m.’, a- k-era ‘tua m.’, i-era ‘m. dele’
27.	‘orelha’	bia (L bja, S mbiá)	bia
28.	‘osso’	la-ká (S daka)	ra
29.	‘ovo’	ba (L ba, S mba)	ba
30.	‘pé’	bure (S ambure)	bire
31.	‘pele’	biri-ka (S birika)	biri
32.	‘rabo’	o (S o)	o
33.	‘rosto’	aze (‘teu r.’) (L ize ‘m. face),	ae ‘teu r.’, ie., ‘meu r.’
34.	‘saliva’	otoru-ta (S otoru)	otoguru
35.	‘sangue’	ko-kwa	ku
36.	‘unha da mão’	hino (L inɔ ‘m. unha’, S	ino-gi



---

		ina)	
37.	‘breu’	melaku, menaku	berago
38.	‘espiga’	ila-ka	ira
39.	‘flor’	iku (S iku)	ku, oki
40.	‘pau’	ipu	ipo
41.	‘semente’	a-ka (S aka)	a
42.	‘arco’	boika (S bo’ika)	boiga
43.	‘chocalho’	bapo (S bapu ‘porongo de baile’)	bapo
44.	‘chocalho de cascos/unhas de queixada’	muto-mbure	bito re
45.	‘corda’	boiku	bikigu
46.	‘cuia’	poka (L poka, S poka)	pogoga
47.	‘flecha’	to (S itfo)	tigo
48.	‘machado’	palo (L ipalo ‘meu m.’, S apádo)	paro
49.	‘pilão’	kayá-kopo (kazokupo)	kaia
50.	‘anta’	kui (S ko’i)	ki
51.	‘ariranha’	ipê-kozitabu (S ipe)	ipie
52.	‘bugiu’	pajio (payu)	pai
53.	‘caitetu’	joa (S zao	d3oi
54.	‘cão’	arikau (S harika’u)	arigao
55.	‘cutia’	mêa (S meã)	meã
56.	‘morcego’	kie (S kié)	ke
57.	‘onça parda’	aiku, aiko (L ajko, S a’iko)	aigo
58.	‘ouriço’	hibe (L hibe)	ive
59.	‘paca’	apu (S hapu)	apu
60.	‘tamanduá- mirim’	apo (S apo)	apu
61.	‘tatu-bola’	boto-mbure (s botori)	botowi ‘t. canastra’
62.	‘anhuma’	tami ‘a. preta’	tamigi ‘a. do mato’

---

62a.	‘arara verde’	hujfo	kuido
63.	‘arara vermelha’	a-lapore (S alapure)	nabure
64.	‘bem-te-vi’	boto-doze	butugu
65.	‘ema’	pãrí (L parwaza)	pari
66.	‘inambu’	diboto	riwodo
67.	‘macauã’	makau	makao
68.	‘martim- pescador’	katamã	kadomo
69.	‘periquito’	kixo (S kiso)	kido
70.	‘pomba’	umitu, mitu	metugo
71.	‘camaleão’	hiri-be, heribe	irui
72.	‘cobra’	ebaki (L ebaki, S embaki)	awagi
73.	‘jararacuçu’	etari	etari
74.	‘lagarto’	amena	amena
75.	‘sapo’	du, lu	ru
76.	‘sucuri’	jure (L zure, S jure)	dzure
77.	‘caracol’	ruvo (L luo)	ruwo
78.	‘jaú’	poru (S poru)	poru
79.	‘pacu’	pupu (S popo)	pobu
80.	‘peixe’	hare (L hare, S hare)	karo, pl. kare
81.	‘piaba-açu’	zatuku (S zatuku)	dzatugugo
82.	‘piraputanga’	alare-kore (L alorukore, S alarikore)	arari
83.	‘aranha’	bakayukore (L bakaigo bakajokore ‘a. pequena’)	
84.	‘mutuca’	o-tokuáre (S otokali)	togware
85.	‘algodão’	akia-mane ‘algodoeiro’, akio-pu ‘fio de a.’ (L hakeamani ‘algodão’, S hakia-mani)	akigu-ika ‘algodoeiro’
86.	‘árvore’	-i	i
87.	‘babaçu, coco	no (L nojfuka, S no	no

	de:’	‘aguasú’)	
88.	‘buriti, coco de:’	mano (S manazokua ‘buruti’)	mano
89.	‘cabaça’	poari	poari
90.	‘cajá’	zatuku,	džatugo
91.	‘jenipapeiro’	bei	bie-i
92.	‘jenipapo’	be (S be)	bie
93.	‘magaba’	bato-rukwa	bato
94.	‘piúva’	huri	iru ‘flor de piúva amarela’, iru-í ‘piúva amarela’
95.	‘siriva’	botodo-kwa ‘coco de s.’	batora ‘pupunha’
96.	‘taquara’	kata-pe	kado
97.	‘tucum, coco de’	bo, boyo ‘broto de t.’	boio ‘coco de t.’
98.	‘urucu’	nonokwa (L nolukwa)	nonogo
99.	‘cunhado’	inoto ‘meu c.’	i-n-odwi ‘meu c.’
100.	‘irmão mais velho’	a-mana (L amala, amana)	mana
101.	‘mãe’	mako (S imako)	miga
102.	‘amarelo’	iku	eki
103.	‘branco’	kikoto (L akikoto)	kigadu
104.	‘frio’	aketo (S bakieto, baketo)	aki, akodo
105.	‘mau’	pikí-na (L pikena ‘feio’, S pekina)	pega
106.	‘seco’	ki, kyi	ki
107.	‘acender fogo’	zorututo	džorito
108.	‘beber’	kutu (L ikutu ‘eu b.’, S kuta, akutu)	kudu
109.	‘caminhar’	a-menu (L i-minu ‘andar’)	meri
110.	‘comer’	ho (S iho ‘comamos!’)	ko
111.	‘cortar’	hato (hato ‘quebrar’)	kado
112.	‘deitado, estar’	pata	pado

113.	‘dormir’	-notu (L unuta, S unutu, unuta)	nudu
114.	‘falar’	matara	batari
115.	‘ferver’	bere	bere
116.	‘furar’	podoto (L poloto)	porodo
117.	‘medo’	pakixi	pagidi
118.	‘morrer’	bi-a (S bia)	bi, bi-to ‘matar’
119.	‘nadar’	oru-pu	kuru
120.	‘narrar’	alalotu	readodo
121.	‘sono’	u-nori	nori
122.	‘tossir’	koya-kore	kodza-ri
123.	‘eu’	imi (L imi, S imi)	imi
124.	‘tu’	ame, a- (S ami, a-)	a-
125.	‘dois’	popie (L pupi, pupe)	pobe
126.	‘furo’	podo	poro

Quadro 17: Comparação entre Boróro e Umutína (Rodrigues 1962, 2007)

### 5.5.1. Correspondências sonoras: vogais

Apresentamos, em seguida, as correspondências fonológicas identificadas por Rodrigues (1962, 2007) na comparação entre as duas línguas.

#### 5.5.1.1. U u = B u

	Glosa	Umutína	Boróro
3	‘campo’	boku (S boku)	boku
9	‘lagoa’	urukwa	kuruga
11	‘mato’	ixula	itura
20	‘costela’	jula-ka (zudaka)	džura
25	‘língua’	eru-kwa (L erukwa, S	eru

		eruga)	
39	‘flor’	iku (S iku)	ku, oki
45	‘corda’	boiku	bikigu
59	‘paca’	apu (S hapu)	apu
70	‘pomba’	umitu, mitu	metugo
75	‘sapo’	du, lu	ru
76	‘sucuri’	jure ( L zure, S jure)	dzure
77	‘caracol’	ruvo (L luo)	ruwo
78	‘jáú’	poru (S poru)	poru
79	‘pacu’	pupu (S popo)	pobu
81	‘piaba-açu’	zatuku (S zatuku)	dzatugugo
84	‘mutuca’	o-tokuáre (S otokali)	togware
90	‘cajá’	zatuku,	dzatugo
108	‘beber’	kutu (L ikutu ‘eu b.’, S kuta, akutu)	kudu
113	‘dormir’	-notu (L unuta, S unutu, unuta)	nudu
119	‘nadar’	oru-pu	kuru

### 5.5.1.2. $U i = B i$

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
10	‘lua’	ari	ari
12	‘pedra, morro’	tori (L tōri, S ta’urí)	tori
13	‘sol’	mini (L mejni, S meni ‘céu’)	meri
15	‘asa’	ixuda	ikodo
27	‘orelha’	bia (L bja, S mbiá)	bia
31	‘pele’	biri-ka (S birika)	biri
38	‘espiga’	ila-ka	ira
40	‘pau’	ipu	ipo
42	‘arco’	boika (S bo’ika)	boiga

45	‘corda’	boiku	bikigu
50	‘anta’	kui (S ko’i)	ki
51	‘ariranha’	ipe-kozitabu (S ipe)	ipie
54	‘cão’	arikau (S harika’u)	arigao
57	‘onça parda’	aiku, aiko (L ajko, S a’iko)	aigo
58	‘ouriço’	hibe (L hibe)	ive
62	‘anhuma’	tami ‘a. preta’	tamigi ‘a. do mato’
65	‘ema’	pãrí (L parwaza)	pari
66	‘inambu’	diboto	riwodo
69	‘periquito’	kixo (S kiso)	kido
71	‘camaleão’	hiri-be, heribe	irui
73	‘jararacuçu’	etari	etari
85	‘algodão’	akia-mane ‘algodoeiro’, akio- pu ‘fio de a.’ (L hakeamani ‘algodão’, S hakia-mani)	akigu-ika ‘algodoeiro’
86	‘árvore’	-i	i
89	‘cabaça’	poari	poari
99	‘cunhado’	inoto ‘meu c.’	i-n-odwi ‘meu c.’
103	‘branco’	kikoto (L akikoto)	kigadu
106	‘seco’	ki, kyi	ki
118	‘morrer’	bi-a (S bia)	bi, bi-to ‘matar’
121	‘sono’	u-nori	nori
123	‘eu’	imi (L imi, S imi)	imi

### 5.5.1.3. U *i,e* = B *í*

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
8	‘fumaça’	zorixixí (S zoritʃitʃi)	dʒorididi
72	‘cobra’	ebaki (L ebaki, S embaki)	awagi
114	‘falar’	matare	batari
117	‘medo’	pakixi	pagidi

#### 5.5.1.4. U u = B f

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
30	‘pé’	bure (S ambure)	bire
39?	‘flor’	iku (S iku)	ku, oki
44	‘chocalho cascos/unhas queixada’	de muto-mbure de	bito re
109	‘caminhar’	a-menu (L i-minu ‘andar’)	meri

#### 5.5.1.5. U e = B e

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
23	‘excremento’	pe	pe
25	‘língua’	eru-kwa (L erukwa, S eruga)	eru
30	‘pé’	bure (S ambure)	bire
33	‘rosto’	aže (‘teu r.’) (L ize ‘m. face),	ae ‘teu r.’, ie., ‘meu r.’
37	‘breu’	melaku, menaku	berago
51	‘ariranha’	ipê-kozitabu (S ipe)	ipie
56	‘morcego’	kie (S kié)	ke
58	‘ouriço’	hibe (L hibe)	ive
63	‘arara vermelha’	a-lapore (S alapure)	nabure
73	‘jararacuçu’	etari	etari
74	‘lagarto’	amena	amena
76	‘sucuri’	jure (L žure, S jure)	džure
80	‘peixe’	hare (L hare, S hare)	karo, pl. kare
84	‘mutuca’	o-tokuáre (S otokali)	togware
92	‘jenipapo’	be (S be)	bie
109	‘caminhar’	a-menu (L i-minu ‘andar’)	meri
115	‘ferver’	bere	bere
125	‘dois’	popie (L pupi, pupe)	pobe

5.5.1.6. U o = B o

	<b>Glosa</b>	<b>Umútina</b>	<b>Boróro</b>
1	água, rio	po	po
3	‘campo’	boku (S boku)	boku
7	‘fogo’	zoru (L zoru, S zoru)	d3ori
8	‘fumaça’	zorixixí (S zoritʃitʃi)	d3orididi
12	‘pedra, morro’	tori (L tɔri, S ta’uri)	tori
14	‘terra’	moto (S muto)	moto
16	‘bico’	oto (S otoro)	oto
18	‘carne’	koty-ka (S katika)	kodi
19	‘coração’	uapo (S oapu)	uabo
21	‘coxa’	bopo-to	bopo-na
22	‘escama’	boto-ka	boto
32	‘rabo’	o (S o)	o
34	‘saliva’	otoru-ta (S otoru)	otoguru
36	‘unha da mão’	hino (L inɔ ‘m. unha’, S ina)	ino-gi
42	‘arco’	boika (S bo’ika)	boiga
43	‘chocalho’	bapo (S bapu ‘porongo de baile’)	bapo
44	‘chocalho de cascos/unhas de queixada’	de muto-mbure de	bito re
46	‘cuia’	poka (L pɔka, S poka)	pogoga
48	‘machado’	palo (L ipalo ‘meu m.’, S apádo)	paro
53	‘caietu’	joa (S 3ao)	d3oi
60	‘tamanduá-mirim’	apo (S apo)	apu
61	‘tatu-bola’	boto-mbure (s botori)	botowi ‘t. canastra’
66	‘inambu’	diboto	riwodo
69	‘periquito’	kixo (S kiso)	kido
77	‘caracol’	ruvo (L luo)	ruwo



78	‘jáú’	poru (S poru)	poru
84	‘mutuca’	o-tokuáre (S otokali)	toguare
87	‘babaçu, coco de:’	no (L nojfuka, S no ‘aguasú’)	no
88	‘buriti, coco de:’	mano (S manazokua ‘buruti’)	mano
89	‘cabaça’	poari	poari
93	‘magaba’	bato-rukwa	bato
95	‘siriva’	botodo-kwa ‘coco de s.’	botora ‘pupunha’
97	‘tucum, coco de’	bo, boyo ‘broto de t.’	boio ‘coco de t.’
98	‘urucu’	nonokwa (L nolukwa)	nonogo
99	‘cunhado’	inoto ‘meu c.’	i-n-odwi ‘meu c.’
107	‘periquito’	kixo (S kiso)	kido
110	‘caracol’	ruvo (L luo)	ruwo
111	‘jáú’	poru (S poru)	poru
116	‘mutuca’	o-tokuáre (S otokali)	toguare
120	‘babaçu, coco de:’	no (L nojfuka, S no ‘aguasú’)	no
121	‘buriti, coco de:’	mano (S manazokua ‘buruti’)	mano
122	‘cabaça’	poari	poari
125	‘dois’	popie (L pupi, pupe)	pobe
126	‘furo’	podo	poro

#### 5.5.1.7. U o = B u

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
4	‘céu’	baro-to (L barɔ-to)	baru
5	‘cinza’	zorotu (S zorutu)	d3orugudo
6	‘chuva’	bo-ino (L bwenɔ, s bo’ina)	bu
35	‘sangue’	ko-kwa	ku

63	‘arara vermelha’	a-lapore (S alapure)	nabure
64	‘bem-te-vi’	boto-doze	butugu
103	‘branco’	kikoto (L akikoto)	kigadu
113	‘dormir’	-notu (L unuta, S unutu, unuta)	nudu
110	‘nadar’	oru-pu	kuru

#### 5.5.1.8. U a = B a

	<b>Glosa</b>	<b>Umutina</b>	<b>Bororo</b>
<b>2</b>	‘areia’	xoare (S xuarí)	kigari
<b>4</b>	‘céu’	baro-to (L baro-to)	baru
<b>9?</b>	‘lagoa’	urukwa	kuruga
<b>10</b>	‘lua’	ari	ari
<b>11</b>	‘mato’	ixula	itura
<b>17</b>	‘boca’	o-zá, oza, ozá	ia
<b>19</b>	‘coração’	uapo (S oapu)	uabo
<b>20</b>	‘costela’	jula-ka (zudaka)	džura
<b>24</b>	‘fígado’	ua (L a, S a)	aka
<b>26</b>	‘mão’	u-jila (S azida)	i-k-era ‘minha m.’, a-k-era ‘tua m.’, i-era ‘m. dele’
<b>27</b>	‘orelha’	bia (L bja, S mbiá)	bia
<b>28</b>	‘osso’	la-ká (S daka)	ra
<b>29</b>	‘ovo’	ba (L ba, S mba)	ba
<b>36</b>	‘unha da mão’	hino (L ino ‘m. unha’, S ina)	ino-gi
<b>38</b>	‘espiga’	ila-ka	ira
<b>41</b>	‘semente’	a-ka (S aka)	a
<b>42</b>	‘arco’	boika (S bo’ika)	boiga
<b>43</b>	‘chocalho’	bapo (S bapu ‘porongo de baile’)	bapo

48	‘machado’	palo (L ipalo ‘meu m.’, S apádo)	paro
49	‘pilão’	kayá-kopo (kazokupo)	kaia
52	‘bugiu’	pajio (payu)	pai
54	‘cão’	arikau (S harika’u)	arigao
55	‘cutia’	mêa (S meã)	meã
57	‘onça parda’	aiku, aiko (L ajko, S a’iko)	aigo
59	‘paca’	apu (S hapu)	apu
60	‘tamanduá-mirim’	apo (S apo)	apu
62	‘anhuma’	tami ‘a. preta’	tamigi ‘a. do mato’
63	‘arara vermelha’	a-lapore (S alapure)	nabure
65	‘ema’	pãrí (L parwaza)	pari
67	‘macauã’	makau	makao
68	‘martim-pescador’	katamã	kadomo
72	‘cobra’	ebaki (L ebaki, S embaki)	awagi
73	‘jararacuçu’	etari	etari
74	‘lagarto’	amena	amena
80	‘peixe’	hare (L hare, S hare)	karo, pl. kare
81	‘piaba-açu’	zatuku (S zatuku)	d3atugugo
82	‘piraputanga’	alare-kore (L alorukore, S alarikore)	arari
83	‘aranha’	bakayukore (L bakajokore ‘a. pequena’)	bakaigo
84	‘mutuca’	o-tokuáre (S otokali)	togware
85	‘algodão’	akia-mane ‘algodoeiro’, akio-pu ‘fio de a.’ (L hakeamani ‘algodão’, S hokia-mani)	akigu-ika ‘algodoeiro’
88	‘buriti, coco de:’	mano (S manazokua ‘buruti’)	mano
89	‘cabaça’	poari	poari
90	‘cajá’	zatuku,	d3atugo
93	‘mangaba’	bato-rukwa	bato

96	‘taquara’	kata-pe	kado
100	‘irmão mais velho’	a-mana (L amala, amana)	mana
104	‘frio’	aketo (S bakieta, baketo)	aki, akodo
111	‘taquara’	kata-pe	kado
112	‘irmão mais velho’	a-mana (L amala, amana)	mana
114	‘falar’	matare	batari
117	‘medo’	pakixi	pagidi
120	‘narrar’	alalotu	readodo
122	‘tossir’	koya-kore	kodza-ri
124	‘tu’	ame, a- (S ami, a-)	a-

Rodrigues (2007, p. 11) ressalta que o Umutína não tem vogal *i*, mas que em alguns casos responde com *i* (em um caso com *e*), sobretudo com consoantes alveolares, mas em outros casos responde com *u*, sobretudo com consoantes velares e labiais, ao *i* do Boróro.

### 5.5.2. Correspondências sonoras: consoantes

As consoantes labiais das duas línguas correspondem sistematicamente em itens que possuem forma e significado compartilhados (Rodrigues, 2007, p. 12).

#### 5.5.2.1. $U p = B p$

	Glosa	Umutína	Boróro
1	água, rio	po	po
21	bopo-na	‘coxa’	bopo-to
23	‘excremento’	pe	pe
40	‘pau’	ipu	ipo
43	‘chocalho’	bapo (S bapu ‘porongo de baile’)	bapo

46	‘cuia’	poka (L pɔka, S poka)	pogoga
48	‘machado’	palo (L ipalo ‘meu m.’, S apádo)	paro
51	‘ariranha’	ipe-kozitabu (S ipe)	ipie
52	‘bugiu’	pajio (payu)	pai
59	‘paca’	apu (S hapu)	apu
60	‘tamanduá-mirim’	apo (S apo)	apu
65	‘ema’	pãrí (L parwaza)	pari
78	‘jáú’	poru (S poru)	poru
79	‘pacu’	pupu (S popo)	pobu
89	‘cabaça’	poari	poari
105	‘mau’	pikí-na (L pikena ‘feio’, S pekina)	pega
112	‘deitado, estar’	pata	pado
116	‘furar’	podoto (L poloto)	porodo
117	‘medo’	Pakixi	pagidi
125	‘dois’	popie (L pupi, pupe)	pobe
126	‘furo’	podo	poro

### 5.5.2.2. U b = B b

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
3	‘campo’	boku (S boku)	boku
4	‘céu’	baro-to (L barɔ-to)	baru
6	‘chuva’	bo-ino (L bwenɔ, s bo’ina)	bu
21	‘coxa’	bopo-to	bopo-na
22	‘escama’	boto-ka	boto
27	‘orelha’	bia (L bja, S mbiá)	bia
29	‘ovo’	ba (L ba, S mba)	ba
30	‘pé’	bure (S ambure)	bire
31	‘pele’	biri-ka (S birika)	biri

42	‘arco’	boika (S bo’ika)	boiga
43	‘chocalho’	bapo (S bapu ‘porongo de baile’)	bapo
61	‘tatu-bola’	boto-mbure (s botori)	botowi ‘t. canastra’
64	‘bem-te-vi’	boto-doze	butugu
83	‘aranha’	bakayukore (L bakajokore ‘a. pequena’)	bakaigo
92	‘jenipapo’	be (S be)	bie
93	‘mangaba’	bato-rukwa	bato
95	‘siriva’	botodo-kwa ‘coco de s.’	botora ‘pupunha’

### 5.5.2.3. $U m = B m$

	<b>Glosa</b>	<b>Umutina</b>	<b>Bororo</b>
13	‘sol’	mini (L mejni, S meni ‘céu’)	meri
14	‘terra’	moto (S muto)	moto
55	‘cutia’	mêa (S meã)	meã
62	‘anhuma’	tami ‘a. preta’	tamigi ‘a. do mato’
67	‘macauã’	makau	makao
68	‘martim-pescador’	katamã	kadomo
70	‘pomba’	umitu, mitu	metugo
74	‘lagarto’	amena	amena
88	‘buriti, coco de:’	mano (S manazokua ‘buruti’)	mano
100	‘irmão mais velho’	a-mana (L amala, amana)	mana
101	‘mãe’	mako (S imako)	miga
109	‘caminhar’	a-menu (L i-minu ‘andar’)	meri
123	‘eu’	imi (L imi, S imi)	imi

Rodrigues (2007) ressalta três casos de **U m = B b**:

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
37	‘breu’	melaku, menaku	berago
44	‘chocalho de cascos/unhas de queixada’	muto-mbure	bïto re
114	‘falar’	Matare	batari

#### 5.5.2.4. **U t = B t**

De acordo com Rodrigues (2007, p. 12) “o Umutína não tem alveolares nem velares sonoras e as suas surdas correspondem tanto às surdas como às sonoras do Boróro”.

	<b>Glosa.</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
12	‘pedra, morro’	tori (L t̥ori, S ta’uri)	tori
14	‘terra’	moto (S muto)	moto
16	‘bico’	oto (S otoro)	oto
22	‘saliva’	otoru-ta (S otoru)	otoguru
34	‘chocalho de cascos/unhas de queixada’	muto-mbure	bïto re
44	‘flecha’	to (S it̥fo)	tigo
47	‘tatu-bola’	boto-mbure (s botori)	botowi ‘t. canastra’
61	‘anhuma’	tami ‘a. preta’	tamigi ‘a. do mato’
62	‘bem-te-vi’	boto-doze	butugu
64	‘pomba’	umitu, mitu	metugo
70	‘jararacuçu’	etari	etari
73	‘saliva’	otoru-ta (S otoru)	otoguru
81	‘piaba-açu’	zatuku (S zatuku)	d̥zatugugo
84	‘mutuca’	o-tokuáre (S otokali)	togware
90	‘cajá’	zatuku,	d̥zatugo

93	‘mangaba’	bato-rukwa	bato
95	‘siriva’	botodo-kwa ‘coco de s.’	bотора ‘pupunha’
107	‘acender fogo’	zorututo	d3orito
114	‘falar’	matare	batari

#### 5.5.2.5. $U t = B d$

	<b>Glosa</b>	<b>Umutina</b>	<b>Bororo</b>
5	‘cinza’	zorotu (S zorutu)	d3orugudo
18	‘carne’	koty-ka (S katika)	kodi
66	‘inambu’	diboto	riwodo
96	‘taquara’	kata-pe	kado
99	‘cunhado’	inoto ‘meu c.’	i-n-odwi ‘meu c.’
103	‘branco’	kikoto (L akikoto)	kigadu
104?	‘frio’	aketo (S bakieto, baketo)	aki, akodo
111	‘cortar’	hato (hato ‘quebrar’)	kado
112	‘deitado, estar’	pata	pado
113	‘dormir’	-notu (L unuta, S unutu, unuta)	nudu
116	‘furar’	podoto (L poloto)	porodo
120	‘narrar’	alalotu	readodo

#### 5.5.2.6. $U k = B k$

	<b>Glosa</b>	<b>Umutina</b>	<b>Bororo</b>
3	‘campo’	boku (S boku)	boku
18	‘carne’	koty-ka (S katika)	kodi
35	‘sangue’	ko-kwa	Ku
39	‘flor’	iku (S iku)	ku, oki
45	‘corda’	boiku	bikigu



49	‘pilão’	kayá-kopo (kazokupo)	kaia
50	‘anta’	kui (S ko’i)	ki
56	‘morcego’	kie (S kié)	ke
67	‘macauã’	makau	makao
68	‘martim-pescador’	katamã	kadomo
69	‘periquito’	kixo (S kiso)	kido
80	‘peixe’	hare (L hare, S hare)	karo, pl. kare
83	‘aranha’	bakayukore (L bakajokore ‘a. pequena’)	bakaigo
85	‘algodão’	akia-mane ‘algodoeiro’, akio-pu ‘fio de a.’ (L hakeamani ‘algodão’, S hokia-mani)	akigu-ika ‘algodoeiro’
96	‘taquara’	kata-pe	kado
102	‘amarelo’	iku	eki
103	‘branco’	kikoto (L akikoto)	kigadu
104	‘frio’	aketo (S bakieto, baketo)	aki, akodo
106	‘seco’	ki, kyi	ki
108	‘beber’	kutu (L ikutu ‘eu b.’, S kuta, akutu)	kudu
122	‘tossir’	koya-kore	kodza-ri

### 5.5.2.7. Uk = Bg

	<b>Glosa</b>	<b>Umutina</b>	<b>Bororo</b>
9?	‘lagoa’	urukwa	kuruga
37	‘breu’	melaku, menaku	berago
42	‘arco’	boika (S bo’ika)	boiga
46	‘cuia’	poka (L poka, S poka)	pogoga
54	‘cão’	arikau (S harika’u)	arigao
57	‘onça parda’	aiku, aiko (L ajko, S a’iko)	aigo
72	‘cobra’	ebaki (L ebaki, S embaki)	awagi

81	‘piaba-açu’	zatuku (S zatuku)	d3atugugo
83?	‘aranha’	bakayukore (L bakajokore ‘a. pequena’)	bakaigo
84	‘mutuca’	o-tokuáre (S otokali)	toguare
90	‘cajá’	zatuku,	d3atugo
98?	‘urucu’	nonokwa (L nolukwa)	nonogo
101	‘mãe’	mako (S imako)	miga
103	‘branco’	kikoto (L akikoto)	kigadu
105	‘mau’	pikí-na (L pikena ‘feio’, S pekina)	pega
117	‘medo’	pakixi	pagidi

Rodrigues (2007) mostra que em Umutína após *i* tem-se a fricativa *f* em vez de *t* e de *d*.

#### 5.5.2.8. U*f*=B*t*

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
11	‘mato’	ixula	itura

#### 5.5.2.9. U*f*=B*d*

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
8	‘fumaça’	zorixixí (S zoritʃitʃi)	d3orididi
62a	‘arara verde’	hujfo	kuido
69	‘periquito’	kixo (S kiso)	kido
117	‘medo’	pakixi	pagidi

Rodrigues (2207) resalta a existência de velares surdas em Boróro que em posição inicial correspondem a  $\emptyset$ . De acordo com ele “nesses casos, as vogais que nessa língua teriam ficado contíguas podem aparecer fundidas em uma só” (2007, p. 13).

#### 5.5.2.10. U $\emptyset$ , h-, x- = B g

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
2	‘areia’	xoare (S xuarí)	kigari
5	‘cinza’	zorotu (S zorutu)	d3orugudo
45	‘corda’	boiku	bikigu
47	‘flecha’	to (S itʃo)	tigo
60	‘tamanduá-mirim’	apo (S apo)	apu
62	‘anhuma’	tami ‘a. preta’	tamigi ‘a. do mato’
64	‘bem-te-vi’	boto-doze	butugu
81	‘piaba-açu’	zatuku (S zatuku)	d3atugugo
85?	‘algodão’	akia-mane ‘algodoeiro’, akio- pu ‘fio de a.’ (L hakeamani ‘algodão’, S hakeamani)	akigu-ika ‘algodoeiro’

#### 5.5.2.11. U h, $\emptyset$ = B k

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
9	‘lagoa’	urukwa	kuruga
24	‘fígado’	ua (L a, S a)	aka
62a	‘arara verde’	hujfo	kuido
110	‘comer’	ho (S iho ‘comamos!’)	ko
111	‘cortar’	hato (hato ‘quebrar’)	kado

Rodrigues mostra que à consoante alveopalatal sonora do Boróro correspondem em Umutína (i) a fricativa alveolar sonora *z*, diante de vogais não anteriores, (ii) a fricativa alveopalatal sonora *ʒ* e (iii) a aproximante palatal *j*.

#### 5.5.2.12. U *z* = B *dʒ*

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
5	‘cinza’	zorotu (S zorutu)	dʒorugudo
7	‘fogo’	zoru (L zoru, S zoru)	dʒori
8	‘fumaça’	zorixixí (S zoritʃitʃi)	dʒorididi
33	‘rosto’	aze (‘teu r.’) (L ize ‘m. face),	ae ‘teu r.’, ie., ‘meu r.’
81	‘piaba-açu’	zatuku (S zatuku)	dʒatugugo
90	‘cajá’	zatuku,	dʒatugo
107	‘acender fogo’	zorututo	dʒorito

#### 5.5.2.13. U *ʒ* = B *dʒ*

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
53	‘caitetu’	joa (S ʒao	dʒoi
76	‘sucuri’	jure ( L ʒure, S jure)	dʒure

#### 5.5.2.14. U *j* = B *dʒ*

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
122	‘tossir’	koya-kore	kodʒa-ri

5.5.2.15. U z = B Ø

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
17?	‘boca’	o-zá, ɔza, ozá	ia
17 <sup>a</sup>	‘cabelos’	azo (S azu)	ao
33	‘rosto’	aze (‘teu r.’) (L ize ‘m. face),	ae ‘teu r.’, ie., ‘meu r.’

5.5.2.16. U r = B r

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
2	‘areia’	xoare (S xuarí)	kigari
4	‘céu’	baro-to (L barɔ-to)	baru
5	‘cinza’	zorotu (S zorutu)	d3orugudo
7	‘fogo’	zoru (L zoru, S zoru)	d3ori
8	‘fumaça’	zorixixí (S zoritʃitʃi)	d3orididi
9	‘lagoa’	urukwa	kuruga
10	‘lua’	ari	ari
12	‘pedra, morro’	tori (L tɔri, S ta’urí)	tori
15	‘asa’	ixuda	ikodo
30	‘pé’	bure (S ambure)	bire
31	‘pele’	biri-ka (S birika)	biri
34	‘saliva’	otoru-ta (S otoru)	otoguru
54	‘cão’	arikau (S harika’u)	arigao
63	‘arara vermelha’	a-lapore (S alapure)	nabure
65	‘ema’	pãrí (L parwaza)	pari
71	‘camaleão’	hiri-be, heribe	irui
73	‘jararacuçu’	etari	etari
76	‘sucuri’	jure (L ʒure, S jure)	d3ure
77	‘caracol’	ruvo (L luo)	ruwo
78	‘jaú’	poru (S poru)	poru
80	‘peixe’	hare (L hare, S hare)	karo, pl. kare

84	‘mutuca’	o-tokuáre (S otokali)	togware
89	‘cabaça’	poari	poari
94	‘piúva’	huri	iru ‘flor de piúva amarela’, iru-í ‘piúva amarela’
107	‘acender fogo’	zorututo	dzorito
114	‘falar’	matare	batari
115	‘ferver’	bere	bere
121	‘sono’	u-nori	nori
122	‘tossir’	koya-kore	kodza-ri

#### 5.5.2.17. U l = B r

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
11	‘mato’	ixula	itura
20	‘costela’	jula-ka (zudaka)	džura
26	‘mão’	u-jila (S azida)	i-k-era ‘minha m.’, a-k- era ‘tua m.’, i-era ‘m. dele’
28	‘osso’	la-ká (S daka)	ra
37	‘breu’	melaku, menaku	berago
38	‘espiga’	ila-ka	ira
48	‘machado’	palo (L ipalo ‘meu m.’, S apádo)	paro
75	‘sapo’	du, lu	Ru
82	‘piraputanga’	alare-kore (L alorukore, S alarikore)	arari
120	‘narrar’	alalotu	readodo

Rodrigues (2007) afirma que o Umutína tem uma consoante lateral alveolar e um *flap* não lateral, ambos correspondem ao *flap* do Boróro.

## **5.6. Sândalo e Nonato “Uma comparação gramatical, fonológica e lexical entre as famílias Guaikurú, Mataco e Boróro: um caso de difusão areal?”.**

Sândalo e Nonato (2007) levantam a hipótese de uma possível relação genética do Boróro com as famílias Guaikurú e Mataco. Contudo, ao mesmo tempo, levantam a possibilidade de que as semelhanças que eles sugerem entre esses agrupamentos sejam oriundas de difusão areal. A análise proposta por esses autores parte da comparação de 350 itens entre Guaikurú e Mataco e 138 itens entre Guaikurú e Boróro, acrescida de uma comparação do que eles interpretam como sendo manifestações de morfemas relacionais em Guaikurú e Boróro e de uma comparação do uso de mecanismos de ar glotal na implementação de plosivas desvozeadas em Kadiwéu (Guaikurú) e em Boróro. Entretanto, Sândalo e Nonato (2007) concluem que Boróro e Kadiwéu não estão relacionados geneticamente e que as semelhanças lexicais identificadas por eles resultam de difusão areal. Por outro lado, levam a supor que ainda há chances de relacionar essas duas famílias geneticamente quando observam:

a presença do relacional na família Guaikurú, em conjunção com as evidências que viemos apresentar, de que o relacional em Bororo e nas línguas da família Guaikurú pode ter uma origem comum, aponta a necessidade de mais estudos areais e histórico-comparativos na região do Chaco (Sândalo e Nonato, 2007, p.105)

Dessa forma, Sândalo e Nonato (2007) concluem que os dados apresentados não são suficientes para relacionar geneticamente o Boróro com o Kadiwéu, apenas trata-se, segundo os autores, de difusão areal que pode ser melhor estudada a partir da análise dos prefixos relacionais das duas línguas.

## **5.7. Algumas considerações gerais**

Neste capítulo, retomamos as comparações já realizadas para aproximar as línguas Boróro e Otúke, por Créqui-Montfort e Rivet (1913), as línguas Otúke, Kovareka e kuruminaka, por Créqui-Montfort e Rivet (1912), as línguas Boróro e Merrime Caiapó, por Guérios (1939), e as línguas Boróro e Umutína, por Rodrigues (1962, 2007). Com esta retomada, o nosso propósito foi de colocar em relevo a

importância de uma comparação das línguas Boróro, Umutína, Otúke, Kovareka e Kuruminaka de forma a substanciar uma hipótese de uma família Boróro com cinco membros. Incluímos neste capítulo uma breve referência à comparação realizada por Sândalo e Nonato (2007), em que levantam a hipótese de uma possível relação genética do Boróro com as famílias Guaikurú e Mataco; os autores não chegam a nenhuma conclusão sobre o parentesco genético dessas línguas, apenas exploram a possibilidade das semelhanças serem fruto de difusão areal.



## **CAPÍTULO VI**

### **REVISANDO AS ANÁLISES HISTÓRICO-COMPARATIVAS DAS RELAÇÕES GENÉTICAS ENTRE BORÓRO E OTÚKE E BORÓRO E Umutína**

#### **6. Introdução**

Neste capítulo, apresentamos nossa contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre as conexões genéticas entre Boróro, Otúke e Umutína. Na seção 6.1, apresentamos uma comparação lexical das línguas Boróro e Otúke. A ideia é ampliar o número de correspondências entre as duas línguas e destacar os diferentes tipos de mudanças sonoras ocorridas em Boróro e Otúke, depois de que se diferenciaram em línguas distintas. Em seguida, na seção 6.2, discutimos as correspondências sonoras entre as línguas Boróro e Otúke. Adiante, na seção 6.3, apresentamos contribuições à análise de Rodrigues que fundamentam as relações genéticas entre as línguas Boróro e Umutína, discutindo as correspondências sonoras entre essas línguas. Após, na seção 6.4, apresentamos informações sobre os traços conservadores entre as três línguas. Por fim, na seção 6.5, apresentamos algumas considerações gerais do capítulo.

#### **6.1. Comparação entre as línguas Boróro e Otúke**

Conforme já ressaltado no capítulo V, a comparação inicial das línguas Boróro e Otúke deve-se a Créqui Montford e Rivet (1912, 1913). Nesta seção, apresentamos mais correspondências fonéticas regulares observadas com base nos dados do vocabulário disponível em Créqui Montford e Rivet (1912, 1913), os quais não foram destacados por esses autores. Infelizmente não foi possível consultar os dados originais da língua Otúke coletados pelo viajante francês Alcide D'Obigny (1831), cujos manuscritos se encontram conservados na Biblioteca Nacional de Paris.

Nos quadros seguintes, apresentamos o ambiente da correspondência na primeira coluna, a glosa na segunda coluna, os dados do Boróro na terceira coluna e os dados do Otúke na quarta coluna.

### 6.1.1. Correspondências sonoras: segmentos consonantais

#### 6.1.1.1. Bo *k*: Ot *k*

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
#_	‘anta’	ki	kuhui
	‘beber’	kudu, ku ‘bebida’ (A)	a-ko – beba! (KO), a-kututo= beba (KU)
	‘morcego’	ke (A)	ketari
	‘periquito’	kida ‘p. menor’; kido ‘p. vassourinha’ (O);	kitio
V_V	‘sangue’	ki	kuhui
	‘algodão’	akigu (O, A)	akihu-mari
	‘banana’	bako (O)	aku
	‘capivara’	akiwa (O)	okivia
	‘pescoço’	i-ko (A)	i-kio ‘meu pescoço’

#### 6.1.1.2. Bo $\emptyset$ : Ot *k*

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_T	‘argila’	rotu (O, A)	roktu
	‘terra’	moto (O)	moktuhu

#### 6.1.1.3. Bo *k*: Ot *h*

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
(V)_V	‘flor’	ku, kwo (A)	rikihu
#_	‘peixe’	karo (A)	aharo

#### 6.1.1.4. Bo kw, k: Ot hw

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_V	‘tatu’	okwaru (A)	o-hwaru
	‘rato, gambá’	enokuri ‘tatu cascudo’ (A)	enohwari

#### 6.1.1.5. Bo b/w : Ot hw<sup>24</sup>

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
#_	‘céu’	baru (A)	hwaru

#### 6.1.1.6. Bo g : Ot hw

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_V	‘flecha’	tegu (O, A)	tehwa

#### 6.1.1.7. Bo g : Ot kw

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_V	‘chifre’	kiga (O)	u-kikwa

#### 6.1.1.8. Bo g : Ot h

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_V	‘algodão’	akigu (O, A)	akihu-mari
	‘flecha’	tegu (O, A)	tehwa
	‘tamanduá- mirim’	apogo (O)	apohe, apoha = esquilo

<sup>24</sup> Devido à escassez de dados da língua Otúke, optamos por registrar todos os casos de possíveis correspondências sonoras.

‘pênis’	i-waga	i-viaha ‘meu pênis’
---------	--------	---------------------

#### 6.1.1.9. *Bo t : Ot t*

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
#_	‘pato’	turubare (O)	turupare
V_V	‘meu dente’	i-to	i-tio
	‘floresta’	itura (A)	Itura

#### 6.1.1.10. *Bo d : Ot t*

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_V	dormir[CM]	nudu (O)	a-nutake
	periquito [CM]	kida ‘p. menor’;	kitio ‘p. vassourinha’ (O);

#### 6.1.1.11. *Bo t : Ot h*

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_V	‘bico’	oto (O)	aho

#### 6.1.1.12. *Bo dʒ: Ot tʃ*

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_V	‘mandioca’	dʒu, dʒurew	tʃuhu
	‘face’	dʒe (face dela)	i-tʃe ‘minha face’
	‘costas’	dʒura, i-wra, ‘minhas	i-tʃura ‘minhas costas’

---

costelas' (O)

---

**6.1.1.13. Bo tʃ: Ot s**

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_V	'mosquito'	batʃe 'pernilongo' (O)	mase

**6.1.1.14. Bo m: Ot m**

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_V	'lagarto'	amema (O)	mamasane
#_	'terra'	moto (O)	moktuhu

**6.1.1.15. Bo n: Ot n**

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
#_	'dormir'	nodu	a-nutake
V_V	'rato'	enokuri	enohuari

**6.1.1.16. Bo m: Ot n**

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
#_	'caminhe'	meru= 'caminhar',	a-nerutà 'caminhe você'
	'cutia'	mea (A)	neda
	'dia'	meri (O)	neritʃoki
	'ferro'	meriri (O, A)	neheri

### 6.1.1.17. Bo r : Ot r

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
#_	‘argila’	rotu (O, A)	roktu
	‘caranguejo’	ruka (A)	rusa
	‘lobo’	rie ‘lobo guará’ (O)	réhè
V_V	‘lua’	ari (A)	ari
	‘peixe surubim’	orari ‘peixe pintado’ (O)	orohuari

### 6.1.2. Correspondências sonoras: segmentos vocálicos

A seguir, apresentamos as correspondências vocálicas entre as línguas Boróro e Otúke.

#### 6.1.2.1. Bo a : Ot a

Glosa	Boróro	Otúke
‘banana’	‘baku’	‘ako’
‘bico’	‘ato’	‘aho’
‘braço’	kera	keara
‘capivara’	akiwa (O)	okivia
‘caranguejo’	ruka (O)	rusa
‘chifre’	kiga (O)	u-kikwa
‘costas’	dʒura, i-wra, ‘minhas costelas’ (O)	i-tʃura ‘minhas costas’
‘floresta’	itura (A)	itura
‘folha’	raru, aru (O)	rari
‘lua’	ari (A)	ari
‘mosquito’	batʃe ‘pernilongo’ (O)	mase
‘peixe’	kare	aharo
‘raposa’	okwa (A)	oka
‘serpente’	awago (A)	ahwako = cascavel

### 6.1.2.2. Bo e : Ot e

Glosa	Boróro	Otúke
‘braço’	kerá	keara
‘caminhe’	meru= ‘caminhar’, ‘caminho’ (O, A)	a-nerutà ‘caminhe você’
‘cutia’	mea (A)	neda
‘dançar’	reru (O);	arereta
‘dia’	meri (O)	neritʃoki
‘face’	dʒe (face dela)	itʃe
‘flecha’	tegu (O, A)	tehwa
‘morcego’	ke (A)	ketari
‘mosquito’	batʃe ‘pernilongo’ (O)	mase
‘pato’	turubare (O)	turupare
‘rato, gambá’	enokuri ‘tatu cascudo’ (A)	enohwari
‘sol’	meri	neri

### 6.1.2.3. Bo i : Ot i

Glosa	Boróro	Otúke
‘algodão’	akigu (O, A)	akihu-mari
‘avestruz’	pari (O)	hahari
‘capivara’	akiwa (O)	okivia
‘chifre’	kiga (O)	u-kikwa
‘ferro’	meriri (O, A)	neheri
‘floresta’	itura (A)	itura
‘lua’	ari (A)	ari
‘pedra’	tori (A) tiri (KO)	tohori
‘pele’	biri, i-wiri	i-rivi
‘sol’	meri	neri

#### 6.1.2.4. Bo o : Ot o

Glosa	Boróro	Otúke
‘argila’	rotu (O, A)	roktu
‘bico’	oto (O)	aho
‘cunhado’	i-nodou (CA),	i-ɲoto ‘meiu cunhado’
‘nariz’	eno, i-keno	i-feno ‘meu nariz’
‘onça’	adugo, aigo (onça parda) (A)	aktefo = veado anteko (KO),
‘pescoço’	ko, i-ko (A)	i-kio ‘meu pescoço’
‘raposa’	okwa (A)	oka
‘rato, gambá’	enokuri ‘tatu cascudo’ (A)	enohwari
‘serpente’	awago (A)	ahwako = cascavel
‘tamanduá-mirim’	apogo (O)	apohe, apoha = esquilo
‘terra’	moto (O)	moktuhu
‘umbigo’	kunabo; i-kunabo (O)	i-fenapo ‘meu umbigo’

#### 6.1.2.5. Bo u : Ot u

Glosa	Boróro	Otúke
‘algodão’	akigu (O, A)	akihu-mari
‘argila’	rotu (O, A)	roktu
‘caminhe’	meru= ‘caminhar’, ‘caminho’ (O, A)	a-nerutà ‘caminhe você’
‘caranguejo’	ruka (O)	rusa
‘céu’	baru (A)	hwaru
‘costas’	džura, i-wra, ‘minhas costelas’ (O)	i-tfura ‘minhas costas’
‘dormir’	nudu (O); nududu ‘f. dormir’	a-nutake
‘floresta’	itura (A)	itura
‘fogo’	eru, oru, ru, rugadu (A); džoru (O)	reru
‘intestino’	peguru (A)	i-feuuru ‘meu intestino’
mandioca	džu, džurew	tjuhu
‘mosca’	eru, oru, ru, rugadu (A); džoru (O)	reru
‘tatu’	okwaru, waru, bokodori (t. bola), rea (t. canastra) (O)	ohwaru
‘vento’	akuru, bakuru (O)	wauru



### 6.1.2.6. Bo o : Ot u

Glosa	Boróro	Otúke
‘banana’	bako (O)	aku
‘terra’	moto (O)	moktuhu

### 6.1.2.7. Bo a: Ot o

Glosa	Boróro	Otúke
periquito [CM]	kida ‘p. menor’; kido ‘p. vassourinha’ (O);	kitio
‘ouvido’	biadzã	bioza (canal do ouvido)
‘capivara’	akiwa (O)	okiwia

## 6.2. Uma discussão sobre as correspondências sonoras entre as línguas Boróro e Otúke

Com base nos dados comparados, observamos que a língua Boróro, exceto pela sonorização de parte de seus sons obstruintes, é mais conservadora que o Otúke quanto aos reflexos do Proto-Boróro *\*p*, *\*t* e *\*k* intervocálicos (cf. sobre o Proto-Boróro no Capítulo VII).

Glosa	Boróro	Otúke
costas	<b>d</b> zura, i-wra, ‘minhas costelas’ (O)	i-tʃura ‘minhas costas’
face	e, <b>d</b> ʒe (face dela)	i-tʃe ‘minha face’
cunhado	i-nodou (CA)	i-poto ‘meu cunhado’
periquito	kida ‘p. menor’; kido ‘p. vassourinha’ (O);	kitio
serpente	awago (A)	ahwako
umbigo	kunabo; i-kunabo (O)	i-fenapo ‘meu umbigo’

O Otúke inovou quanto à palatalização dos reflexos do Proto-Boróro *\*t*, *\*k* e *\*w* precedidos dos reflexos do Proto-Boróro *\*i* (cf. sobre o Proto-Boróro no Capítulo VII).

Glosa	Boróro	Otúke
‘pescoço	ko, i-ko (A)	i-kio ‘meu pescoço’
‘dente’	i-to	i-tio ‘meu dente’
‘nariz’	eno, i-keno	i-ʃeno ‘meu nariz’
‘sangue’	ku; i-ko; kogua, (A)	i-kioka ‘meu sangue’
‘umbigo’	kunabo; i-kunabo (O)	i-ʃenapo ‘meu umbigo’
‘capivara’	akiwa (O)	okiwia
‘periquito’	kida ‘p. menor’;	kitio

O Otúke também inovou ao desoclusivizar *kw* para *hw*:

**Bo *kw*: Ot *hw***

Ambiente	Glosa	Boróro	Otúke
V_V	‘tatu’	okwaru (A)	o-hwaru

**6.2.1. Queda da consoante velar**

Foi observada, em dois dados, a correspondência Bo  $\emptyset$ , Ot *k*. Aparentemente, trata-se de queda da consoante oclusiva velar na língua Boróro quando seguida pela consoante *t*. Entretanto, há indicações de que a presença de *k* precedendo *t* em Otúke seja uma retenção de uma sílaba *kV* que ter-se-ia reduzido a *k*, criando um encontro consonantal em fronteira silábica. No Boróro, o *k* teria caído e as duas vogais se fundido. Como veremos adiante, há um caso em que houve sonorização de *k* em *g* em Boróro, mantendo-se os reflexos de uma sílaba CV, como em *baragadu* ‘borboleta’, em Boróro, enquanto em Otúke, o *k* original teria caído resultando em *balatú(tú)* ‘borboleta’.

<b>Ambiente</b>	<b>Glosa</b>	<b>Boróro</b>	<b>Otúke</b>
V_V	‘argila’	rotu (O, A)	roktu
	‘terra’	moto (O)	moktuhu

As correspondências sonoras observadas até aqui mostram que as mudanças ocorridas no Otúke foram mais significativas que as ocorridas no Boróro. A principal mudança ocorrida nessa língua foi a sonorização de obstruintes, tanto em sílabas átonas quanto em sílabas tônicas:

### Obstruintes surdas > sonoras

<b>Glosa</b>	<b>Otúke</b>	<b>Boróro</b>
‘costas’	i-tʃura ‘minhas costas’	<b>dʒura</b> , i-wra, ‘minhas costelas’ (O)
‘face’	i-tʃe ‘minha face’	e, <b>dʒe</b> (face dela)
‘cunhado’	i-poto ‘meu cunhado’	i-nodou (CA)
‘periquito’	kitio	<b>kida</b> ‘p. menor’; kido ‘p. vassourinha’ (O);
‘serpente’	ahwako	awago (A)
‘umbigo’	i-fenapo ‘meu umbigo’	kunabo; i-kunabo (O)

### 6.3. Contribuições às análises propostas por Rodrigues (1962, 2007)

Como contribuição à comparação do Boróro com o Umutína proposta por Rodrigues (1962, 2007), buscamos apontar mais correspondências sonoras entre essas línguas com base nos vocabulários da língua Umutína, por Schultz (1943) e por Lima (1995), ampliando também a quantidade de dados linguísticos que fundamentam a hipótese de relações genéticas entre essas línguas. Nesse levantamento, acrescentamos ao conjunto de prováveis cognatos já apresentados por Rodrigues (1962, 2007), 35 itens lexicais de campos semânticos diversos.

	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
1.	‘arco-íris’	zure’na	dzure
2.	‘anzol’	hakíbulo	buodo
3.	‘aranha mosca’	pega- bákayukore’	bakaigo (caranguejeira)
4.	‘arraia’	menu	meru
5.	‘atacar’	are(po)	are(do), taredo
6.	‘avarento’ (não gosta de dar)	huari	dzetori
7.	‘babaçu’	noi	noido
8.	‘coco de babaçu’	no	no
9.	‘bagre’	zaruto	dzarudo
10.	‘barra’ (na desembocadura)	pare	paru
11.	‘barrigudo’	uki	ku, kori
12.	‘bosta’	p̄fe	pe
13.	‘borboleta’	balatútú	baragado
14.	‘bugiu’	pazio	pai
15.	‘buraco’	bo-za	boa, boeiga
16.	‘cadáver’	bi	bireu
17.	‘calor’	baru	eru, uru
18.	‘doer’	ori	kori
19.	‘espinho’	boi	boto, oto
20.	‘estômago’	hu	kuri
21.	‘fechar’	momi	mi
22.	‘gema de ovo’	baoza	ba ekurew
23.	‘jaó’ (pássaro)	huo	kuo
24.	‘jaú’ (peixe)	poru	poru
25.	‘jararacuçu’	etari	etari
26.	‘lambari’	tipori	tubore
27.	‘mutuca’	otokuare	togware (togare)
28.	‘nádegas’	i-p̄oia	pó
29.	‘nascer’	o’ rebuta	butu (_de mamíferos),

			botu ( _ de vegetais, _de sol)
30.	‘vagina’	o’mo	omogo
31.	‘ouvido’	bioza (canal do ouvido)	biad3a
32.	‘penugem’	bo	bo
33.	‘pente’	potika	puduga
34.	‘rede de pescar’	buke	buke
35.	‘ânus’	peraporo ped3a, íwo (a)	aperaza

Quadro 18: Prováveis cognatos entre Umutína e Boróro

### 6.3.1. Correspondências sonoras identificadas por Rodrigues (1962, 2007)

As correspondências sonoras entre as línguas Boróro e Umutína identificadas por Rodrigues foram resumidamente organizadas no quadro abaixo:

Bo <i>p</i> : Um <i>p</i>	Bo <i>d3</i> : Um <i>3</i>
Bo <i>b</i> : Um <i>b</i>	Bo <i>d3</i> : Um <i>j</i>
Bo <i>t</i> : Um <i>t</i>	Bo <i>d3</i> : Um <i>z</i>
Bo <i>d</i> : Um <i>f</i>	Bo $\emptyset$ : Um <i>z</i>
Bo <i>k</i> : Um <i>k</i>	Bo <i>m</i> : Um <i>m</i>
Bo <i>k</i> : Um $\emptyset$	Bo <i>r</i> : Um <i>r</i>
Bo <i>g</i> : Um $\emptyset$ , h-, x-	Bo <i>r</i> : Um <i>l</i>
Bo <i>g</i> : Um <i>k</i>	Bo <i>t</i> : Um <i>ʃ</i>

Quadro 19 : Resumo das correspondências entre Boróro e Umutína identificadas por Rodrigues (1962, 2007)

A seguir, apresentamos mais dados linguísticos, como já dito anteriormente, com o objetivo de fundamentar, ainda mais, a proposta de Rodrigues (1962, 2007) de relacionamento genético entre as línguas Boróro e Umutína.

### 6.3.1.1. Um *p* : Bo *p*

Rodrigues (1962, 2007) já havia mostrado esta correspondência ilustrada por vinte e um dados. Acrescentamos àqueles, mais seis dados.

Ambiente	Glosa	Umutína	Boróro
#_	‘barra’ (na desembocadura)	pare	paru
	‘ânus’	peraporo pedza, íwo (A)	aperaza
	‘bosta’	pθe	pe
	‘bugiu’	pazío	pai
	‘jaú’ (peixe)	poru	poru
	‘nádegas’	i-pθoia	po

### 6.3.1.2. Um *b* : Bo *b*

Rodrigues (1962, 2007) já havia identificado dezessete dados. Acrescentamos mais dois.

Ambiente	Glosa	Umutína	Boróro
#_	‘cadáver’	bi	bireu
	‘borboleta’	balatútú	baragado

No dado para ‘borboleta’, *balatutu*, na língua Umutína, verifica-se que, possivelmente, havia um *k* que foi para  $\emptyset$  e, em seguida, houve uma reduplicação da última sílaba, *tu*, que se sonorizou em Boróro (cf. seção 6.2.1).

### 6.3.1.3. Um t : Bo t

Rodrigues (1962, 2007) já havia identificado dezenove correspondências. Acrescentamos mais quatro dados.

Ambiente	Glosa	Umutína	Boróro
#_	‘lambari’	tipori	tubore
V_V	‘jararacuçu’	etari	etari
	‘mutuca’	otokuare	togware (togare)
	‘nascer’	o’ rebuta	butu (_de mamíferos), botu (_ de vegetais, _de sol)

### 6.3.1.4. Um k: Bo k

Rodrigues (1962, 2007) já havia identificado vinte e um dados. Acrescentamos mais três.

Ambiente	Glosa	Umutína	Boróro
#_	‘barrigudo’	uki	ku, kori
V_V	‘aranha pega-mosca’	bákayukore’	bakaigo (caranguejeira)
	‘rede de pescar’	buke	buke

### 6.3.1.5. Um k : Bo g

Rodrigues (1962, 2007) já havia identificado dezesseis dados. Acrescentamos mais um dado.

<b>Ambiente</b>	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
V_V	‘mutuca’	okuare	togware (togare)

### 6.3.1.6. Um $\emptyset$ : Bo *k*

Rodrigues (1962, 2007) já havia identificado cinco dados. Acrescentamos mais um dado.

<b>Ambiente</b>	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
#_	‘doer’	ori	kori

### 6.3.1.7. Um *z* : Bo *dʒ*

Rodrigues (1962, 2007) já havia identificado sete exemplos ilustrativos da correspondência Um *z* : Bo *dʒ*. Acrescentamos três novos dados.

<b>Ambiente</b>	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
V_V	‘ouvido’	bioza (canal do ouvido)	biadzã
#_	‘arco-íris’	zure’na	dʒure
	‘bagre’	zaruto	dʒarudo

### 6.3.1.8. Um *m* : Bo *m*

Rodrigues (1962, 2007) já havia identificado 13 dados. Acrescentamos mais um dado.



<b>Ambiente</b>	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
#_	‘fechar’	momi	mi

### 6.3.1.9. Um r : Bo r

Rodrigues (1962, 2007) já havia identificado trinta dados correspondentes. Acrescentamos mais sete dados.

<b>Ambiente</b>	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
V_V	‘ânus’	peraporo pedza	aperaza
	‘jararacuçu’	etari	etari
	‘lambari’	tipori	tubore
	‘bagre’	zaruto	dzarudo
	‘jaú’ (peixe)	poru	poru
	‘andorinha’	pikurina	piroje
	‘barra’ (na desembocadura)	pare	paru

### 6.3.1.10. Um l : Bo r

Rodrigues (1962, 2007) já havia identificado dez dados correspondentes. Acrescentamos mais 01 dado.

<b>Ambiente</b>	<b>Glosa</b>	<b>Umutína</b>	<b>Boróro</b>
V_V	‘borboleta’	balatútú	baragado

### 6.3.2. Novas correspondências sonoras identificadas

Apresentamos, nesta seção, outras correspondências sonoras entre Boróro e Umutína que não foram incluídas por Rodrigues (1965 e 2007) em seus estudos.

### 6.3.2.1. Um $p\phi$ : Bo $p$

Rodrigues (1962, 2007) não incluiu em seu estudo a correspondência sonora de Umutína  $p\phi$  e Boróro  $p$ . Contudo, em função da existência alguns poucos itens lexicais, concluímos que se trata de um alofone de  $/p/$  que ocorre condicionado diante de vogais - altas.

Ambiente	Glosa	Umutína	Boróro
#_	‘bosta’	$p\phi e$	$pe$
	‘dois’	$por\phi ie$	$pobe$
V_V	‘nádegas’	$ip\phi oia$ ‘minhas nádegas’	$po$
	‘aririnha’	$ip\phi e$	$ipie$
	‘acuri’ (palmeira)	$hap\phi i(e)^{25}$	$ape$
	‘cabeçudo’ (peixe)	$ap\phi e$	

### 6.3.2.2. Um $n$ : Bo $n$

Ambiente	Glosa	Umutína	Boróro
#_	‘babaçu’	$noi$	$noido$
	‘coco de babaçu’	$nó$	$no$

<sup>25</sup> O dado originalmente registrado como  $hap\phi i$  pode ser resultado da redução de  $hap\phi ie$ , considerando que corresponde ao Boróro  $ape$ , da mesma forma que  $por\phi ie$  corresponde ao Boróro  $pobe$ , sendo o  $i$  dos exemplos do Umutína resultado da palatalização de  $p\phi$  diante de vogais não-altas.

### 6.3.2.3. Um *h*: Bo *k*

Ambiente	Glosa	Umutína	Boróro
#_	‘estômago’	hu	kuri
	‘jaó (pássaro)’	huo	kuo

### 6.3.2.4. Um *n* : Bo *r*

Embora tenhamos encontrado apenas um dado, há evidências de que a palavra para ‘arraia’ seja um cognato nas duas línguas.

Ambiente	Glosa	Umutína	Boróro
#_	‘arraia’	menu	meru

## 6.4. Sobre os traços conservadores

### 6.4.1. Palatalização

Na língua Umutína houve um processo de palatalização de *t* e de *k*, quando estes eram precedidos de *i*. Esta propensão à palatalização levou, como veremos adiante, à fusão de reflexos de *\*t* e de *\*k* quando estes sons eram precedidos por *i*.

	Umutína	Boróro
‘areia’	(i)xoare (S xuarí) <sup>26</sup>	kigari
‘mato’	ixula	itura
‘asa’	ixuda	i-kodo
‘periquito’	kixo (S kiso)	kido
‘medo’	pakixi	pagidi

<sup>26</sup> No caso da palavra ‘areia’, é provável que historicamente ela tenha sido precedida de uma vogal *i*.

#### 6.4.2. Sonorização

O processo de sonorização ocorreu, exclusivamente na história da língua Boróro, em ambientes intervocálicos, tanto em sílabas tônicas quanto em sílabas átonas.

	<b>Umútina</b>	<b>Boróro</b>
‘cinza’	zorotu (S zorutu)	d3orugudo
‘coração’	uapu (S oapu)	uabo
‘breu’	melaku, menaku	berago
‘arco’	boika (S bo’ika)	boiga
‘corda’	boiku	bikigu
‘cuia’	poka (L poka, S poka)	pogoga
‘branco’	kikoto (L akikoto)	kigadu
‘frio’	aketo (S bakieto, baketo)	aki, akodo
‘mau’	pikí-na (L pikena ‘feio’, S pekina)	pega
‘beber’	kutu (L ikutu ‘eu b.’, S kuta, akutu)	kudu
‘deitado, estar’	pata	pado
‘dormir’	-notu (L unuta, S unutu, unuta)	nudu
‘medo’	pakixi	pagidi

Sobre o processo de sonorização em Boróro, Crowell (1979) mostra que ele afeta basicamente as consoantes surdas das raízes das palavras quando precedidas por determinados marcadores de pessoa, podendo ser desencadeado pela presença de consoante surda no marcador, ou ainda, pela presença de qualquer marcador pessoal, quando a sonorização ocorrer no segundo segmento consonantal.

Viana (2007), ancorada em uma abordagem fonológica autosegmental trata o processo de sonorização em Boróro como sendo um processo de *Dissimilação de sonoridade*. De acordo com Viana, a dissimilação é um processo pelo qual, sistematicamente, “um ou mais traços de um segmento sofre mudança em virtude de estar adjacente a um ou a mais traços idênticos a ele. No caso específico do Boróro, o traço em questão é o [voz] (ou [sonoro])”. Viana conclui que a motivação para o

desenvolvimento desse processo deve-se ao *Princípio do Contorno Obrigatório* (OCP), segundo o qual, elementos adjacentes idênticos são proibidos. Viana conclui mostrando que, de forma geral, é possível afirmar que em Boróro o OCP é categórico nos processos de flexão, “levemente violável na organização do léxico e inativo nos processos de derivação” (p. 68).

Viana (2007) ressalta ainda outro processo de sonorização: quando a segunda consoante se torna alvo de sonorização. De acordo com Viana a sonorização ocorre quando a primeira consoante é /m/, /r/ ou /w/, em virtude dessas consoantes serem segmentos naturalmente vozeadas.

A autora (2007) destaca ainda um terceiro processo de sonorização em Boróro, desencadeado pelo prefixo relacional. Viana (op. cit.) constatou que não é somente a consoante surda do marcador pessoal que pode desencadear o processo de sonorização, como também o prefixo relacional, que é um morfema flexional. A hipótese de Viana é que “as marcas deixadas pelo antigo prefixo relacional do Boróro, em sua fase surda, foi o desencadeamento do processo de dissimilação de sonoridade nas raízes” (p.72)

As hipóteses apresentadas por Viana (2007) parecem contemplar todos os ambientes de ocorrência do processo de sonorização em Boróro.

Em nossa análise, a sonorização de oclusivas surdas ocorrida em Boróro caracteriza-se como um processo comum encontrado em línguas de diferentes partes do mundo e de diferentes agrupamentos genéticos, em que um elemento surdo entre dois elementos sonoros se sonoriza, a menos que fatores prosódicos ou outros interfiram ou não permitam a sonorização. Esse processo ocorrido na história da língua Boróro demonstra a regularidade de uma mudança sonora que afetou todos os itens lexicais pertinentes da língua.

Sobre o Umutína, uma das hipóteses prováveis é a de que se trata de uma língua mais conservadora do que o Boróro quanto aos reflexos das antigas oclusivas surdas do estágio anterior à diversificação da família Boróro.

## **6.5. Algumas considerações gerais**

Neste capítulo apresentamos mais contribuições sobre a hipótese de relacionamento genético entre as línguas Boróro, Otúke e Umutína. Sobre o Boróro e o

Otúke, expandimos a lista de regularidades sonoras já identificadas por Créqui-Montfort e Rivet (1912) e levantamos alguns questionamentos sobre os processos de palatalização e de sonorização nessas línguas.

Sobre o Boróro e Umutína, ampliamos a lista de Rodrigues (1962, 2007) de itens lexicais correspondentes entre essas línguas e propomos mais algumas correspondências sistemáticas identificadas através dos vocabulários de Schutz (1962) e Lima (1995), para o Umutína, e a Enciclopédia Boróro, volume 1, (Albisetti e Venturelli, 1962) e O Pequeno Dicionário Boróro/Português (Ochoa, 2001), para a língua Boróro.

## CAPÍTULO VII CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROTO-BORÓRO

---

### 7. Introdução

Neste capítulo, buscamos depreender a partir do conjunto de cognatos das línguas Boróro, Otúke e Umutína fundamentos para a reconstrução de proto-formas para o Proto-Boróro, focalizando as mudanças fonológicas ocorridas ao longo da história individual de cada uma das línguas, as direções dessas mudanças e a sua natureza.

Na seção 7.1, apresentamos um conjunto de cognatos das três línguas da família Boróro e sugerimos a reconstrução desses itens lexicais. Em seguida, na seção 7.2, discutimos as mudanças e os processos fonológicos ocorridos nessas línguas e propomos a reconstrução das proto-formas consonantais. Na seção 7.3, apresentamos e discutimos as proto-formas vocálicas. Finalmente, na seção 7.4 apresentamos algumas conclusões sobre o que teria sido o sistema fonológico original do Proto-Boróro.

#### 7.1. Demonstrando correspondências na família Boróro

Apresentamos, em seguida, as etimologias das línguas Boróro, Otúke e Umutína reunidas e, em seguida, as correspondências sonoras e o que teria sido a proto-forma dessas etimologias na proto-língua.

	<b>Proto-forma</b>	<b>Boróro</b>	<b>Otúke</b>	<b>Umutína</b>	<b>Dado</b>
1.	*je	dze (face dela)	itje	aze'	'face'
2.	*a	a		aka	'semente'
3.	*a	a	a	ame, a- (S ami)	'tu'
4.	*akiku	akigu	akihu-mari		'algodão'
5.	*aiko	aigo		aiku, aiko (L ajko, S a'iko)	'onça parda'
6.	*akito	aki, akodo		aketo (S bakieto,	'frio'

				baketo)	
7.	*a	aka		ua (L a, S a)	‘fígado’
8.	*ema	amarew		emaka	‘bom’
9.	*akiwa	akiwa (O)	okiwia		‘capivara’
10.	*bakuru	akuru, bakuru (O)	hwauru		‘vento’
11.	*amema	amema (O)	mamasane	amema	‘lagarto’
12.	*ao	ao	it-aho-vihi ‘meus cabelos’	azo (S azu)	‘cabelos’
13.	*apokV	apogo (O)	apohe, apoha = esquilo	apo (S apo)	‘tamanduá- mirim’
14.	*apu	apu		apu (S hapu)	‘paca’
15.	*arari	arari		alare kore (L alorukore, S alarikore)	‘piraputanga’
16.	*ari	ari		ari, ali	‘lua’
17.	*arikaw	arigao		arikau (S harika’u)	‘cão’
18.	*(r)ari	aru, raru (O)	rari		‘folha’
19.	*atuke	atugue (A)	ohuè		‘vespa’
19a.	*atuka	atu	atuka ‘tua concha’		‘concha’
20.	*abaki	awagi, awago (A)	ahwako	ebaki (L ebaki, S embaki)	‘cobra, serpente’
21.	*kutopo	atoe, kudobo		utupu	‘quati’
22.	*bikiku	bikigu		boiku	‘corda’
23.	*bire	bire		bure (S ambure)	‘pé’
24.	*bito	bito re		muto-mbure	‘chocalho de cascos/unhas de queixada’
25.	*ba	ba		ba (L ba, S mba)	‘ovo’
26.	*baje	batje ‘pernilongo’ (O)	mase	mbe, bai	‘mosquito’



27.	*boika	baiga (O) boeíga (A), tygo ‘tipo de taquara’ (A)	wewika (1)	boika	‘arco’
28.	*bakaiko	bakaigo		bakayukore (L bakajokore ‘a. pequena’)	‘aranha’
29.	*bapo	bapo		bapo (S bapu ‘porongo de baile’)	‘chocalho’
30.	*wapo	bapo, iwabo ‘meu coração’ (A, O)		wapo	‘coração’
31.	*baru	baru (O)	hwaru	baro-to	‘céu’
32.	*buke	buke		bukye	‘rede’
33.	*batari	batari		matare	‘falar’
34.	*bato	bato		bato-rukwa	‘mangaba’
35.	*berako	berago		melaku, menaku	‘breu’
36.	*bere	bere		bere	‘ferver’
37.	*bi	bi, bi-to ‘matar’		bia (S bia)	‘morrer’
38.	*bia	bia		bia (L bja, S mbiá)	‘orelha’
39.	*biej	biei		bei	‘jenipapeiro’
40.	*biri	biri, i-wiri	irivi	birika	‘pele’
41.	*bako	bako	aku		‘banana’
41a.	*barakatu	baragadu		balatútú	‘borboleta’
42.	*boio	boio ‘coco de t.’		bo, boyo ‘broto de t.’	‘tucum, coco de’
43.	*boku	boku		boku (S boku)	‘campo’
44.	*bopo	bopo-na		bopo to	‘coxa’
45.	*boto	boto		boto ka	‘escama’
46.	*batora	batora ‘pupunha’		botodo kwa ‘coco de s.’	‘siriva’
47.	*boto	botowi ‘t.		boto mbure (s	‘tatu-bola’

		canastra'		botori)	
48.	*bu	bu		bo ino (L bwenə, s bo'ina)	'chuva'
49.	*burato	bureado (O) iwiywra = cotovelo (Steinen)	iwiaroto, iviora = coxa		'calcanhar'
50.	*butuku	butugu		boto doze	'bem-te-vi'
51.	*jatuko	d3atugo		zatuku,	'cajá'
52.	*jatuku	d3atugugo		zatuku (S zatuku)	'piaba-açu'
53.	*joV	d3oi		joa (S 3ao)	'caitetu'
54.	*juka	d3ugo		ƒao	'porcão'
55.	*jorítiti	d3orididi		zorixixí (S zoritʃitʃi)	'fumaça'
56.	*jorito	d3orito		zorututo	'acender fogo'
57.	*jorikeke	d3origige (Steinen)	rerikeke zerikiki (Kovareka)	serikiki	'tartaruga'
58.	*joru	d3oru (O); eru, oru, ru, rugadu (A)	reru	zoru	'fogo'
59.	*jorukuto	d3orugudo		zorotu (S zorutu)	'cinza'
60.	*ju	d3u, d3urew	tʃuhu		'mandioca'
61.	*jura	d3ura, i-wra, 'minhas costelas' (O)d3ura	itʃura	jula-ka (zudaka)	'costas'
62.	*jure	d3ure		jure ( L 3ure, S jure)	'sucuri'
63.	*eno	eno	i-ƒeno		'nariz'
64.	*eki	eki		iku	'amarelo'
65.	*ikeno	ikeno	iƒeno		'meu nariz'
66.	*enokuri	enokuri 'tatu cascudo' (A)	enohwari		'rato, gambá'
67.	*eru, *ikeru	eru (O)	iƒeru	eru-kwa, (l erukwa), s eruga)	'minha língua'
68.	*oru, *joru	eru, oru	reru	zo'ru	'fogo'

69.	*etari	etari		etari	‘jararacuçu’
70.	*i	i		-i	‘árvore’
71.	*ia	ia		o-zá, ɔza, ozá	‘boca’
72.	*i-kerá	iera (era); ikera (A)	keara = braço	u-jila (S azida) afida	‘minha mão’
73.	*ioka ‘meu pai’	ioga ‘meu pai’ o ‘pai’ (O),	iyoxa	zuko, zoko, yoko	‘meu pai’
74.	*ikodV	ikodo		ixuda	‘minha asa’
75.	*imi	imi		imi (L imi, S imi)	‘eu’
76.	*inoto	inodou (CA),	inoto	inoto’ (irmão da esposa)	‘cunhado’
77.	*ino	inogi		hino (L ino ‘m. unha’, S ina)	‘unha da mão’
78.	*ipe	ipie		ipe-kozitabu (S ipe)	‘ariranha’
79.	*ipo	ipo		ipu	‘pau’
80.	*ira	ira		ila-ka	‘espiga’
81.	*iru	iru ‘flor de piúva amarela’, iru-í ‘piúva amarela’		huri	‘piúva’
82.	*irui	irui		hiri-be, heribe	‘camaleão’
83.	*i-po	i-po		i-pɸo-ia	‘minha nádegas’
84.	*i-t-uara	i-tawra (C)	itfoara = fronte, taura- axute= cérebro ikitao	zoada	‘minha cabeça’
85.	*i-t-o	ito	itio		‘meu dente’
86.	*itura	itura (A)	itura	ifula ‘mata’	‘floresta’
87.	*iureka	iureka ‘meu pé’ (O)	iwire e gua		‘planta do pé’
88.	*ibe	iwe		hibe (L hibe)	‘ourico’
89.	*baka	iwaga ‘meu pênis’, baka (A)	iwiaha ‘meu pênis’	mainokua	‘pênis’
90.	*baj	iwaj (C), baj(O)	hwal’a		‘casa’

91.	*kaymo	kumo	kaymo		‘cupim’
92.	*kikari	kigari		xoare (S xuarí)	‘areia’
93.	*kato	kado		kata-pe	‘taquara’
94.	*kato	kado		hato (hato ‘quebrar’)	‘cortar’
95.	*katomo	kadomo		katamã	‘martim- pescador’
96.	*kaia	kaia		kayá-kopo (kazokupo)	‘pilão’
97.	*kare	kare	aharo	hare	‘peixe’
98.	*ke	ke (A)	ketari	kie	‘morcego’
99.	*ke ‘braço	kera	keara	itʃe	‘braço’
100.	*kera ‘osso do meu braço’	kera	keara		‘osso no meu braço’
101.	*kui	ki		kui (S ko’i)	‘anta’
102.	*ki	ki		ki, kyi	‘seco’
103.	*kito	kida ‘p. menor’; kido ‘p. vassourinha’ (O);	kitio	kixo (s kiso)	‘periquito’
104.	*kika	kiga (O)	ukikwa		‘chifre’
105.	*kikato	kigadu		kikoto (L akikoto)	‘branco’
106.	*ko	ko		ho (S iho ‘comamos!’)	‘comer’
107.	*ko	ko, iko (A)	ikio	ku(po) (garganta)	‘pescoço’
108.	*koti	kodi		koty-ka (S katika)	‘carne’
109.	*kojari	kodzari		koya-kore	‘tossir’
110.	*ko	ku		ko	‘sangue’
111.	*ku	ku, kwo (A); oku, okureboe (O)	rikihu	iku	‘flor’
112.	*kujaku	(pai) kujagu		kutʃaku	‘bugiu vermelho, macaco vermelho’

113.	*ku	kudu, ku 'bebida' (A)	ako – beba! (ko), akututo= beba (ku)	kutu (i ikutu 'eu b.', (S) kuta, akuta	'beber'
114.	*kujto	kuido		hujfo	'arara verde'
115.	*kunapo	kunabo; i- kunabo (O)	itjenapo		'meu umbigo'
116.	*kuru	kuru		oru pu	'nadar'
117.	*kuru	kuru 'bebida',	tforo i]oro(ko), iyoro (ku),	zulu' rukwa (bebida de mandioca)	'chicha'
118.	*kuruka	kuruga		urukwa	'lagoa'
119.	*miko	miga		mako (S imako)	'mãe'
120.	*makaw	makao		makau	'macauã'
121.	*mana	mana		amana (L amala, amana)	'irmão mais velho'
122.	*mano	mano		mano (S manazokua 'buruti'	'buriti, coco de:'
123.	*meã	mea (A)	neda	meá	'cutia'
124.	*meri	meri		amenu (L i-minu 'andar')	'caminhar'
125.	*meri	meri	neri	mini, (I) mejni, (S) meni)	'sol'
126.	*meru	meru	menu		'arraia'
127.	*mereri	meriri (O, A)	neheri		'ferro'
128.	*meru	meru= 'caminhar', 'caminho' (O, A)	anerutà 'caminhe você'	amenú 'caminhe você'	'caminhe'
129.	*metu	metugo		umitu, mitu	'pomba'
130.	*mo(kV)to	moto (O)	moktuhu	moto	'terra'
131.	*rabure	nabure		alapore (S alapure)	'arara vermelha'
132.	*no	no		no (L nojjuka, S no 'aguasú')	'babaçu, coco de:'
133.	*nonoka	nonogo		nonokwa (L nolukwa)	'urucu'

134.	*nori	nori		unori	‘sono’
135.	*notu	nudu (O); nududu ‘f. dormir’	anutake	notu	‘dormir’
136.	*o	o		o (S o)	‘rabo’
137.	*oka	okwa (A)	oka	akakóno’	‘raposa’ (lobinho)
138.	*okaru	okwaru, waru, bokodori (t. bola), rea (t. canastra) (O)	ohwaru		‘tatu’
139.	*orari	orari ‘peixe pintado’ (O)	orohwari		‘peixe surubim’
140.	*Vrojka	orogo ‘campeiro’; pobogo ‘v. mateiro’; (O)	waroa, oroykia ‘pita’		‘veado’
141.	*oto	oto (o)	aho	Oto	‘bico’
142.	*otokuru	otoguru		otoru-ta (S otoru)	‘saliva’
143.	*pato	pado		pata	‘deitado, estar’
144.	*pakiti	pagidi		pakixi	‘medo’
145.	*paj	pai		pajio (payu)	‘bugiu’
146.	*pari	pari (O)	hahari	pãrí (L parwaza)	‘avestruz’
147.	*paro	paro		palo (L ipalo ‘meu m.’, S apádo)	‘machado’
148.	*pe	pe		pe	‘excremento’
149.	*peka	pega		pikí-na (L pikena ‘feio’, S pekina)	‘mau’
150.	*po	po		po	‘água, rio’
151.	*poari	poari		poari	‘cabaça’
152.	*pope	pobe		popie (L pupi, pupe)	‘dois’
153.	*popu	pobu		pupu (S popo)	‘pacu’
154.	*pokoka	pogoga		poka (L pōka, S poka)	‘cuia’

155.	*poro	poro		podo	‘furo’
156.	*poroto	porodo		podoto (L polotɔ)	‘furar’
157.	*poru	poru		poru (S poru)	‘jáú’
158.	*ra	ra		la-ká (S daka)	‘osso’
159.	*atoto	readodo		alalotu	‘narrar’
160.	*rerV	reru (O);	arereta		‘dançar’
161.	*rie	rie ‘lobo guará’ (O)	réhè		‘lobo’
162.	*riboto	riwodo		diboto	‘inambu’
163.	*ro(kV)tu	rotu (O, A)	roktu	bukututu	‘argila ‘
164.	*bara, *Ru	ru (A)	hwaraka	balaru, dú, lú (sapo gia),	‘sapo’
165.	*ruka	ruka (O)	rusa		‘caranguejo’
166.	*ruke	ruke ‘varejeira’ (O)	ruka		‘mosca’
167.	*ruwo	ruwo		ruvo (L luo)	‘caracol’
168.	*tiko	tigo	tehwa	to (S itʃo)	‘flecha’
169.	*tami	tamigi ‘a. do mato’		tami ‘a. preta’	‘anhuma’
170.	*tipore	tubore		tipori	‘lambari’
171.	*tokare	toguare		otokuáre (S otokali)	‘mutuca’
172.	*tori	tori (A)	tohori	tori	‘pedra’
173.	*turupare	turubare (O)	turupare		‘pato’

Quadro 20: Comparações e reconstruções do Proto-Boróro

## 7.2. Reconstrução dos proto-fonemas consoantais

Nesta seção, apresentamos os proto-fonemas consonantais do proto-Boróro, as correspondências fonológicas nas três línguas, bem como discussões a respeito de algumas proto-formas.

### 7.1.1. \*p

#_	Bo p : Um p	Exemplos: 83, 143, 144, 145, 146, 147, 148,
----	-------------	---

		149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157.
	Bo p : Ot h	Exemplo: 146

<b>V_V</b>	Bo p : Um p : Ot p	Exemplo: 13
	Bo p: Um p	Exemplos: 14, 29, 30, 44, 79
	Bo b: Ot p	Exemplos: 115, 131
	Bo b: Um p	Exemplo: 21, 145a

Apenas em Boróro o Proto *\*p* se sonorizou em dois exemplos nos quais é seguido de /o/. Em apenas um exemplo tem *h* como reflexo em Otúke, caso em que se encontra em início de palavra, mas na qual se desenvolveu uma nova sílaba seguinte, com vogal cópia da sílaba inicial precedente e com uma margem esquerda ocupada por uma fricativa glotal. É provável que o *p* inicial desta palavra tenha sofrido assimilação da fricativa glotal inserida com a cópia da vogal precedente *\*pari* > *paari* > *pahari* > *hahari*. Note-se que houve outros casos de criação de sílabas com cópia da vogal precedente acompanhada da inserção de uma fricativa glotal, como no exemplo na língua Otúke:<sup>27</sup>

‘meu olho’	<b>itʃaa ~ itʃaha</b>
------------	-----------------------

### 7.1.2. \*b

#_i	Bo b: Um b (o, u)	Exemplos: 22, 23
#_a	Bo b: Um b	Exemplos: 28, 29, 34, 41a
	Bo b : Ot m : Um b	Exemplo: 26
	Bo b: Um w	Exemplo: 30
#_e	Bo b: Um b	Exemplo: 36
#_i	Bo b: Um b	Exemplos: 37, 38, 39, 40

<sup>27</sup> Esse fenômeno é comum em línguas Tupí-Guaraní setentrionais, como nas línguas Nhe'engatu, Ka'apor, Araweté, Anambé, Ararandewára, Tembé, como mostram Cabral et alii (2007).



#_o	Bo b: Um b	Exemplos: 42, 43, 44, 45, 46, 47
#_o	Bo b: Ot ∅	Exemplo: 41
#_u	Bo b: Um b (o)	Exemplos: 19a, 32, 48, 50,

#_a	Bo b: Um m ~ mb	Exemplos: 24, 25
	Bo b: Ot m	Exemplo: 26
	Bo b: Um m	Exemplo: 33
#_e	Bo b: Um m	Exemplo: 35
#_ia	Bo b: Um mb	Exemplo: 38

#_a	Bo b: Um w	Exemplo: 30
#_	Bo b: Ot w : Um b	Exemplo: 27
#_	Bo b: Ot hw : Um b	Exemplo: 31

V_V	Bo b: Um p	Exemplo: 170
-----	------------	--------------

O exemplo 31, ‘céu’, mostra a correspondência do Boróro *b*, *baru*, com o Otúke *hw*, *hwaru*. Muito provavelmente a correspondência original era entre Boróro *b* e Otúke *w*, entretanto com a mudança do PB *\*k* precedido de vogal arredondada que se realizava como *hw* em Otúke, alguns *w* provenientes de PB *\*b* passaram a *hw*. Isso explicaria a correspondência Bo *b* : Ot *hw* em alguns exemplos.

A reconstrução de um fonema *\*b* para o Proto-Boróro deve-se ao fato da existência desse som nas três línguas comparadas, embora haja etimologias com correspondências *b* : *b* entre Boróro e Umutína. Note-se que há correspondências *b* : *w*, respectivamente entre Boróro e Otúke, e que, por um lado, Boróro muda *b* para *w* em fronteira de morfema quando a raiz começada por *b* é precedida por vogal. Note-se ainda que, como o Otúke estendeu a forma fonológica de temas combinados com a terceira pessoa, apresenta *w* como em Boróro, mas na realidade tratam-se, nesses casos, de reflexos de PBO *\*b* e não de PBO *\*w*.

Está claro nos dados dessas línguas que *d* e *g* não são fonemas, mas que estariam caminhado para fixarem futuros contrastes, seguindo provavelmente o caminho de *b*, sendo eles resultado da sonorização de *t* e *k*, em ambiente intervocálico.

Embora tenhamos que admitir uma assimetria no sistema com apenas uma oclusiva sonora, há evidências de um processo de sonorização em Boróro que pode levar a fonemização de *t* a *d* e de *k* a *g*.

### 7.1.3. \*t

#_	Bo t : Ot t : Um t	Exemplo: 172
	Bo t : Um t	Exemplos: 168, 169, 170, 171
	Bo t : Ot t	Exemplo: 173

V_V	Bo d : Um t : Ot t	Exemplos: 76, 135
	Bo d : Um t	Exemplos: 6, 59, 93, 94, 95, 103, 105, 108, 113, 143, 156, 159, 162
	Bo t : Ot h : Um t	Exemplo: 141
	Bo t : Ot t : Um t	Exemplos: 130, 163, 171
	Bo t : Um t	Exemplos: 24, 33, 34, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 56, 69, 129, 142, 168, 169, 171
	Bo t : Ot t	Exemplos: 19a, 85, 86

i_	Bo d : Ot : t : Um f, s	Exemplo: 103
	Bo d : Um f	Exemplo: 144
	Bo d : Um tf	Exemplos: 55, 114
	Bo t : Ot t : Um f	Exemplo: 86

O fato a ser notado com respeito ao Proto \**t* é que os seus reflexos em Umutína e em Otúke sofreram palatalização quando precedidos de *i* (exemplos 1, 2, 3), enquanto que em Boróro se sonorizam em vários exemplos em contexto intervocálico (exemplos 3 e 4) e em Otúke há casos em que muda para *h* (exemplo 5).

n°.	Glosa	Boróro	Otúke	Umutína
1)	‘meu dente’	i-to	i-tio	
2)	‘floresta’	itura	itura	ifula ‘mata’
3)	‘periquito’	kida	kitio	kixo
4)	‘frio’	akodo		akoto
5)	‘bico’	oto	aho	oto

#### 7.1.4. \*k – k, g, kw, gw

#_	Bo k : Ot: k Um k	Exemplos: 98, 100, 103, 111, 112, 113, 137
	Bo k : Um k	Exemplos: 32, 91, 93, 95, 96, 101, 102, 105, 108, 109, 110
	Bo k : Um h	Exemplos: 94, 106, 114, 97
	Bo k : Ot: h	Exemplo: 97, 89
	Bo k : Ot k	Exemplos: 99, 104, 107
	Bo k : Ot j	Exemplos: 115, 117
	Bo k : Um Ø	Exemplo: 116
	Bo k : Um Ø :	Exemplos: 92, 116
	Bo k : Ot h : Um h	Exemplo 97
	Bo tʃ : Ot s : Um Ø	Exemplo: 26

V_V	Bo k : Um k	Exemplos: 6, 28, 32, 43, 64,
	Bo g : Um k	Exemplos: 5, 17, 20, 22, 35, 51, 52, 119, 144, 149, 154, 171
	Bo k : Ot k : Um k	Exemplos: 22, 120
	Bo k : Ot k	Exemplos: 9, 41, 99, 166
	Bo g : Ot k : Um k	Exemplos: 27, 72
	Bo k : Ot : h	Exemplos: 66, 89, 97
	Bo k : Ot j	Exemplo: 65
	Bo k : Um j	Exemplo: 74
	Bo g : Ot x : Um k	Exemplo: 73

	Bo kw : Um k : Ot k	Exemplo: 173
	Bo kw : Ot w	Exemplo: 138
	Bo k : Ot s	Exemplo: 165
	Bo k : Ot j	Exemplo: 65

<b>u,o_V</b>	Bo g : Ot kw	Exemplo: 104
	Bo g : Um kw	Exemplos: 112, 118, 133
	Bo kw : Ot hw	Exemplo: 138

Os reflexos do Proto-Boróro \**k* nas três línguas são muito distintos. Nota-se uma tendência à labialização quando precedido de *o* ou *u*, mudando para *kw*, ou se sonorizando e/ou se desoclusivizando, principalmente em Boróro, mas também em Otúke e, em menor grau, em Umutína. A desoclusivação do *k* em Otúke resultou no surgimento de um fonema adicional *hw* que tem como fonte os antigos *k* precedidos de vogais posteriores arredondadas, resultando em uma realização labializada *kw*, logo, vogal<sup>[+Arr]</sup>*k* > *kw* > *hw*.

Verifica-se também que havia um processo de palatalização de *k* quando precedido de *i* nas línguas Otúke e Umutína.

No dado 19a, ‘concha’, nota-se uma queda de *ka* na língua Boróro, provavelmente com a queda inicial de intervocálico e subsequente fusão vocálica. Há, como mostramos anteriormente na seção 6.2.1, outros casos de perda de *k* intervocálico na língua Boróro.

No dado para ‘rede’, exemplo 32, o dado Umutína apresenta uma palatalização de *k*, diante de vogal *e*, ausente no correspondente Boróro. Muito provavelmente a forma original era *buke*, e o Otúke deveria ter labializado o *k* precedido de vogal posterior arredondada. Entretanto, ao invés de um *k* labializado o que vemos é um *k* palatalizado, uma consequência da coronalidade da vogal *e*. Dada a escassez de dados do Otúke, a palavra para ‘rede’ seria um caso único de palatalização de *k* em contexto fonológico em que esse som mudaria para *k<sup>w</sup>*.

### 7.1.5. \*m

#_	Bo m : Ot m : Um m	Exemplo: 130
	Bo m : Um m	Exemplos: 8, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 129
	Bo m : Ot n : Um m	Exemplos: 123, 125
	Bo m : Ot n	Exemplo: 127
#(v)_	Bo m : Ot n : Um m	Exemplo: 128

V_V	Bo b : Um m	Exemplos: 11, 24, 33, 35
	Bo b : Ot m	Exemplo: 26
	Bo m : Um m : Ot m	Exemplo: 11
	Bo m : Um	Exemplos: 11, 75, 95, 169
	Bo m : Ot n : Um m	Exemplos: 123, 128

Note-se que o Proto-Boróro \**m* mudou para *n* em alguns casos em Otúke, e permaneceu *m* nas três línguas nos demais dados.

### 7.1.6. \*w

#_a	Ot w : Um w	Exemplo: 175
V_V	Bo w : Ot w	Exemplos: 9, 89
	Bo w : Ot hw	Exemplo: 90

Observa-se que o Proto \**w* mudou para *hw* em um caso na língua Otúke. Nos demais, permaneceu *w* nas três línguas.

### 7.1.7. \*n

#(v)_	Bo n : Ot n : Um n	Exemplo: 135
	Bo n : Um n	Exemplos: 132, 133, 134

V_V	Bo r : Ot n : Um n	Exemplo: 76
	Bo r : Ot n	Exemplo: 115
	Bo r : Um n	Exemplos: 77, 122

Quanto ao Proto \**n*, este permaneceu *n* nas três línguas.

### 7.1.8. \* r

#_a	Bo r : Um l	Exemplos: 158, 159
#_e	Bo r : Ot r	Exemplos: 160, 170
#_i	Bo r : Ot r	Exemplo: 161
#_i	Bo r : Um d	Exemplo: 162
#_o	Bo r : Ot r	Exemplo: 163
#_o	Bo r Um d, l,	Exemplos: 155, 156, 164
	Bo r: Ot hw	Exemplos: 138, 164
#_u	Bo r : Ot r	Exemplos: 165, 166
#_u	Bo r : Um r	Exemplo: 167

_a	Bo r : Um l	Exemplos: 15, 41a, 80
	Bo r : Ot r : Um l	Exemplo: 61
	Bo r : Ot : r	Exemplo: 89
_i	Bo r : Um r	Exemplos: 16, 17, 134, 151
	Bo r : Ot r : Um r	Exemplos: 40, 146, 172
	Bo r : Ot r	Exemplos: 57, 127, 139,
_e	Bo r : Um r	Exemplos: 23, 24, 36, 131
	Bo r : Ot r	Exemplos: 87, 173
_i	Bo r : Um r (_e)	Exemplos: 15, 92
_i	Bo r : Um r (_i)	Exemplo: 55
	Bo r : Um r (_u)	Exemplo: 54, 124
	Bo r : Um r (_a)	Exemplo: 119

_u	Bo r : Ot r	Exemplos: 10, 58, 138
	Bo r : Ot r ( i)	Exemplo: 18
	Bo r : Um r ( i)	Exemplo: 88
	Bo r : Ot r ( e)	Exemplo: 160
	Bo r Ot r Um r (o)	Exemplo: 31
	Bo r Ot r (o) : Um l	Exemplo: 117
	Bo r : Um r	Exemplos: 59, 81, 116, 118
	Bo r Ot r Um r	Exemplos: 67, 68
_o	Bo r : Um l	Exemplo: 147

V_V	Bo r : Um n	Exemplos: 124, 125
-----	-------------	--------------------

O Proto-Boróro *\*r* tem *r*, seguido de *i*, *a*, *o*, *u*, e *l* seguido de *u*, *o* ou *a* como reflexos em Umutína. Na mesma língua, tem também *d* como reflexo seguido de *o* e *i* e *n*, em ambiente intervocálico, como reflexo de *\*r*.

Já as línguas Otúke e o Boróro têm *r* como reflexo do Proto-Boróro *\*r*.

### 7.1.9. \*j

#_u	Bo d <sub>3</sub> : Ot t <sub>f</sub> : Um j	Exemplo: 61
	Bo d <sub>3</sub> : Ot t <sub>f</sub>	Exemplo: 60
#_e	Bo d <sub>3</sub> : Um j	Exemplo: 62
#_a	Bo d <sub>3</sub> : Um z	Exemplos: 51, 52
#_o	Bo d <sub>3</sub> : Um z	Exemplos: 53, 54, 55, 56, 59
#_o	Bo d <sub>3</sub> : Ot r (_e) : Um s (_e)	Exemplo: 57
	Bo d <sub>3</sub> : Ot r (_e) : Um z	Exemplo: 58
V_ \$#	Bo ø : Um j	Exemplo: 145

V_V	Bo d3 : Um j	Exemplo: 109
-----	--------------	--------------

O Proto-Boróro \**j* tem *t/* e *f* como reflexo em Otúke seguido de *u* e *e*; tem ainda *r* seguido de *e*, em dois casos.

Na língua Umutína, o Proto \**j* tem como reflexos *j*, seguido de *u* e de *e*, *z*, seguido de *a* e de *o*. Há ainda um caso de reflexo em *s*, seguido de *e*.

### 7.3. As vogais do Proto-Boróro

Reconstruímos um sistema de seis vogais para o Proto-Boróro, \**i*, \**e*, \**i*, \**a*, \**u*, \**o*. Embora não haja registro de vogal central alta não arredondada em Otúke, a presença de uma vogal dessa qualidade em Boróro e a oscilação entre vogais de diferentes qualidades tanto em Umutína, quanto em Otúke, nos levou a postular a presença de um \**i* no Proto-Boróro. Quando nos dados há grandes divergências, optamos por representar a vogal correspondente da proto-forma por um *V*.

### 7.4. Algumas considerações gerais

Neste capítulo, reconstruímos um sistema de seis vogais e de nove consoantes para o que teria sido o Proto-Boróro, conforme podemos verificar nos quadros 21 e 22 abaixo.

Com relação a *t/*, não foi possível reconstruí-lo como proto-fonema, uma vez que fricativas alveolares ou alveopalatais e africadas alveopalatais são reflexos de PB \**j*, \**t* ou \**k*, exceto em Boróro.

Após as contribuições isoladas das línguas em questão, fizemos uma análise mais ampla das correspondências entre as três línguas, buscando identificar correspondências sonoras e gramaticais entre elas que permitiram a reconstrução de 176 proto-formas.



	<b>Labial</b>	<b>Dental</b>	<b>Álveo-palatal</b>	<b>Velar</b>
<b>Oclusiva</b>	*p *b	*t	*j	*k
<b>Nasal</b>	*m	*n		
<b>Aproximante</b>	*w	*r		

**Quadro 21: Das consoantes do Proto-Boróro**

	<b>Anterior</b>	<b>Central</b>	<b>Posterior</b>
<b>Alta</b>	*i	*ɨ	*u
<b>Média</b>	*e		*o
<b>Baixa</b>		*a	

**Quadro 22: Das vogais do Proto-Boróro**

## CAPÍTULO VIII CORRESPONDÊNCIAS GRAMATICAIIS

### 8. Introdução

Neste capítulo, tratamos das correspondências gramaticais identificadas entre as línguas Boróro, Otúke e Umutína. Apesar da pouca quantidade de dados das línguas Umutína e Otúke, sobretudo exemplos contendo orações e textos, foi possível reunir alguns dados que mostram correspondências gramaticais através das línguas comparadas, como veremos a seguir.

#### 8.1. Marcas de pessoa

Embora não tenhamos os paradigmas de pessoa completos das línguas Otúke e Umutína, os dados disponíveis não deixam dúvidas do parentesco genético entre elas. Nas três línguas foi possível identificar duas séries de marcadores de pessoa, uma série independente e outra série dependente.

- **Série independente de marcadores pessoais**

Série	Otúke	Boróro	Umutína <sup>28</sup>
<b>independente</b>			
<b>1<sup>a</sup> sing</b>	ikiša-ošo	imi	imi
<b>2<sup>a</sup> sing</b>	-	aki	ami
<b>3<sup>a</sup> sing</b>	ikitja-ano	ema	-
<b>1<sup>a</sup> plu incl</b>	-	pagui	-
<b>1<sup>a</sup> plu exc.</b>	sekiafo	tjegui	remi
<b>2<sup>a</sup> plu</b>	-	tagui	-

<sup>28</sup> Sobre os dados do Umutína, Lima (1995, p. 88) classifica a série independente como pronomes possessivos cuja realização mais sistemática é posposta à coisa possuída.

Embora não tenhamos encontrado formas para todas as pessoas, exceto no Boróro, podemos ver que há correspondências fundamentais através das línguas. Na série independente acima, podemos depreender a forma *i* 'primeira pessoa do singular', *a* 'segunda pessoa do singular', *t/fe* e *se* para 'primeira pessoa exclusiva'.

- **Série dependente de marcadores pessoais**

Série dependente	Otúke	Boróro	Umutína
1 <sup>a</sup> sing	i	i	i
2 <sup>a</sup> sing	a	a	a/ai
3 <sup>a</sup> sing	-	u/∅	u/f/∅
1 <sup>a</sup> plu	-	pa je	pa re
2 <sup>a</sup> plu	te	ta	ta
3 <sup>a</sup> plu	-	e	e

Com relação aos marcadores pessoais da série dependente, percebe-se que, embora não se tenha o paradigma completo da língua Otúke, os dados disponíveis mostram correspondências significativas através das línguas.

- **Exemplos com o pronome de primeira pessoa da série dependente**

**Bo i : Ot i : Um i**

Glosa	Otúke	Boróro	Umutína
'minha pele' [CM]	i-wiri	i-rivi	i-biri-ka
'minha planta do pé'	i-vire-egua	i-ure-ka	i-bure aka
'meu cunhado'	i-ṃoto	i-nodou (CA),	i-noto

‘meu pai’	i-ioga ‘meu pai’ o ‘pai’ (O),	i-yoxa	j-uko
‘meu dente’	i-tio	i-to	-

- Exemplos com o pronome de segunda pessoa do singular da série dependente

#### Bo a : Ot a : a Um

Glosa	Otúke	Boróro	Umutína
‘beba você’	a-ko – beba! (KO), a- kututo= beba (KU)	a-kudo	a-kuta ‘você (vai) dormir’
‘caminhe você’	a-nerutà ‘caminhe você’	a-meru-re ‘você caminhou’	a-menu ‘você (vai) andar’
‘durma você’	a-nutake	a-nudu-re ‘você dormiu’	a-notu ‘você (vai) dormir’

- Exemplos com o pronome de segunda pessoa do plural da série dependente

#### Bo ta : Ot te : ta

#### Exemplos em Otúke e Boróro

Glosa	Otúke	Boróro
‘suas orelhas’	te-wiya	ta-viadza
‘seus narizes’	te-g-eno	ta-g-eno
‘suas cabeças’	te-taura	ta-g-aura

### Exemplos Umutína:

*ta*    *maturu*    *kewa*

2pl    falar        não

‘vocês não falam, estão calados’ (Lima, 1995, p. 83).

*ta-*    *ioto noke*

2pl    andar por aí

‘vocês andam por aí’ (Lima, 1995, p. 83)

Vemos ainda correspondências fundamentais entre Boróro e Umutína, como a primeira pessoa do plural e a terceira pessoa do plural.

### 8.2. Sobre o atenuativo

Sobre o atenuativo, Créqui-Montfort e Rivet (1913) identificaram em Otúke um único dado formado com o acréscimo do sufixo *-roko* ao nome. Em Boróro, uma das formas de se fazer o atenuativo é com o acréscimo do sufixo *-rogo* ao nome. Em Umutína, só foram encontrados dois dados formados com o acréscimo das partículas *-kuri* e *-kore*. Observe os exemplos.

#### Em Otúke:

*i-fai-*

meu filho homem

*roko*

pequeno

‘meu filhinho homem’ (Créqui-Montfort e Rivet, 1912)

### **Em Boróro:**

bai            *rogo*  
'casa'        'pequena'  
                  'casinha'

imedi         *rogo*  
'homem'     'pequeno'  
                  'homem pequeno'

### **Em Umutína:**

jikufu            *kurika*  
Olho              pequeno  
'olho pequeno' (Lima, 1995, p.106)

bakayo    *korɛ*  
aranha    pequena  
'aranha pequena' (Lima, 1995, p.57)

Os dados sugerem que as línguas Boróro e Otúke, nesse aspecto, estão mais próximas. As partículas marcadoras do atenuativo somente se diferenciam em um único traço, a sonoridade, sendo *-roko*, a forma para o Otúke, e *-rogo* a forma para o Boróro. Os fonemas Bo *r*: Ot *r* e Bo *k*: Ot *g* são correspondências regulares nessas duas línguas.

### **8.3. Sobre a negação**

Foram encontradas correspondências de padrões de negação apenas nas línguas Boróro e Umutína.

### Negação em Umutína

i-kifi                      *kewa*  
eu-ver                      nada  
'eu não vi nada' (Lima, 1995, p. 99)

ai-kwamiti      *kewa*  
você-cansar      não  
'você não cansa' (Lima, 1995, p. 99)

### Negação em Boróro

u      tu      *ka*      re  
3sg    ir      NEG    neutro  
'ele não foi' (Crowell, p. 90-91)

∅      reru      kigodi    *ka*  
3sg    dançar    HAB    NEG  
'ele nunca dança' (Camargos, 2010)

Em Boróro, temos a negação com o morfema *ka* e em Umutína com o morfema *kewa*. Em virtude da escassez de dados do Umutína não é possível testar se a forma *-wa* constitui um morfema isolado com alguma função modal ou aspectual. De qualquer forma, temos a correspondência regular do fonema Bo *k* : Um *k*.

#### **8.4. Sobre o Imperativo**

De acordo com Camargos (2010), construções no modo imperativo, na língua Boróro, podem receber partículas modalizadoras de comando, como a partícula

*do*. Pretendemos, futuramente, aprofundar o conhecimento da função dessa partícula no discurso Boróro.

Analisando os dados das três línguas, observamos duas marcas para o imperativo, *-ta*, para Otúke e para o Umutína, e *-do*, para o Boróro, conforme pode ser verificado nos exemplos abaixo:

Glosa	Otúke	Boróro	Umutína
‘beba você’	oake- <i>ta</i> (coma!)	a-ku- <i>do</i>	a-ku- <i>ta</i> ‘você (vai) beber’
‘caminhe você’	a-neru- <i>tà</i> ‘	a-meru- <i>do</i>	a-menu- <i>ta</i> ‘vá andar

Verificamos, ainda, em um dado das línguas Kovareka e Kuruminaka, a ausência de qualquer morfema modal em Kovareka e a forma *-tuto* em um dado Kuruminaka.

Glosa	Kovareka	Kuruminaka
‘beba você’	a-ko	a-kututo

Assim, observa-se que os morfemas do imperativo são evidentes cognatos nas três línguas, tendo em vista as regulares fonéticas *d:t:t* (nas línguas Boróro, Otúke e Umutína, respectivamente) e *a:o* (na línguas Boróro e Otúke, respectivamente).

Boróro	-do
Otúke	-ta
Umutína	-ta



## 8.5. Resquícios do prefixo relacional?

### Em Boróro

Rodrigues (1995) identifica em Boróro resquícios do que seriam prefixos relacionais<sup>29</sup> na língua. Esses resquícios são representados nessa língua por consoantes intercaladas entre os prefixos pessoais e a os temas verbais. Rodrigues (op. cit.) identificou ainda cinco séries, a saber:

Consoante intercalada	Ambiente
<i>k</i>	Diante de todos os temas iniciados com vogal anterior.
<i>k</i>	Diante de temas iniciados por vogal posterior, quando o marcador de pessoa termina com vogal posterior.
<i>t</i>	Quando a vogal do marcador é anterior.
<i>g e d</i>	As surdas <i>k</i> e <i>t</i> dão lugar as sonoras <i>g</i> e <i>d</i> , quando o marcador de pessoa começa por consoante.
<i>n</i>	Há um subconjunto de temas começados por vogal posterior que ao invés de <i>t</i> e <i>d</i> recebem <i>n</i> após o marcador com vogal posterior.

### Exemplo:

'boca'
okwa 'boca'
i-n-ogwa 'minha boca'
a-k-ogwa 'tua boca'
okwa 'boca dele'
pa-g-ogwa 'nossa boca' (incl.)
ce-g-ogwa 'nossa boca' (excl.)

<sup>29</sup> Os prefixos relacionais têm como função marcar "as relações de dependência e contiguidade sintática entre termos ou expressões determinantes e os núcleos por estes determinados" (Cabral, 2000, p.233).

---

ta-g-ogwa ‘boca de vocês’

e-n-ogwa ‘boca deles’

---

Rodrigues (1995) destaca que além do tema *o*, ‘dente’, ao qual intercala uma consoante *t* entre ele o seu determinante, há outro tema *o*, ‘posse inalienável’, ao qual se intercala uma consoante *n* entre este o seu determinante e que, muito provavelmente, é cognato de *ō* da língua Timbira com o mesmo significado. Exemplos:

---

**‘dente’**

o ‘dente’

i-t-o ‘meu dente’

a-k-o ‘teu dente’

∅-o ‘seu dente’

pa-g-o ‘nosso dente’ (incl.)

ce-g-o ‘nosso dente’ (excl.)

ta-g-o ‘teus dentes’

e-t-o ‘seus dentes’

---

---

**Posse alienável – Boróro**

i-n-o ‘minha posse alienável’

a-k-o ‘tua posse alienável’

∅-o ‘sua posse alienável’

pa-g-o ‘(incl.) ‘nossa posse alienável’

ʃe-n-o (excl.) ‘nossa posse alienável’

ta-g-o ‘tuas posses alienáveis’

e-n-o ‘suas posses alienáveis’

---

---

**Posse alienável– Timbira**

i y-ō ‘minha posse alienável’

a y-ō ou ŋō ‘tua posse alienável’

---

h-õ	‘sua posse alienável’
-	‘nossa posse alienável’
-	‘nossa posse alienável’
-	‘tuas posses alienáveis’
-	‘suas posses alienáveis’

Rodrigues (1995) salienta que a forma de terceira pessoa pode ser uma correspondência perfeita entre as duas línguas. A hipótese de Rodrigues para explicar historicamente as mudanças fonológicas que deram ao Boróro a sua feição atual são:

- a. *y* evoluiu para *k* (provavelmente através de *k* e *k<sup>w</sup>*) diante de vogal anterior e também diante de vogal posterior quando precedido de outra vogal posterior;
- b. *y* evoluiu para *t* ou *n* entre vogal anterior e vogal posterior, segundo fosse a segunda vogal originalmente oral ou nasal;
- c. todas as vogais nasais se desnasalizaram. A mudança *y > w* ou vice-versa é bem conhecida de outros domínios linguísticos.

### Em Umutína

Lima (1995) distingue em Umutína duas classes de nomes, os alienáveis e os inalienáveis.

De acordo com a autora (op. cit.)

Em construções possessivas com nomes prototipicamente possuídos, o morfema pronominal apoia-se diretamente no radical do nome que apresenta relação de posse inerente ou propriedade permanente/necessária com seu possuidor. Verifica-se, entretanto, processo morfofonológico em radicais iniciados pelas vogais *a-* e *o-*, antes das quais se realizam as consoantes de ligação =*t* e =*n*=, respectivamente. Quando a vogal que inicia o radical é *-a*, a consoante =*t*= ocorre na expressão de posse com a primeira pessoa do singular; quando a vogal inicial é *-o*, a consoante =*n*= ocorre quando o

possuidor é de primeira pessoa do singular, primeira pessoa do plural (exclusiva) ou terceira pessoa do plural (p. 135).

<b>-a</b>	<b>-o</b>	<b>DEMAIS SEGMENTOS</b>	
<b>i=t=akɔpɔ</b>	i=n=oza	i=eruka	i=ito
<b>1=ConsLig=dente</b>	<b>1=ConLig=boca</b>	1-língua	1=flecha
<b>‘meu dente’</b>	<b>‘minha boca’</b>	<b>‘minha língua’</b>	<b>‘minha flecha’</b>
<b>a=akɔpɔ</b>	a=oza	a=wapu	a=tipa
<b>2=ConLig=dente</b>	2=boca	2=coração	2=casa
<b>‘teu dente’</b>	<b>‘tua boca’</b>	<b>‘teu coração’</b>	<b>‘tua casa’</b>
<b>ʃ= akɔpɔ</b>	ʃ=oza	∅=wapu	u=ʃoriso
<b>3=dente</b>	2=boca	3=coração	3=esposa
<b>‘seu dente’</b>	<b>‘tua boca’</b>	<b>‘teu coração’</b>	<b>‘sua esposa’</b>
<b>re- akɔpɔ</b>	re=n=oza	re-bore	re=palo
<b>1+3=dente</b>	<b>1+3+ConsLig=boca</b>	1+3=pé	1+3=machado
<b>‘nossos dentes’</b>	<b>‘nossas bocas’</b>	<b>‘nossos pés’</b>	<b>‘nossos machados’</b>
<b>pa= akɔpɔ</b>	pa=oza	pa=ito	pa=meta
<b>1+3=dente</b>	<b>1+2+ConLig=boca</b>	1+2=boca	1+2=saia
<b>‘nossos dentes’</b>	<b>‘nossas bocas’</b>	<b>‘nossas bocas’</b>	<b>‘nossas saias’</b>
<b>ta= akɔpɔ</b>	ta=oza	ta=kopia	ta=zoro
<b>5=dente</b>	<b>5=ConLig=boca</b>	5=pescoço	5-fogueira
<b>‘teus dentes’</b>	<b>‘tuas bocas’</b>	<b>‘teus pescoços’</b>	<b>‘tuas fogueiras’</b>
<b>e= akɔpɔ</b>	e=n=oza	e=ze	e=porikopo
<b>6=dente</b>	<b>6=ConLig=boca</b>	6=rosto	6=panela
<b>‘seus dentes’</b>	<b>‘nossas bocas’</b>	<b>‘seus rostos’</b>	<b>‘suas panelas’</b>

Quadro 23: Formas da posse pronominal (Lima, 1995, p. 134)

### Em Otúke

Analisando os dados do Otúke (Créqui-Montfort e Rivet (1912, 1913)), foi possível identificar algumas palavras que, aparentemente, também conservaram

resquícios dos prefixos relacionais, conforme pode ser verificado nos exemplos abaixo. Só foi possível identificar dados de 1ª e 2ª pessoas.

‘meu nariz’	i-f-eno
‘teus narizes’	te-g-no
‘minha língua’	i-f-eru
‘meu ânus’	i-f-era
‘meu queixo’	i-t-iura
‘meu dente’	i-t-i-o
‘minha cabeça’	i-k-itaó

Observando os dados do Otúke, constata-se, a princípio, que a língua teria três consoantes intercaladas para primeira pessoa: *-f-*, *-t-*, e um *-k-*. Para a segunda pessoa, foi identificado uma consoante *-g-*. Ressalta-se que em Boróro, quando o marcador tem uma consoante surda seguida por vogal a consoante intercalada se sonoriza, uma hipótese também viável para explicar o aparecimento do *-g-* do Otúke.

### Em Umutína

De acordo com Lima (1995), em Umutína há duas subclasses de substantivos: os inalienáveis e os alienáveis. Os primeiros nomeiam as coisas da natureza e não admitem o marcador de pessoa. Os demais são de natureza alienável, recebem a noção de posse.

Para o subconjunto dos substantivos alienáveis, Lima (1995, p. 77), apresenta um paradigma com as formas dos marcadores de pessoa encontrados no verbo.

1ª p.s.	i-, i-f
2ª p.s.	a-, ai-

3 <sup>a</sup> p.s.	Ø, u, -f
1 <sup>a</sup> p.p. Incl.	pa-
1 <sup>a</sup> p.p. Excl.	re-
2 <sup>a</sup> p.p.	ta-, tai-
3 <sup>a</sup> p.p.	e-
co-ref	ti-

Nos dados do Umutína (Lima (1995) e Schultz (1952)), encontramos os exemplos abaixo. Devido à escassez de dados não foi possível localizar exemplos com paradigmas completos.

‘minha flecha’	i-f-o
‘tua flecha’	a-t-o
‘meu cabelo’	i-f-azo
‘meu dente’	i-f-okopo
‘meu fígado’	i-f-a
‘coração dele’	f-uapo
‘minha cabeça’	i-f-azo

Observa-se que nos exemplos ‘minha flecha’ e ‘tua flecha’, temos para 1<sup>a</sup> pessoa um *-f-* intercalado, e para a 2<sup>a</sup> pessoa, observamos um *-t-* intercalado, que não aparece na tabela proposta por Lima (1995). Em virtude da falta de dados, não é possível montar o paradigma completo das consoantes intercaladas em Umutína, bem como o ambiente de ocorrência do subconjunto dos nomes alienáveis.

### 8.6. Considerações sobre os prefixos relacionais

Os dados das três línguas, Boróro, Otúke e Umutína, não deixam dúvidas de uma antiga série de prefixos relacionais, ainda hoje ativos na língua Boróro. Esses

prefixos tinham a função de estabelecer relação sintática entre nome e o seu determinante. Por exemplo:

Boróro	‘meu dente’	i-t-o
Otúke	‘meu dente’	i-t-io
Umutína	‘meu dente’	i-t-akopo
<hr/>		
Boróro	‘minha cabeça’	i-t-awara
Otúke	‘minha cabeça’	i-k-taw
Umutína	‘minha cabeça’	azo
<hr/>		
Boróro	‘teus narizes’	ta-g-no i-k-eno
Otúke	‘teus narizes’	te-g-no i-f-eno
Umutína		
<hr/>		
Boróro	‘tuas bocas’	e-n-ogwa
Otúke		
Umutína	‘nossas bocas’	e-n-oza

Os dados das três línguas mostram uma correspondência fundamental de prefixos relacionais, ressaltando os processos assimilatórios que esses sofriam em função da intervocalidade, no caso, a sonorização em Boróro, assim como a posteriorização de *t*- em temas com vogais anteriores, nas três línguas, e a presença de um alomorfe nasal em temas como, por exemplo, para ‘boca’.

### 8.7. Algumas considerações gerais

Neste capítulo, apresentamos mais fundamentação empírica, com base em dados gramaticais, para fortalecer a hipótese de relacionamento genético entre as línguas Boróro, Otúke e Umutína. A análise realizada não deixa dúvidas do forte relacionamento genético entre essas línguas. Além das correspondências sonoras sistemáticas já apresentadas no capítulo VI, identificamos também correspondências

gramaticais sistemáticas, tais como: (i) os marcadores de pessoa, com ênfase na 1ª e 2ª pessoas do singular e na 1ª pessoa exclusiva do plural, (ii) o atenuativo, (iii) a forma da negação; (iv) o imperativo e (vi) os resquícios dos antigos prefixos relacionais. Com relação aos marcadores de pessoa, identifica-se que as línguas Boróro e Umutína compartilham mais semelhanças que a língua Otúke. Sobre o atenuativo, as línguas Boróro e Otúke mostram-se mais próximas entre si que com a língua Umutína. A forma negativa só foi encontrada em Boróro e em Umutína. As formas identificadas *ke Um : ka : Bo*, evidenciam a grande proximidade entre essas línguas. Sobre o imperativo, observa-se que são evidentes os cognatos nas três línguas: *Um t: Ot t: Um d*. Por fim, sobre os resquícios de antigos prefixos relacionais nas três línguas, identificamos em todas elas consoantes de ligação que, na história dessas línguas, podem ter sido prefixos relacionais.



## CAPÍTULO IX

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Esta tese cumpriu com o seu objetivo principal, o de fundamentar a constituição interna da Família Boróro, conforme Rodrigues (1986, 1999). Munidos de um maior número de dados e de correspondências sonoras e gramaticais do que os trabalhos precedentes, reunimos mais provas de que Boróro, Umutína, Otúke, Kovareka e Kuruminaka constituem uma família linguística.

Como parte de nossos objetivos, reconstruímos proto-formas que constituem dados válidos para uma comparação da família Boróro com outras famílias linguísticas do mesmo tronco, de forma que se possa estabelecer em trabalhos futuros graus de proximidade genética entre elas e, finalmente, construímos um modelo arbóreo para a família Boróro.

A comparação considerou dados das três primeiras línguas, já que há um número bastante limitado de dados do Kovareka e Kuruminaka, apesar desses dados serem reveladores de maior grau de relações genéticas entre elas e o Otúke.

Embora a língua Umutína não seja mais falada, Lima (1995) conseguiu registrar dados dos últimos falantes dessa língua. Quanto ao grupo Otúke, este já havia desaparecido no início do século passado, restando da língua por ele falada, apenas uma lista de vocábulos coletada por Alcides D'Orbigny, viajante francês, em 1831.

Sobre o registro e a publicação de literatura referente a essas línguas, observou-se que o Boróro é a língua que dispõe de maior número de trabalhos antropológicos e descrições linguísticas publicados, destacando-se a Enciclopédia Boróro (1962), que é um volumoso material publicado no formato bilíngue (Boróro-Português) pelos padres salesianos, Albisetti e Venturelli.

Embora alguns teóricos já tivessem levantado a possibilidade do Otúke ser membro da família Boróro, faltava uma análise comparativa aprofundada das três línguas que buscasse reunir regularidades sistemáticas, tanto sonoras quanto gramaticais entre elas e que fundamentassem o seu parentesco genético.

O estudo através do qual demonstramos as correspondências sonoras entre Boróro, Otúke e Umutína serviu-se de 176 etimologias, a partir das quais elaboramos e discutimos hipóteses sobre as mudanças sonoras ocorridas através das línguas comparadas e propomos a reconstrução de proto-formas para cada uma das 176

etimologias. O estudo nos permitiu reconstruir nove proto-fonemas consonantais e seis vocálicos para o Proto-Boróro.

Embora os dados do Kovareka e do Kuruminaka sejam tão poucos, não deixam dúvidas de que são estreitamente relacionadas ao Otúke.

Por outro lado, fica claro que o Umutína inovou mais do que o Boróro e do que o Otúke, desenvolvendo, por exemplo, um som  $\phi w$  a partir do PBO  $*p$ :

*'bosta, excremento'*

- UM  $p\phi e$
- BO  $pe$

Desenvolveu também um alomorfe  $l$  a partir do PBO  $*r$ :

*'piraputanga'*

- PBO  $*arar\acute{i}$
- BO  $arar\acute{i}$
- UM  $alare kore$

Enfraqueceu o  $g$  intervocálico, reflexo de PBO  $*k$ , mudando-o para  $\emptyset$ .

*'algodão'*

- PBO  $*akiku$
- Bo  $akigu$  (O, A)
- Ot  $akihu mari$
- Um  $akio pu$  'fio de a.'

As três línguas sofreram labialização dos reflexos do PBO  $*k$ , quando este era precedido de  $o$  ou  $u$ , mas apenas Otúke e Umutína ensurdeceram  $k$ :

- Bororo  $-kw$
- Otúke  $-hw$
- Umutína  $-\phi w$

Essas três línguas apresentam reflexos sonorizados do PBO *\*p*, *\*t* e *\*k* em posição intervocálica. O Boróro foi a única língua que fonemizou todos os reflexos. O Umutína fonemizou apenas *b* e o Otúke só não fonemizou o *g*.

Apenas Otúke e Umutína palatalizaram os reflexos do PBO *\*t* quando este era precedido dos reflexos do PBO *\*i*, sendo que o Umutína foi a única língua que desenvolveu uma palatalização forte dessa sequência de sons.

nº.	Glosa	Boróro	Otúke	Umutína
1)	‘meu dente’	i-to	i-tio	
2)	‘floresta’	itura	itura	ifjula ‘mata’
3)	‘periquito’	kida	kitio	kixo
4)	‘frio’	akodo		akoto
5)	‘bico’	oto	aho	oto

A ausência de um som fricativo ou africado no conjunto de fonemas hipotetizado para o Proto-Boróro nesta tese, deve-se ao fato de não termos identificado cognatos que provassem a existência de correspondências sonoras em favor de um fonema com essas propriedades no Proto-Boróro. Note-se que o Otúke tem *h* que corresponde seja ao *g* ou ao *k* do Boróro. Note-se ainda que o Otúke e o Umutína têm *tf*, *f* ou *s*, quando o Boróro tem *t* ou *k* precedidos de *i*, o que mostra nesses casos um nítido processo de palatalização do Proto- Boróro *k* em Otúke e em Umutína.

E mesmo no Boróro, a única língua viva da família, as palavras com *tf* são relativamente menos numerosas, principalmente as iniciadas por esse som. Entretanto, não descartamos a possibilidade de que o Proto-Boróro teria tido um fonema fricativo ou africado, apenas ressaltamos que os dados disponíveis não fundamentarem essa possibilidade.

As considerações feitas nesta tese sobre aspectos gramaticais das línguas Boróro, Otúke e Umutína reforçam as evidências de parentesco genético entre as três línguas. Das correspondências gramaticais identificadas, destacamos os vestígios de prefixos relacionais nas línguas Otúke e Umutína, considerando que no Boróro ainda são plenamente ativos, destacamos também as correspondências de formas pronominais, e de partículas modais entre as três línguas. Entretanto, só não foi possível estabelecer

correspondências de todas as pessoas nas três línguas por falta de dados do Otúke. Como acentuamos no capítulo VIII, a forma negativa só foi encontrada em Boróro e em Umutína.

Apesar de não podermos nos apoiar em conclusões gramaticais para mensurar graus de relações genéticas entre as línguas, baseadas nas correspondências fonológicas e nas formas dos morfemas das três línguas, postulamos que uma representação arbórea da família Boróro deva aproximar mais o Otúke do Boróro e o Kovareka e o Kuruminaka do Otúke, configurando-se um modelo arbóreo como o seguinte:

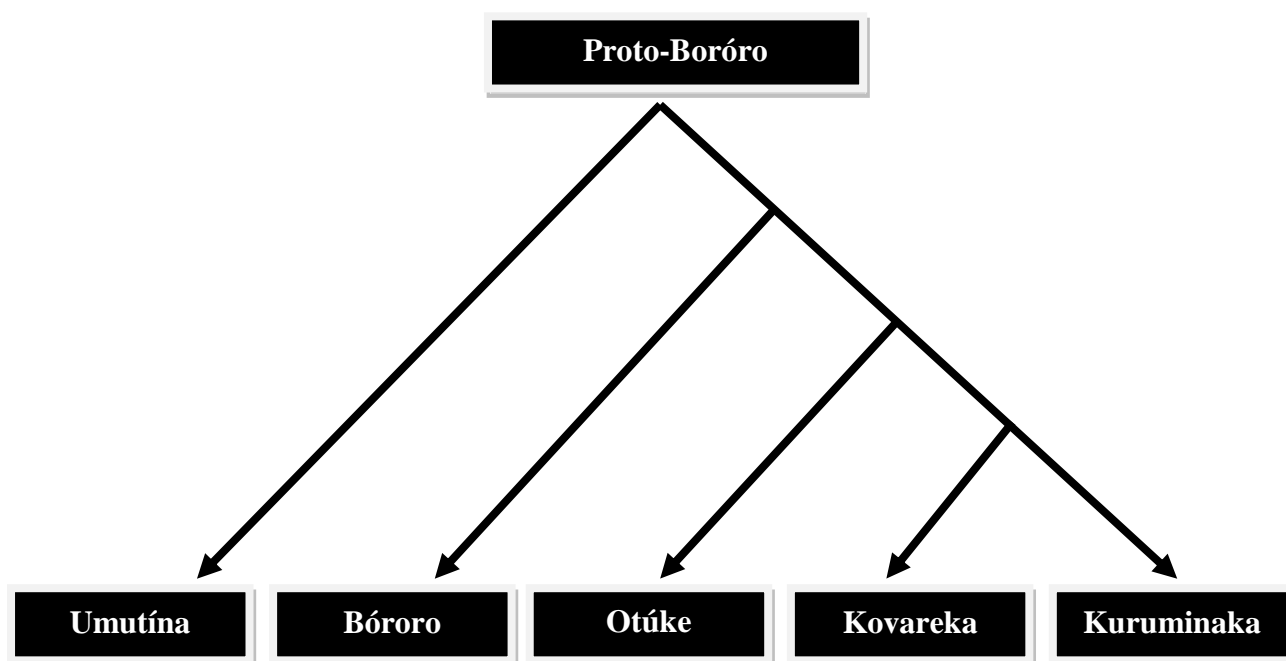


Figura 2: Modelo arbóreo da família Boróro



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALBISETTI, César. (1948). *Estudos e notas complementares sobre os Boróros Orientais*. Contribuições Missionárias, Publicações da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, nos. 2-3, p. 3-24. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (1958). *Nótulas morfemo-etimológicas da língua Bororo*. Actas del 31o CIA, vol. 2: 1073-1082. São Paulo.

ALBISETTI, Cesar; VENTURELLI, Ângelo Jayme. (1962). *Enciclopédia Bororo I. Vocabulário e etnografia*. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco.

\_\_\_\_\_. (1969). *Enciclopédia Bororo II. Lendas e antropônimos*. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco.

\_\_\_\_\_. (1976). *Enciclopédia Bororo III. Textos dos cantos de caça e pesca*. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco.

BORDIGNON, Mário. (1987). *Os bororos na história do centro-oeste brasileiro: bó e-ró marigudúwo*. Campo Grande/ Cuiabá: Missão Salesiana de Mato Grosso/ CIMI-MT.

BOSWOOD, Joan. (1971). *Phonology and morphology of Rikbaktsa and a tentative comparison with languages of the Tupi and Jê families*. Reading (UK): University of Reading. MA thesis.

CABRAL, A. S. A. C. (2001) Flexão relacional na família Tupí-Guaraní. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 25:233-262. Fortaleza.

CABRAL, A. S. A. C. ; RODRIGUES, Aryon Dalligna. (2007a) *Através do Léxico Macro-Jê*. In: Aryon Dall'igna Rodrigues; Ana Suely Arruda Câmara Cabral. (Org.). *Línguas e culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007, v. 1, p. 175-179.

CABRAL, A. S. A. C. ; RODRIGUES, Aryon Dall' Igna. (2007b). *Explorando a hipótese de Rodrigues sobre possíveis conexões genéticas Tupi e Macro-jê*. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

CAMARGOS, Lidiane Szerwinsk. (2010). *Relações gramaticais, aspecto, modo e modalidade em Boróro*. Dissertação de mestrado. Brasília: UnB.

CAMPBELL, L. (1999). *Historical linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

\_\_\_\_\_; MIXCO, M. J. (2007). *A Glossary of Historical Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

CHAMBERLAIN, Alexander Francis. (1910). Sur quelques familles linguistiques peu connues ou presque inconnues de l'Amérique du Sud. *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 7, pp. 179-202.

COLBACCHINI, Antonio. (1924). *I Boróros Orientali "Orarimugodoge" del Mato Grosso, Brasile. Contributi Scientifici delle Missioni Salesiane del Venerabile Don Bosco*. Torino.

\_\_\_\_\_. (1926). *Grammatica dei Bororos-Orarimugodoge del Matto Grosso*. Torino.

COLBACCHINI, Antonio e César Albisetti. (1942). *Os Bororós orientais orarimogodogue do planalto oriental de Mato Grosso: contribuição científica da missão salesiana de Mato Grosso aos estudos de etnografia e etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

CRÉQUI-MONTFORT, G. e RIVET, P. (1912). Linguistique bolivienne. Le groupe Otukè. *Journal de la Société des Américanistes*, volume 9, numéro 2, p. 317– 337.

\_\_\_\_\_. (1913). Linguistique bolivienne. Les affinités des dialectes Otukè. *Journal de la Société des Américanistes*, volume 10, numéro 2, p. 369-377.

CROWELL, Thomas Harris. (1979). *Grammar of bororo(a)*. Ann Arbor: University Microfilms International.

CROWELL, Janet. (2013). *Gramática pedagógica Boróro – um esboço gramatical*. Anápolis – GO: Associação Internacional de Linguística SIL – Brasil.

CROWLEY, T. (1992). *An introduction to historical linguistics*. Auckland: Oxford University Press.

DAVIS, I. (1966). Comparative Jê phonology. *Estudos Linguísticos: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 1, n. 2, p. 10-24.

DAVIS, I. (1968). Some Macro-Jê relationships. *International Journal of American Linguistics*, v. 34, p. 42-47.

DIXON, Robert M W. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge Univ Press.

GUDSCHINSKY, Sarah C. Ofaié-Xavante, a Jê Language. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/OFEstudo.pdf> >. Acesso em 12 de janeiro de 2013.

GUÉRIOS, R. F. M. (1939) O nexu lingüístico Boróro – Merime-Caiapó: *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*, tomo 2, n. 1, p. 61-74. Curitiba.

GREENBERG, J. H. (1987). *Language in the Americas*. Stanford University Press.

HAMP, E. (1969). On Maxakalí, Karajá, and Macro-Jê. *International Journal of American Linguistics*, v. 35, p. 268-270.

HOCK, Hans Heinrich. (1991). *Principles of historical linguistics*. Berlim: Mouton de Gruyter.

*Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. Adaptado do mapa de Curt Nimuendajú. (1944). Rio de Janeiro: IBGE

LEVI-STRAUSS, Claude 1936. Contribution à l'étude de l'organisation sociale des Indiens Bororo. *Journal de la Société des Américanistes*, nouvelle série, tome XXVIII, p. 269-304. Paris.

\_\_\_\_\_. 1957. *Tristes trópicos*. São Paulo: Anhembi.

KAUFMAN, T. (1990). Language History in South of America: what we know more. In: Payned, D. L. *Amazonian Linguistics – studies in lowland South American Language*. Austin: University of Texas, Press.

JOLKESKY, Marcelo Pinho de Valhery. (2010). *Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê Meridional*. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp.

LIMA, S. T. P. (1995). *A língua Umutina: “um sopro de vida”*. Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação de Mestrado.

LOUKOTKA, C. (1942). *Classification of South American Indian languages*. Los Angeles: University of California, Latin American Center.

MAGALHÃES, B. (1919). Vocabulário dos índios Borôro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 83, p. 5-67. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

MARTINS, Andrébio Márcio Silva. (2007). *Revisão da família linguística Kamakã proposta por Chestmir Loukotka*. UnB: Brasília. Dissertação de mestrado.

\_\_\_\_\_. (2011) *Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o guató e o tronco macro-jê*. UnB: Brasília. Tese de doutorado.

MARTINS, Andrébio et alii. 2009. Causativização em línguas do tronco Macro-Jê: primeiras aproximações. *Anais do SILEL*, vol. 1.

MASON, J. A. (1950). THE LANGUAGES OF SOUTH AMERICAN INDIANS. EM: J. H. STEWARD (ED.), *HANDBOOK OF SOUTH AMERICAN INDIANS*, 6:157-317. (BUREAU OF AMERICAN ETHNOLOGY, BULLETIN 143.) WASHINGTON, DC.



MISSÃO SALESIANA. (1908). *Elementos de grammatica e dictionario da língua dos Boróros-Coroados de Matto-Grosso*. Cuiabá: Escolas Profissionaes Salesianas.

NIMUENDAJU, C. (1932). Idiomas indígenas del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad de Tucumán*, 2:543-618. Tucuman: Universidad Nacional de Tucuman.

NONATO, R. B. e Filomena SANDALO. (2008). Uma comparação gramatical, fonológica e lexical entre as famílias Guaikurú, Mataco e Bororo: um caso de difusão areal? *Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi: Ciências Humanas* 2:91-107. Belém.

NONATO, R. B. (2008). *Ainore Boe egore: um estudo descritivo da língua bororo e consequências para a teoria de caso e concordância*. Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado.

OCHOA, G. C. (2002). *Merúri na visão de um ancião Boróro. Memórias de Frederico Coqueiro*. Campo Grande: UCDB.

\_\_\_\_\_. (2001). *Pequeno Dicionário Boróro-Português – a serviço da escola Boróro*. Campo Grande, UCDB.

PIKE, Kenneth Lee. (1943). *Phonetics, a Critical Analysis of Phonetic Theory and a Technique for the Practical Description of Sounds*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

RIBEIRO, Eduardo e VOOT, Heine van der. (2010) Nimuendajú was right: the inclusion of Jabutí language family in the Macro-Jê stock. In: *IJAL*. University of Chicago, vol 76, n. 4. October, pp. 517-570.

RODRIGUES, A. D. (1962). Comparação das línguas Umutína e Boróro, In: Harald Schultz, Informações etnográficas sobre os Umutína, *Revista do Museu Paulista*, n.s., 13:100-105

\_\_\_\_\_. (1986). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo, Loyola.

\_\_\_\_\_. (1993). Uma hipótese sobre flexão de pessoa em Boróro. *Anais da 45a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, vol. 2. Recife: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

\_\_\_\_\_. (1999). Macro-Jê. R. M. W. Dixon and Alexandra Y. Aikhenvald, orgs., *The Amazonian Languages*, pp. 164-206. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. (2000). Flexão relacional no tronco Macro-Jê. *Boletim da Abralín*, vol. 25, org. Maria Elias Soares. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2001.

SCHULTZ, Harald. (1952). Vocabulário dos índios Umutína. *Journal de la Société des Américanistes*, volume 41, número 1, p. 81-137.

SILVA NETO, Ambrósio Pereira da. (2007). Revisão da classificação da família linguística Purí. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília – UnB.

THOMASON, S. G e KAUFMAN, T. (1988). *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley:University of California Press.

TONELLI, Antonio e Alfredo TROMBETTI. (1925). *La lingua dei Bororo-Orarimugudoge secondo i materiali pubblicati dalle missioni salesiane. Studio comparative. Contributi scientifici delle missioni salesiane del venerabile Don Bosco*. Torino: Società Editrice Internazionale.

URAAAN SURUÍ, Anderson, CABRAL, Ana Suelly A. C. O surgimento de um sistema de classificadores em uma língua Tupí. Trabalho apresentado no Encontro Internacional Os Diferentes modos como as Línguas Indígenas Brasileiras Classificam Referentes de Nomes: abordagem empírica linguística e cognitiva.

VIANA, Adriana. (2003a). Tempo, aspecto e modo em Boróro. *Pesquisa Lingüística*, 7: 30-47. Brasília: UnB.

\_\_\_\_\_. (2003b). *Morfossintaxe da língua Boróro*. Exame de qualificação. Brasília: UnB (ms.)

\_\_\_\_\_. (2007). Dissimilação de sonoridade em Boróro: uma abordagem com base no principio do contorno obrigatório. In Aryon D. Rodrigues e Ana Suelly A. C. Cabral (orgs), *Línguas e culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Finatec.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### Etimologias Macro-Jê (Greenberg, 1987)<sup>30</sup>

1. Todos Boróro: Umutína *bota*. Botocudo *pota*. Karajá *ibote*. Jê: Kroho *piti*, Ramkokamekrá *hipudu* ‘cheio’. Kamakã: Masakarã [*pautzöh*] ‘muitos’.
2. Formiga Botocudo *prik*; Karajá *waθa*. Fulniô *felaloea*. Jê: Krenje *preme*; Apinajé *muruma*; Guató *ma-fara* (Guató *ma-* é um artigo da classe III encontrada em vários nomes). Purí *putu*.
3. Seta Jê: Ramkokamekrá *pænni* ‘espinho’. Kaingang: Tibagi *pan* ‘to shoot’, *Dalbergia pænnũ* ‘to shoot’ (sing. sujeito). Kamakã *wãn*. Maxakalí: Maxakalí *pahan*, Macuni *paan*. Purí: Coroado *apun*, Coroado *apun*, Koropó *pan, fan*.
4. Tia Boróro *ituje* ‘irmã’. Jê: Krenje *tije*, Kradaho *tuia* ‘avó’. Maxakalí: Malali *ate, ita* ‘mulher’, Capoxo *itaj*. Ofaié: Ofaié *čitoje* ‘mãe’, *taje teje* ‘mulher’, Guachi *outie* ‘mulher’.
5. De volta, voltar Umutína *i-puru*, Umutína *i-puru*. Karajá *bra*. Chiquito *i-piriki* ‘atrás’. Jê: Krenje *Poti* ‘coluna’, Ramkokamekrá *panjatudu, panjonko* ‘nádegas’. Guató *ipana* ‘cauda’. Kaingang: Apucarana *pani*, Tibagi *pani* ‘preto, atrás’.
6. Casca (pele) Guató (*ma*)-*fæ* ‘pele’ (Schmidt), *i-fai* (Martius) ‘pele’. Purí: Coroado *pe*.
7. Bonito<sub>1</sub> Jê: Krenje *pej* ‘bonito’, bom’. Maxakalí: Maxakalí *epai*, Capoxo *epai*, Malali *epoi*, Macuni *ibai* ‘bom’.
8. Bonito<sub>2</sub> Botocudo *potain* ‘bom’. Jê: Apinajé *baati, pet*, Ramkokamekrá *impeid*. Purí *bate*.
9. Barriga Boróro: Umutína *ona* ‘abdomen’. Jê: Kradaho *i-nioŋu*, Kayapó do norte *i-ñi*. Maxakalí: Maxakalí *inioñ*, Macuni *anioñ*.

<sup>30</sup> O nome das línguas indígenas foram atualizados para a ortografia atual.

10. Morder (verbo) Kaingang: Dalbergia *plɔ* (sing. suj.), Tibagi *pra*. Kamakã: Meniens *imbro*.
11. Amargo Botocudo *korok*. Karajá *i-s̃øra*. Chiquito *okoro* ‘ser azedo’. Kamakã *kwade* ‘ser afiada’.
12. Preto Botocudo *him, hime*. Oti *hon*.
13. Sangue Boróro *ku*. Purí: Koropó *iku*.
14. Osso Botocudo *kijjæk*. kaingang *kuka*.
15. Respirar Boróro *akke*. Chiquito *at<sup>s</sup>i* (reconstrução interna \*aki).
16. Irmão<sub>1</sub> Jê: Kayapó *itɔ, itoŋ*, karaho *tõ* (*tõi* ‘irmã’), krenje *to* ‘jovem irmão’. Kamakã: Meniens *ato*. Cf. ‘tia’.
17. Irmão<sub>2</sub> Botocudo *kijak* ‘irmão, irmã’. Kamakã *kejak*.
18. Queimar (v) Botocudo *pek*. Rikbaksá *okpog-maha*. (-*maha* é um sufixo verbal). Jê: Karaho *puk*.
19. Chamar Boróro: Boróro *kie* ‘nome’, *akə, agə* ‘dizer’. Umutína *akaro* ‘gritar’. Jê: Proto-Jê \**kə(r)*. Guató *okaaje*. Kaingáng: Palmas, Tibagi *ke* ‘dizer’.
20. Limpo Botocudo *kurĩ* (limpar). Kaingáng: Tibagi *kyron* ‘novo’. Kamakã [kekorroh] ‘branco’.
21. Frio Karajá *k(e)re*. Jê: Proto-Jê \**kry*.
22. Cobrir Boróro: Boróro *mi* ‘fechar’, Umutína *momí* ‘fechar’. Jê: Kradaho *emi*.
23. Crocodilo<sub>1</sub> Boróro *amena* ‘lagarto’. Jê: Proto-Jê \**mĩ*, \**mĩñ*. Maxakalí *mãʔãŋ*.
24. Crocodilo<sub>2</sub> Botocudo *čaj*. Kamakã *uhie*. Maxakalí:Malali *ae*.
25. Torto Botocudo *ntang, tangtang*. Jê: Krenje *tone*.
26. Chorar Chiquito *ipu*. Fulniô *fowa* ‘gritar’. Kaingáng: Tibagi *fa, fuá*. Maxakalí *opo* ‘ele chora’.
27. Cortar Boróro *ki, ka*. Botocudo [gyh]. Chiquito *ki* ‘voar’. Cf. Ofaié *kijeñi* ‘faca’.

28. Dia Karajá *tiuu* ‘dia, sol’. Chiquito *t<sup>s</sup>uu* ‘dia, sol’. Guató *ma-čuo*. Kamakã [yöçö] ‘dia, sol’
29. Defecar Botocudo *inku* ‘excremento’. Karajá *ku*. Jê: Krenje *ikwø*, kraho *khwy*, Ishikrin *ikoa*, Kayapó *ikuo* ‘excremento’.
30. Cachorro Karajá *avoa(i)* ‘jaguar’. Chiquito *bau* ‘animal’. Guató *ma-vii*, (*ma*)-*væ*. Kaingáng:Kaingáng do sul BA, *mban*.
31. Vestir Botocudo *atak* ‘cobrir’ (bedecken). Karajá *deke*, *deku* ‘roupa de mulher’, *taku* ‘roupa’.
32. Beber<sub>1</sub> Botocudo *žop*. Maxakalí *ĩ-čöob*.
33. Beber<sub>2</sub> Boróro: Boróro *kudu(o)*, Umutína *i-kotu*. Fulniô *i-kote*.
34. Ouvido Boróro: Boróro *bia*, *via*, Umutína (*m*)*bia*. Guató (*ma*)-*ve*, (*ma*)*vi*.
35. Terra Fulniô *FEA*, *Fe*. Guató (*ma*)-*fo*.
36. Ovo Chiquito *čiki* ‘ovo, testículo’. Fulniô *eska* ‘ovo, testículo’ Cf. Kamakã: Meniens *sakre*.
37. Olho<sub>1</sub> Botocudo *ketom*. Chiquito [çuto] ‘olho, buraco, janela’. Kamakã:Kamakã [kodoh], Cotoxo *kitho*, *kedo*. Maxakalí:Malali *keto*, Hahahay *áčeto*.
38. Olho<sub>2</sub> Fulniô *i-to*. Jê: Proto-Jê \**nɔ*, Krenje *to*, Cayapo do norte *into*. Acroamirim *aintho*.
39. Cair Kaingáng *kuta*, *kute*. Kamakã *kičei*. Maxakalí:Macuni *gote*.
40. Gordura Jê: Proto-Jê \**twəm* ‘gordura, graxa’. Kaingáng: Came *taimbe* (adj.), Tibagi *tang* (adj.). Maxakalí –*top*.
41. Feminino Botocudo *tontan* ‘esposa’. Kaingáng: Palmas *tantã*. Oti *dondu-ede*.
42. Poucos Jê: Krenje *kri*, CrenJêz *nkrie*. Purí: Coroado *kre*.
43. Dedos Botocudo *kekri* ‘junto’. Boróro: Boróro *kerá* ‘mão’. Otuke *keara* ‘mão’. Jê: Krenje *krãř*, Cayapo *i-ni-krai*. Kamakã:Kamakã *in-kru* ‘mão’, Cotoxo *nin-kre* ‘mão’.
44. Peixe Jê: Proto-Jê \**tep*. Kamakã *topa* ‘comida’.

45. Plano Botocudo *impa*. Jê: Proto-Jê \**pɔ* ‘amplo’.
46. Farinha Maxakalí: Malali *Kuniæ*, Capaxo *kon*. Yabuti *ukoni* ‘cinzas, sal’.
47. Floresta Jê: Shavante *anta*. Kamakã: Cotoxo *antho*, Meniens *anto*.
48. Amigo Boróro *media*, *meduia*, *mede*. Fulniô *i-mti*.
49. Sapo<sub>1</sub> Jê: ApinaJê *pri*, Kradaho *bri*. Ofaié *pera*.
50. Sapo<sub>2</sub> Boróro *ru* ‘sapão’. Karajá *ara*.
51. Fruta Karajá *te* ‘semente’. Chiquito *ita*. Maxakalí *-ta?* [ Davi compara o Maxakalí com a forma do Proto-Jê \**rã* ‘flor’ e e Karajá *ra* ‘fruta’.
52. Bom<sub>1</sub> Boróro: Kovareka *emaka*, Otuke *i-maxe-he* ‘eu vou bem’. Jê: Proto-Jê \**meč*. Maxakalí *mač*. Purí Coroado *meka* ‘bonito’.
53. Bom<sub>2</sub> Boróro *akku* ‘limpeza’, *aku-(dda)* ‘limpar’. Fulniô *kaka*. Kaingáng: Cam *ke*. Kamakã: Cotoxo *koiki*. Cf. Branco<sub>2</sub>.
54. Avô Fulniô *i-to*, *t<sup>h</sup>ej*. Jê: Apinajé *tui*. Purí: Coroado *anta*.
55. Grama Boróro: Otúke *oro* ‘palha’. Kaingáng: Tibagi *are* ‘campo, grama’, Apucarana *re* ‘campo’, Guarapuava *ire* ‘campo’.
56. Cabelo<sub>1</sub> Botocudo *ke*. Chiquito *iki* ‘para baixo’. Proto-Jê \**ki*, Kaingáng: Guarapuava *kek*. Kamakã *ka*, *ke*, Maxakalí: Malali *akø* ‘cabeça’ *kai* ‘cabelo’. Purí *ke*, Coroado *ke* ‘cabeça, cabelo’. Jabutí: Arikapú *ši-kaæ* ‘cabeça’.
57. Cabelo<sub>2</sub> Karajá *ira* ‘cabaleira’. Rikbaktsá *ka-ari*. Fulniô *li*. Jê: Krenje *ara* ‘para baixo’.
58. Difícil Chiquito *taio*. Fulniô *t<sup>h</sup>ea*. Jê: Krenje *tøj* ‘difícil, forte’. Kaingan: Dalbergia *tuju* ‘forte’.
59. Cabeça Boróro: Otúke *i-kita*. Botocudo *kræn*, *ku*. Karajá *ra(-dũ)*. Jê: Proto-Jê \**krã*. Kaingáng: Palmas *krĩ*, Bugre *akreng*. Kamakã: Kamakã [herrad], Masakarã [achoroh]. Ofaié *kate*, *kete*, *kite*.
60. Ouvir<sup>1</sup> Boróro *mearu*, *meru*. Jê: Proto-Jê \**ma*, *mar*. Kaingáng: Came *me*, Tibaji *me*.

61. Ouvir<sup>2</sup> Botocudo *apa*. Jê: Karaho *pa*.
62. Aqui Botocudo *kre*. Kaingáng: Aweikoma *kri*. Purí: Coroado *kara*, Koropo *kra*.
63. Bater Boróro *okori*. Jê: Aponegikran *i-kura* ‘matar’, Crengez *gura* ‘matar’. Guató *ne-keera*. Ofaié *hẽ-gere-xe* ‘matar’
64. Buraco<sup>1</sup> Botocudo *kro*. Jê: Krenje *kre*, Kayapó *kre*. Ofaié *igri*. [O autor deduz que seja a palavra para nariz = ‘buraco do nariz’].
65. Buraco<sup>2</sup> Kaingáng *doro* [geral nas línguas Kaingáng]. Purí: Koroado *dore* ‘caverna’.
66. Quente Botocudo *kerong* ‘ardente’. Jê: Kayapó do norte *krenkio*. Kamakã *granka*.
67. Casa Boróro *bai, baa, baha* ‘aldeia’. Chiquito *poo*. Kamakã: Masakará *pa*.
68. Quanto custa? Botocudo *tan*. Kaingáng: Palmas *ndena*.
69. Matar Boróro: Boróro *bi* ‘morrer’, Umutína *bia* ‘morrer, matar’. Fulniô *we*. Jê: Proto-Jê *\*pĩ(r)*.
70. Faca Fulniô *k<sup>h</sup>ecĩ* ‘dividir’. Jê: Suya *kodu*. Kamakã *kedia*.
71. Esquerdo (lado) Jê: Proto-Jê *\*-ke, \*keč*. Maxakalí *čac*.
72. Lamber Kaingáng *Tuma*. Purí: Coroado *tompe, tope*. Koropo *tupe*.
73. Mentir Botocudo *uwin, avin*. Karajá *ibine* ‘mal’. Fulniô *wĩ*. Kaingáng: Palmas *vĩ* ‘língua’, Serra do Chagu *wen* ‘falar’, Tibaji *vin* ‘falar’.
74. Fígado Karajá *baa*. Jê: Proto-Jê *\*ma*. Krenjez *im-pa*, Xavánte *in-pa* (coragem). Guató *ipe*.
75. Piolho Boróro *pipi*. Chiquito *apa*. Rikbaktsá *pepe*. Jê: Apinajé *bi* ‘pulga’, Krenjez *iwapw* ‘pulga’.
76. Homem Guató *ma-tai, (ma)-de*. Kaingáng: Serra do Chagu, Apucarana *ti*. Maxakalí: Maxakalí *tik, tihejj*, Monachobm *tehej*. Oti *inuade*.
77. Muito Karajá *tede* ‘muito’, *titire* ‘muito’. Jê: Krenje *te*, Krenjez *titi*. Kaingáng: Palmas *ete*, Guarapuava *ititi*.



78. Carne Botocudo *č̃in, ač̃im*. Kaingáng: Came *tini*. Maxakalí: Maxakalí, Macuni, Kumanasho *tiungin*. Purí: Koroado *č̃ama* ‘animal’
79. Macaco Jê:Proto-Jê *\*kukəz*, Apinajé *kukoi*, Krenjez *kuxui*. Kaingáng: Catarina *ngugn*. Maxakalí: Pataxó *kuki*. Opaié *Kai, kaikã*.
80. Lua Chiquito *paa*. Fulniô *fea* ‘estrela’. Jê: Jeiko *paang*. Guató *mabeu* ‘estrela’, *upina*. Kamakã *pióng* ‘estrela’, Meniens *pinia* ‘estrela’, Kotoxo *peo, pião* ‘estrela’. Maxakalí: Maxakalí, Pataxó *pua*. Purí: Koroado *ope* ‘sol’.
81. Mosquito Botocudo *kook* ‘fly’. Karajá *ahæ*. Jê: Xavante *kuku* ‘voar’. Guató (ma-)ka. Kaingáng (geral) *ka* ‘mosquito, voar’. Ofaié *kaka* ‘voar’.
82. Boca Kaingáng:Tibaji *jentky*. Kamakã: Meniens *iniatago*. Maxakalí: Malali *ajatako*, Hahahay *ajatako*.
83. Pescoço Karajá *θau*. Chiquito *tii*. Guató (ma-)to. Kaingáng: Came *ndui*. Ofayé *towe* ‘nuca’, *toe-hi, tou-ñi*. Purí *thong*, Koroado *tong, ton*.
84. Novo Botocudo *orang*. Purí; Koroado *oron* ‘lua nova’
85. Nariz Boróro *eno*. Chiquito *i-nja*. Jê: Proto-Jê *\*ñi-ña-krɛ*, Krenje *nja*. Kaingáng: Came, Tibaji *niñe*. Purí: Purí, Koroado *ñe*. Jabutí *nini-kokne* (*kokne* = abertura).
86. Velho Boróro *kuri* ‘grande’. Chiquito *a-t<sup>s</sup>iri-bo* (*t<sup>s</sup> < \*k*). Fulniô *efe-kla* ‘homen velho’, *ke-kla* ‘ancestrais’. Otí *ekeri*.
87. Outro Botocudo *ihoen*. Jê: Krenje *ñõ*. Kaingáng *hon, om*, Dalbergia *on, un*. Jabutí: Mashubi *no*.
88. Dor Boróro: Umutína *ori* ‘dói’. Chiquito *s-ura-k* ‘eu estou doente’.
89. prensar Botocudo *atom* ‘espremer’. Chiquito *tume*.
90. Colocar Fulniô *ne* ‘fazer’. Kaingáng: Dalbergia *ne* ‘colocar’.
91. Rio Boróro: Otúke *ouru*. Botocudo *aranko* ‘lago, pântano’. Karajá *bero*. Kaingáng: Palmas *war* ‘pântano’, Apucarana *ore* ‘lago’.
92. Estrada Botocudo *brom, emporong, mporõ*. Karajá *rã*. Jê: Proto-Jê

\**prĩ* Kayapó *pru*.

93. Correr Botocudo *apron*. Jê: Krahô *apron* (imp.), Kayapó *pron*.
94. Saliva Jê: Kadurukre *isũ*. Kamakã *jašo*.
95. sabor (afiado) Botocudo *areu*. Chiquito *ari* ‘chile, pimenta’.
96. Afiar Botocudo *angrak* ‘afiar’. Jê: Kayapó do Sul *žĩ-angro*.
97. Doente Botocudo *mãumãu*. Jê: Krahô *meo-ti* ‘eu estou doente’.  
Kaingáng: Kaingáng do Sul *amao*. Jabutí: Mashubi *mai* ‘ruim’
98. Cantar Botocudo *angrin*. Jê: Krahô *nrer* ‘som’, Kradaho *ngrere* ‘som’.  
Kaingáng: Came *angra* ‘dança’, Dalbergia *gringe* ‘dança’, Kamakã: Masakará *aggreamu*. Purí: Koroado *gangre* ‘som’.  
Koropo *gangre*.
99. Sentar-se Boróro: Umutína *imo* ‘ficar’. Boróro *ammu*, *ammi*, ‘ficar’.  
Botocudo *men*. Jê: Crengéz *moinj*. Maxakalí: Kapoxo *moinjam*, Makuni *muingniam*.
100. Pele Botocudo *kat*. Jabutí: Mashubi *čĩ-kati* ‘lábio’.
101. Pequeno Boróro –*rogo* (sufixo diminutivo). Ofayé *eri*, *erig*.
102. Fumar Botocudo *khun* ‘fumar tabaco’. Jê: Proto-Jê \**kũm*. Maxakalí *ɣõñ*.
103. Pedra Chiquito *kaã*. Jê: Proto-Jê \**ken*. Guató (*ma-*)*ku* Kamakã: Kamakã *kiñia*, Kotoxo *kẽa*, *kiang*. Purí: Purí *ukhua*, Koroado *uka*, *høka*. Jabutí: Arikapú *kra*.
104. Engolir Boróro: Otúke *oaketa* ‘comer’. Botocudo (*nun-*)*kot* ‘comer, engolir’.  
Kaingáng *god*.
105. Nadar Karajá *adobu*. Chiquito *topi* ‘banho’. Jê: Xavánte *darbi*.
106. Tirar Fulniô *ki*. Jê: Krenje *ake* ‘apanhar’. Kaingáng: Tibaji *ge*, *gi*.
107. Rasgar Chiquito *kukii*. Jê: Krenje *nto-kako* (*nto* = ‘olhos’)
108. Fino Boróro *aru* ‘ser fino’, Chiquito *aruboz* ‘estreito’, Jê: Apinajê *iræ*, Kayapó *ire*.

109. Jogar Boróro: Umutína *mi* ‘jogar’. Botocudo *amak* ‘empurrão’. Jê: Krahô *mēmen*, Crengesz *ame*, Karahô do norte *me* ‘perder, jogar fora’.
110. Assim Botocudo *han-han* ‘é assim’. Kaingáng *han* ‘é assim’. Maxakalí: Pataxó *han* ‘assim’.
111. Cansado Boróro: Umutína *kari* ‘preguiçoso’. Kaingáng: Kaingáng do sul *kere*.
112. Hoje Fulniô *te* ‘agora’. Kaingáng: Tibagi *ori*, Guarapuava *hori*. Purí: Koropó *hora*.
113. Dente Boróro *ito*, Otúke *itio*. Karajá *tju*. Chiquito *t<sup>s</sup>oo*. Jê: Proto-Jê *\*t<sup>s</sup>wa*. Guató *dijo* ‘boca’. Kaingáng: Tibagi *žá*, Catarina *nja*. Kamakã: Kamakã *ko*, *čõ*, Kotoxó *Dio*, Masakarã *thjo*. Maxakalí: Macuni *tsioi*, Monachobm *tšooi*, Purí: Coroado *čë*, Koropo *žë*. Jabutí (*hi*)-*do*.
114. Tartaruga Botocudo *ankut*. Karajá *katu*.
115. Andar Botocudo *pa* ‘ir, pisar’. Jê: Apinajé *pa*.
116. Lavar Boróro *kabi*. Guató *kuafu*. Kaingáng: Came, Tibagi, *Kupe*.
117. Vespa Boróro *miau*, *muiawo* ‘abelha’. Jê: Kayapó do norte *amiu*, Apinajé *amju*, Crengesz *amčy*.
118. Água Jê: Proto-Jê *\*ɲo*, *\*ɲočj*. Krenje *ko*, Chicriaba *ku*. Guató *ma-gũng*, *ma-guen*. Kaingáng *goi*, *ngo*. Kamakã: Koropo *kuang* ‘rio’.
119. Fraco Botocudo *niñok, ñeñok*. Maxakalí: Kapoxó *ñiña*.
120. Branco<sup>1</sup> Karajá *dora*, *taroite*. Chiquito *turasi*.
121. Branco<sup>2</sup> Boróro *kiga*. Jê: Kayapó *aka*, Krenje *aka*. Ofayé *oka*.
122. Mulher<sup>1</sup> Jê: Xavante *piko* ‘mulher, menina’, Xerente *pikõ*. Jabutí: Mashubi, Arikapu *pakuhe* ‘esposa’. Jabutí *pako*.
123. Mulher<sup>2</sup> Fulniô *de*, *dea*. Jê: Krenje *jiti*. Kaingáng: Catarina *t<sup>s</sup>i* ‘fêmea’. Maxakalí: Capoxo *ti*, Macuni *ati* ‘mulher, esposa’.

## ANEXO 2

Dados da língua Otúke (Créqui-Montford et Rivet, 1912)

1.	água	ouru
2.	abóbora	sibiare
3.	algodão branco	akihumari
4.	algodão molhado	kotjakoni
5.	amêijoas	atukua
6.	anis da savana	oho
7.	anta	kuhui
8.	antebraço	i-yunara
9.	aqueles	haxanana
10.	arara azul e amarela	karusane
11.	arara vermelha e arara colar amarelo	kaharu
12.	areia	huairi
13.	argila	roktu
14.	assustar	simiuru-kuku
15.	avestruz	hahari
16.	banana	aku
17.	barata	tjetjuvi—tarutu
18.	barba	tra-vihi
19.	batata	huaravo
20.	beija-flor	tjurara
21.	besouro	okane
22.	besouros	huatjoho
23.	bico	oho
24.	boa	etari
25.	boca	i-fiora
26.	bom, boa	emaka
27.	bonito	aniesokikia
28.	borboleta	kive
29.	braço	keara

30.	bugio preto	sehuetovo
31.	bugio vermelho	kutʃaku
32.	cabaça	aika
33.	cabelo, pelo	vuaka-vi
34.	cabelos	i-taho-vihi
35.	cachorro	siʃaara
36.	cacique matico	kananiru hare
37.	caminhe	a-nerutà
38.	camundongo	enohuari
39.	camundongo	enohuari
40.	cana de açúcar	tehai
41.	cantar	ohuarututa
42.	capivara	okivia
43.	caranguejo	rusa
44.	carcaju	sorekuni
45.	casa	huala
46.	cascavel	ahuaku
47.	casulo	kihe
48.	cegonha	ahukani
49.	centopeia	rektaka
50.	cera	surebori
51.	cérebro	taura-axute
52.	céu	huaru
53.	chicha	tʃoro
54.	chifres de veado	aktetʃo-kikia
55.	chifres	ukikua
56.	chorar	ahoeteta
57.	chover	verkototaxa
58.	cidra	buetoka
59.	cigarra	kehue
60.	cílios	i-reka-vi
61.	cobaia	uruhua

62.	coelho	ohuaru
63.	coluna	meheta
64.	comer	oaketa
65.	como você está?	amana-niake
66.	cormorão	itfitja
67.	criança menina	enoho
68.	criança menino	itfairoko
69.	crocodilo	erehe
70.	cunhado	i-poto
71.	cupim	makihe
72.	dá-me	iyura
73.	dançar	arereta
74.	de volta	i-miama
75.	dedo	i-yana
76.	dentes incisivos	i-tio
77.	dentes molares	tiaxarõ
78.	dia	neritjoki
79.	diabo	ufamo
80.	dormir	anutake
81.	ele	ikitja-ano
82.	engolir	tjoketane
83.	enguia	mono, mapo
84.	espátula	tokitoki
85.	esquilo	apoha
86.	estrela	ukema
87.	eu estou bem	imaxahe
88.	eu não quero	oraebie skate
89.	eu quero	ivia sike
90.	eu, mim	ikiifa-ofo
91.	face	i-tje
92.	falcão	kadetju
93.	feijão	karanahe

94.	feio	orovosokiete
95.	ferro e metal	neheri
96.	filha	eno
97.	fique aí!	amakata atja
98.	flecha	tehua
99.	flor	rikihu
100.	fogo	reru
101.	folha	rari
102.	formiga	ritfonekia
103.	formigueiro	kehivio
104.	fruta	boka
105.	gafanhoto	tjetjuhua
106.	galinha	utjiviaku
107.	galo	tjiviaku-huani
108.	ganancioso	kurora sirine
109.	gato heyra	sureuruni
110.	gato jaguatirica	ademakate
111.	gato	ahi
112.	grama	motjema-vi
113.	grilo	tjetjuve
114.	helater	tuhuaru
115.	hélices	nerেকে
116.	homem	vuani
117.	ibis bronze	aravo
118.	ibis de Cayenne	totota
119.	iguana	asema
120.	jaburu	huse-hemesera
121.	jacana	taraho
122.	jaguar	ahi
123.	jaritataca	kurifure
124.	lã	ovita-vi
125.	lábios grossos	okokate sirini

126.	ladrão	ihuixuxe
127.	lagarto	mamasane
128.	lagoa	ohaeta
129.	lampires	tuhareturutu
130.	laranja	buetoka
131.	larvas	ate
132.	lêndia	hehua
133.	leve você	aktopehe
134.	libélula	tjetjuvi-ohe
135.	lima	huetoka
136.	limão	huetoka
137.	lobo vermelho	rehe
138.	lombriga	muktore
139.	lontra	itfitfo
140.	lua	ari
141.	macaco	aatfo
142.	madeira queimada	seriki
143.	madeira, floresta	itura
144.	madeira	ako
145.	mandioca	tjuhu
146.	mãos	seni
147.	maquis nocturne	tjoketane
148.	martin pescador	atsamu
149.	matar	aetetake
150.	mel	subeoru
151.	melancia	rioka
152.	menino	i-tjaoro
153.	meu calcanhar	i-iviaroto
154.	meu coração	i-fo
155.	meu cotovelo	i-kiarato
156.	meu dedo do pé	i-vire-eno
157.	meu intestino	i-tjeuru



158.	meu irmão	i-yetaka
159.	meu joelho	iʃi
160.	meu jovem	i-tʃaoro
161.	meu pai	i-yoxa
162.	meu peito	i-kiapa
163.	meu pescoço	i-kio
164.	meu pulso	i-yuna-ra
165.	meu sangue	i-kioka
166.	meu tornozelo	i-viatʃone
167.	meu umbigo	i-tʃenapo
168.	meu ventre	i-yu
169.	meu: este é meu	etʃa ore aatʃo
170.	meus olhos	i-tʃaa, i-tʃaha
171.	meus ossos	i-lia
172.	meus testículos	i-viahukati
173.	mico leão da cara dourada	huikitʃaha
174.	milho amarelo	tʃatute
175.	milho	mutʃata
176.	minha bexiga	i-yure-tanavo
177.	minha bochecha	i-renara
178.	minha coxa	i-viora
179.	minha língua	i-tʃeru
180.	minha mãe	i-mana
181.	minha orelha	i-tʃaparara
182.	minha pele	i-rivi
183.	minha perna	i-la
184.	minha sombrancelha	i-reka-vi
185.	minha testa	i-tʃoara
186.	minhas costas	i-tʃura
187.	minhas nádegas	i-ʃu
188.	montanha	batari
189.	morcego	ketare

190.	mosquito	mase
191.	espécie de mosca	tʃokihohē
192.	muito ruim	setaki
193.	mulher	vuaneti
194.	música	oraruahahiko
195.	mutuca	tuvakare
196.	mutum	huse
197.	narinas	i-ʃeno poro
198.	nariz	i-ʃeno
199.	noite	huasahuitaha
200.	nós	sekiatʃo
201.	ombro	kiaroro
202.	ovo	huaha
203.	paca	okivia
204.	palha de milho	tʃatari vi
205.	palha	oro
206.	palma da mão	seni
207.	palma	tanari
208.	palmeira carundai	aratiti
209.	palmeira cuse	tohohui
210.	palmeira matacu	aciyuru
211.	palmeira totai	aki
212.	papo	huase
213.	pássaro de hornero	kekihi
214.	pássaro duque nacurutu	kuku
215.	pássaro juruva	evu
216.	pássaro kamichi	tatakome
217.	espécie de pássaro	detʃo
218.	pássaro noitibó-da-europa	kusaho
219.	pássaro pecui	liviota
220.	pássaro todidae	tʃurara
221.	pássaro troupiale chopi	tʃohosani

222.	pássaro yerutu	huataha
223.	pássaro	nahuahuofjo
224.	pato musqué	arematitfo
225.	pato	matasene
226.	pécari	suvuakarani
227.	pedra	tohori
228.	pegue	osehemate
229.	peixe surubim	orohuari
230.	peixe	aharo
231.	pelos pubianos	i-via-vihi
232.	perdiz	uvakuhua
233.	periquito amazônico	reho
234.	periquito	kitio
235.	pic acahi bleu ciel	aritfoho
236.	pico	enari
237.	piolho	hohuivike
238.	planta do pé	i-vire-egua
239.	plumas	navo
240.	polegar e outros dedos	seni
241.	pombo	ataxa
242.	porco	subutfa
243.	porco-espinho	kuritfuri
244.	pradaria	ohoro
245.	preguiça	opohema
246.	puma	akotjakune
247.	quati marrom e vermelho	uktahi
248.	raposa tricolor	oka
249.	raposa	hararakabe
250.	rato madeira	kahaka
251.	rato topeira	ohore
252.	rio	ouru
253.	rir	otfututa

254.	ruim	tʃirimaha
255.	sagui	ooroʃoahe
256.	sal	maktabu
257.	sapo	huarakaka
258.	sapo	ahuaku
259.	seio de mulher	i-miaura
260.	semente	ohate
261.	serpente	etarehohe
262.	sol	neri
263.	tabaco	tʃaha
264.	espécie de tamanduá	huekitʃa
265.	tamanduá	apohe
266.	tântalo	ahuokani
267.	tartaruga de água	utse
268.	tartaruga	rerikeke
269.	tatu bola	atotʃa
270.	tatu coberto	ohuaru
271.	tatu gigante	huatari
272.	tatu peba	rosoho
273.	terra	moktuhu
274.	trovão	vetororova
275.	tucano	axo
276.	unha dele	o-reki
277.	urubu rei	akarakapa
278.	veado bira	huaroa
279.	veado pudu	akteʃo
280.	veado pyta	oroykia
281.	veado ti	oroykia
282.	veias	kiara-tʃeuru
283.	veja	aretake
284.	velho	eadí
285.	venha	ate

286.	vento	vuauru
287.	verge	i-viaha
288.	vespa	ohue
289.	voar	ruka
290.	vulva	vavenesitia